

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

RAQUEL ADRIANO MOMM MACIEL DE CAMARGO

**A CONSTITUIÇÃO DA IDENTIDADE DO EMPREENDEDOR EM EDUCAÇÃO  
SOB A PERSPECTIVA DO INTERACIONISMO SIMBÓLICO**

CURITIBA  
2016

RAQUEL ADRIANO MOMM MACIEL DE CAMARGO

**A CONSTITUIÇÃO DA IDENTIDADE DO EMPREENDEDOR EM EDUCAÇÃO  
SOB A PERSPECTIVA DO INTERACIONISMO SIMBÓLICO**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Administração, Linha de Pesquisa em Estratégia e Análise Organizacional, Programa de Pós-Graduação em Administração, Setor de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal do Paraná, como parte das exigências para a obtenção do título de Mestre em Administração.

Orientadora: Prof. Jane Mendes Ferreira

CURITIBA  
2016



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
Setor CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS  
Programa de Pós Graduação em ADMINISTRAÇÃO  
Código CAPES: 40001016025P6

### TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em ADMINISTRAÇÃO da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da Dissertação de Mestrado de **RAQUEL ADRIANO MOMM MACIEL DE CAMARGO**, intitulada: "**A CONSTITUIÇÃO DA IDENTIDADE DO EMPREENDEDOR EM EDUCAÇÃO SOB A PERSPECTIVA DO INTERACIONISMO SIMBÓLICO**", após terem inquirido a aluna e realizado a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua Aprovação.

CURITIBA, 05 de Dezembro de 2016.

  
JANE MENDES FERREIRA FERNANDES  
Presidente da Banca Examinadora (UFPR)

  
MARIANE LEMOS LOURENÇO  
Avaliador Interno (UFPR)

  
MAYLA CRISTINA COSTA  
Avaliador Externo (UFPR)

## DEDICATÓRIA

*Para o Derly, com muito carinho.*

## AGRADECIMENTO

Sinto-me tão devedora do cuidado imerecido que tive de tantos para trilhar essa trajetória, que escrever esse agradecimento, a esperada e a derradeira folha a ser escrita para essa dissertação torna-se deveras trabalhoso.

O primeiro agradecimento é a Ele, que me permitiu concretizar um sonho acalentado a anos em meu coração: fazer um Mestrado. Não mais cedo nem mais tarde do que no tempo que Ele me concedeu, mas no tempo certo que Ele preparou para isso. Obrigada Senhor!

Agradeço à minha querida orientadora Jane Mendes Ferreira por ter me dado a oportunidade de ser sua orientanda! Fui privilegiada em poder aprender diretamente com você! Entre tantas aprendizagens importantes da vida acadêmica, me ensinou em focar em objetivos claros em cada etapa dessa trajetória. Deu certo! MUITÍSSIMO obrigada!

À minha maior inspiração para trilhar e para concluir esse curso, que sempre me deixa claro que desistir nunca é uma opção. Meu amor, marido, sócio, pai de nossos filhos, que neste período e abriu mão de coisas com as quais se importa, para que eu pudesse continuar. Você me faz uma pessoa melhor! Obrigada Derly!

Para Sarah minha filha querida, de quem tenho muito orgulho e em quem me inspiro para levantar quantas madrugadas forem necessárias para dar conta de fazer o que tiver que ser feito. Para mim você é sempre dez!

Ao meu filho Pedro Henrique, alegria e lembrança que cada um de nós coloca sua marca, seu jeito de ser ao fazer algo. Sua forma de fazer as coisas darem certo sempre continuará a me surpreender.

Aos meus amados pais Pedro e Bernardina Momm que me inspiram a dar o melhor de mim, e a sempre confiar em Deus. Mesmo com a saúde debilitada e requerendo tantos cuidados vocês sempre tinham uma palavra para me apoiar. Obrigada pelas orações!

À professora Mariane Lemos Lourenço, presente nesta trajetória desde a primeira semana de aula até a defesa da dissertação, e à professora Mayla Costa: muito obrigada por participarem da minha banca! Aos professores Natália Rese, Gustavo Abib, José Frega, Yara Bulgacov, Karina Roglio e Adriana Takahashi. Muito obrigada!

Aos colegas de mestrado, Vanusa, Dafne, Lilian, André e Fabrício. Obrigada por partilharmos junto esse momento. Meu agradecimento aos doutorandos Eduardo Villar e Marcos Corrêa e à doutora Simone Ramos pelo apoio sempre pronto aos novatos.

Meu reconhecimento ao trabalho dos empreendedores participantes da pesquisa: muito obrigada por me permitirem conhecer um pouco de suas histórias e trajetórias!

Meu agradecimento e reconhecimento à melhor das equipes: à equipe do Centro Educacional Evangélico que cuidou de tudo com tanto esmero durante os meus períodos de afastamento. Vocês são os melhores!

Meu grande abraço e obrigada também para minha irmã Juceli, e minha sobrinha Julia. Mesmo à distância sei que vocês sempre torceram por mim!

## EPÍGRAFE

*Porque agora vemos por espelho em enigma,  
mas então veremos face a face.*

I Coríntios 13.12

## RESUMO

O campo de estudos em empreendedorismo é um campo jovem, com conceitos construídos a partir da contribuição de diferentes áreas tais como a economia, a psicologia e a sociologia. Dada a contribuição que o empreendedorismo tem dado às sociedades atuais, no campo da economia, das oportunidades sociais e da realização humana, emerge a necessidade de os estudos acadêmicos trazerem sua contribuição prática para a compreensão de como emerge a figura do empreendedor, este compreendido como o motor impulsionador de todo o processo empreendedor. Dentre as possibilidades de estudo da constituição da identidade do empreendedor, o Interacionismo Simbólico surge como uma alternativa que permite uma melhor compreensão da temática dentro do próprio contexto onde o indivíduo está inserido. Sendo a educação privada a nível de educação básica, uma área dominada por perspectivas teóricas humanistas e dissociadas das lógicas empresariais e financeiras, o estudo da constituição da identidade do empreendedor em educação apresenta elementos enriquecedores na condução deste estudo. A partir da compreensão que o indivíduo tem uma identidade, ou um **Self**, este composto por uma parte mais estável e de difícil acesso, o **I** e outra mais visível, e observável empiricamente, o **Me**, este trabalho visou investigar como se dá a constituição da identidade do empreendedor em educação sob a perspectiva do Interacionismo Simbólico. Os procedimentos metodológicos utilizados foram de uma pesquisa exploratória, de campo, de natureza qualitativa, de corte transversal com análise longitudinal com delineamento de estudo qualitativo básico realizada com empreendedores *experts* do setor de educação privada. A partir dos resultados da pesquisa pode-se denotar que a constituição da identidade do empreendedor em educação na perspectiva do Interacionismo Simbólico ocorre a partir dos significados atribuídos pelo indivíduo às interações que vivencia no decorrer de sua carreira de formação e profissional, de forma que os conteúdos que compõem o papel de empreendedor em educação passam a constituir o **Me** compreendido como a parte mais visível de seu **Self**.

**Palavras-chave:** Empreendedorismo. Identidade do Empreendedor. Educação Privada. Interacionismo Simbólico.

## ABSTRACT

The field of study in entrepreneurship is a young field, with concepts built from the contribution of different areas such as economics, psychology and sociology. Given the contribution that entrepreneurship has given current companies in the field of economy, social opportunities and human achievement, emerges the necessity of academic studies to bring their contribution to the understanding of how emerges the figure of the entrepreneur, this understood as the is driving force the process entrepreneur. One of the possibilities of studying the Constitution of identity of the entrepreneur, the symbolic interactionism is an alternative that allows a better understanding of the subject within the context where the individual is inserted. Being the private education at the level of basic education, an area dominated by theoretical perspectives humanists and the financial and business logic separated, the study of the Constitution of identity of the entrepreneur in education presents rich elements in the conduct of this study. From the understanding that the individual has an identity, or **Self**, this compound by a most stable and difficult to access, **I** and other more visible, and empirically observable, the **Me** this work aims to investigate how the Constitution of identity of the entrepreneur in education under the perspective of symbolic interactionism. The methodological procedures used were from an exploratory, field, qualitative, transversal cutting with longitudinal analysis with a basic qualitative study carried out with private entrepreneurs' expert entrepreneurs. From the results of the research can be denoted that the constitution of the identity of the entrepreneur in education in the perspective of Symbolic Interactionism occurs from the meanings attributed by the individual to the interactions that he experiences in the course of his training and professional career, so that the contents that make up the role of entrepreneur in education become the **Me** understood as the most visible part of his **Self**.

**Keywords:** Entrepreneurship. Identity of the Entrepreneur. Private Education. Symbolic Interactionism.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	<b>11</b>
1.1 DELIMITAÇÃO DO TEMA .....	14
1.2 PROBLEMA DE PESQUISA .....	14
1.3 OBJETIVOS DA PESQUISA .....	14
1.3.1 Objetivo Geral .....	14
1.3.2 Objetivos Específicos .....	14
1.4 JUSTIFICATIVA TEÓRICA E PRÁTICA .....	14
<b>2 REFERENCIAL TEÓRICO</b> .....	<b>18</b>
2.1 Empreendedorismo e estado da arte .....	18
2.2 A identidade empreendedora .....	24
2.3 A identidade empreendedora e o interacionismo simbólico .....	30
<b>3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</b> .....	<b>47</b>
3.1 CONCEITUAÇÃO DOS TERMOS .....	49
3.1.1 Empreendedor .....	50
3.1.2 Identidade .....	50
3.2 CLASSIFICAÇÃO DA PESQUISA .....	51
3.3 DELINEAMENTO DA PESQUISA .....	52
3.4 PARTICIPANTES DA PESQUISA .....	53
3.5 TÉCNICAS DE COLETA E ANÁLISE DOS DADOS .....	54
3.6 VALIDADE E CONFIABILIDADE .....	58
3.7 LIMITAÇÕES DA PESQUISA .....	59
<b>4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS</b> .....	<b>61</b>
4.1 CONTEXTO BRASILEIRO DA EDUCAÇÃO PRIVADA .....	61
4.2 OS PARTICIPANTES DAS ENTREVISTAS E SUAS TRAJETÓRIAS .....	65
4.3 CRITÉRIOS NA ANÁLISE DOS RESULTADOS .....	70
4.4 A IDENTIDADE DO EMPREENDEDOR EM EDUCAÇÃO .....	71
4.4.1 Empreendedores ou Empreendedoras em Educação .....	72
4.4.2 Professores ou Empreendedoras em Educação .....	86
4.5 OS PAPÉIS DO EMPREENDEDOR EM EDUCAÇÃO .....	95
4.5.1 O cenário .....	96
4.5.2 O figurino .....	96
4.5.3 A plateia .....	100
4.5.4 Conteúdos do Papel de Empreendedor em Educação Privada .....	102
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>106</b>
5.1 CONCLUSÕES .....	109
5.2 CONTRIBUIÇÕES TEÓRICAS E EMPÍRICAS .....	110
5.3 RECOMENDAÇÕES DE ESTUDOS FUTUROS .....	111
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>112</b>
<b>GLOSSÁRIO</b> .....	<b>119</b>

**APÊNDICE – COMPARATIVO DOS CRONOGRAMAS ..... 123**

## 1 INTRODUÇÃO

Dentro do contexto de livre iniciativa e cultura ocidental, o empreendedorismo, tem emergido como um fenômeno de interesse de diferentes nações e tem sido reconhecido por seu aspecto social e econômico. Uma das evidências disso é que quase 100 países aderiram ao projeto de pesquisa sobre o empreendedorismo do Global Entrepreneurship Monitor - GEM na tentativa de mensurar a taxa de atividade empreendedora dos seus países. (GEM, 2015). No Brasil, 34,5% da população é considerada empreendedora, quando considerados os critérios do GEM. (GEM, 2015). No entanto, a importância do empreendedorismo vai além do aspecto econômico, e nesse sentido, a academia também tem se interessado pelo fenômeno. O aumento das pesquisas acadêmicas sobre o tema, sua consequente publicação em periódicos e a organização de eventos especializados no empreendedorismo podem se constituir também como indicativo de tal interesse. (FILION, 1999; FERREIRA; PINTO; MIRANDA, 2015).

Os estudos sobre o empreendedorismo têm despertado interesse de acadêmicos de várias correntes teóricas incluindo as ciências humanas e sociais. (FILION, 1999). Dessa forma, os conceitos e conhecimentos são construídos a partir de diferentes perspectivas que utilizam a economia, a psicologia, a sociologia, dentre outros (VALE; CORREA; REIS, 2014; VERGA; SILVA, 2015), gerando diferentes percepções sobre quem é o empreendedor e conceitos de empreendedorismo. Esse é um dos motivos pelos quais diversos autores tentam explicar a falta de consenso no campo do empreendedorismo e das diferentes definições do empreendedor. (FILION, 1999; BUSENITZ et al., 2003; CAMPOS; PARELLADA; PALMA, 2012; ÉSTHER; RODRIGUES; FREIRE, 2012; FILARDI; BARROS; FISCHMANN, 2014; FERREIRA; PINTO; MIRANDA, 2015).

Esta diversidade não precisa ser vista como negativa, pelo fato que indica que os diferentes olhares sobre o empreendedorismo podem ampliar a compreensão a respeito do fenômeno. (FILION, 1999; CAMPOS; PARELLADA; PALMA, 2012). E tais olhares podem permitir que o campo de estudos em empreendedorismo continue evoluindo. (ÉSTHER; RODRIGUES; FREIRE, 2012, FERREIRA; PINTO; MIRANDA, 2015).

Dentre as possibilidades de estudo do empreendedorismo, a partir dos construtos de outras disciplinas, precisa ser evidenciado o Interacionismo Simbólico (IS), perspectiva que emerge do campo de estudo da sociologia, (BECKER, 1999; NUNES, 2005) e pode trazer contribuições para a pesquisa sobre o empreendedor, ao proporcionar a compreensão desse indivíduo a partir de sua própria perspectiva de interação com o meio onde está inserido. No IS, o indivíduo interage não apenas com os outros, mas também consigo próprio, significando e resignificando as suas ações. (NUNES, 2005).

Dessa forma, o Interacionismo Simbólico possibilita a compreensão, a partir do ponto de vista do próprio indivíduo, de como ele interage com os outros e consigo próprio a partir da expectativa social que existe em relação ao papel de empreendedor. Considera-se, nesta perspectiva, que o indivíduo que passa a empreender age tal qual um ator no desempenho de seu papel e, apesar de tal indivíduo poder interpretar as expectativas, ele não deve transgredir o *script* previamente definido para o papel, sob o risco de exposição, vergonha e vexame. (GOFFMAN, [1984], 2014).

Strauss ([1959], 1999) ao abordar o tema identidade em 'Espelhos e Máscaras' utilizado como base teórica de identidade deste trabalho, já considerava que o termo identidade era utilizado por tantos autores e perspectivas, que ele não achava oportuno trabalhar em uma nova definição do termo identidade. Isso porque, pela própria perspectiva de interação na sociedade utilizada por Strauss ([1959], 1999) transformar a questão da identidade num termo estático não seria coerente. Segundo Ennes (2013) a escolha do termo 'identificação' ou ainda 'processos identitários' seria mais desejável em decorrência da ampla utilização do termo identidade, em contextos em que seria mais adequado a construção de outros termos. Vale ressaltar, porém, que mesmo conhecendo tal indicação, optamos por manter o termo identidade neste trabalho de forma a mantê-lo mais coerente com a obra de Strauss ([1959], 1999) sobre a temática.

A identidade, para Lourenço, Vogt e Correa (2014) é um tema que tem sido abordado nos estudos organizacionais em diferentes níveis de análise: do indivíduo, dos grupos e das organizações. Portanto, indicamos que o nível de análise utilizado neste trabalho é o da análise a nível individual, ressaltando-se que essa identidade é constituída em interação com o ambiente onde o indivíduo está inserido, e, portanto, a partir da expectativa social a respeito dos papéis que o indivíduo desempenha.

Dessa forma, o ponto de vista daquele que vivencia a experiência de empreender torna-se um elemento importante para entender como se dá a constituição da identidade deste indivíduo. (ÉSTHER; RODRIGUES; FREIRE, 2012). Isso porque, tem-se como objetivo geral desse trabalho, investigar como se dá a constituição da identidade do empreendedor do setor de educação sob a perspectiva do Interacionismo Simbólico. Este objetivo desdobra-se em três objetivos específicos que são: relatar qual é o significado de 'ser empreendedor' na ótica do próprio indivíduo que representa esse papel; verificar quais são atividades práticas, que o indivíduo desempenha em sua relação face a face por atribuir a essas atividades o significado do que é ser empreendedor e, identificar qual é o conceito que o indivíduo forma a respeito de si próprio ao desempenhar o papel de empreendedor.

Entre os diversos setores onde atuam os empreendedores, foi selecionado o setor da educação, em primeiro lugar, por ser um dos setores onde a questão do conflito na questão da identidade, que é abordado por Strauss ([1959], 1999) é esperado. Isso nos casos que o empreendedor em educação tem na sua socialização um vínculo com a área de educação, seja através da sua formação de magistério, de pedagogia, da prática docente, ou forte vivência em sua socialização primária no contexto profissional de professores, e passa a atuar no mundo empreendedor, onde é vigente a lógica dos negócios. Isso porque para uma pessoa que constituiu sua carreira profissional como professor, e fez a **tomada do papel** de empreendedor no setor da educação privada, a **definição de situação** pode trazer aspectos conflitantes entre o *script* socialmente construído entre os dois papéis.

Em segundo lugar em relação ao setor selecionado, considerou-se transparente apresentar a relação da pesquisadora com o referido setor, tendo em vista que atua no ramo de empreendedorismo privado a quase duas décadas. A pesquisadora reconheceu nos extratos de fala dos entrevistados, situações nas quais se viu no espelho, e das quais nunca se havia percebido. Exemplo disso, o fato que os empreendedores entrevistados mantêm como sua principal referência identitária no que se refere à profissão, o nome da profissão que já exerciam antes de tornarem-se empreendedores em educação. Da mesma forma, a percepção da manutenção do rótulo profissional de 'psicóloga' sempre adotado por esta pesquisadora desde o término desta graduação, emergiu em decorrência das análises realizadas durante a pesquisa.

## 1.1 DELIMITAÇÃO DO TEMA

O empreendedorismo é o tema principal deste trabalho. No entanto, o Interacionismo Simbólico é perspectiva teórica a partir da qual o fenômeno foi investigado.

## 1.2 PROBLEMA DE PESQUISA

***Como se dá a constituição da identidade do empreendedor do setor de educação sob a perspectiva do Interacionismo Simbólico?***

## 1.3 OBJETIVOS DA PESQUISA

O objetivo geral da pesquisa, e os três objetivos específicos estão apresentados a seguir.

### 1.3.1 Objetivo geral

Investigar como se dá a constituição da identidade do empreendedor do setor de educação sob a perspectiva do Interacionismo Simbólico.

### 1.3.2 Objetivos específicos

1. Relatar qual é o significado de 'ser empreendedor' para o indivíduo que representa esse papel, no sentido de **definição da situação**.
2. Verificar quais os conteúdos que compõem o papel que o empreendedor desempenha em sua relação face a face por meio da **tomada de papéis**.
3. Identificar qual é o conceito que o indivíduo forma a respeito de si ao desempenhar o papel de empreendedor, por meio do **Self**.

## 1.4 JUSTIFICATIVA TEÓRICA E PRÁTICA

Através das publicações é possível acompanhar as pesquisas que têm sido realizadas sobre um determinado tema. No Brasil, a primeira revista a focar as publicações em empreendedorismo foi criada em 2012 e até o primeiro trimestre de 2016 teve apenas uma contribuição que tratava especificamente da questão da identidade empreendedora (ÉSTHER; RODRIGUES; FREIRE, 2012), e um outro

artigo que em seu contexto apresenta a questão do desempenho de papéis por mulheres e homens empreendedores (DE GOUVÊIA; SILVEIRA; MACHADO, 2013). Tal constatação corrobora com a constatação de Ésther, Rodrigues e Freire (2012) que os estudos sobre identidade do empreendedor ainda são iniciantes.

De forma geral, pode-se iniciar a justificativa teórica apresentando que o tema empreendedorismo é jovem em relação aos estudos organizacionais e tem recebido crescente atenção nos estudos acadêmicos que indicam que o campo possui amplo espaço para pesquisas com perspectivas relevantes para a compreensão do empreendedorismo e do empreendedor. (FILION, 1999; ÉSTHER; RODRIGUES; FREIRE, 2012; FERREIRA; PINTO; MIRANDA, 2015) Dentro do jovem campo de estudos, as publicações sobre a identidade do empreendedor são iniciantes, e sugerem novas pesquisas nesta área. (ÉSTHER; RODRIGUES; FREIRE, 2012).

Nos estudos sobre identidade, Ennes (2013) apresenta o Interacionismo Simbólico como uma perspectiva com potencial de relevante contribuição para a realização de pesquisa do que diz respeito aos processos identitários. Neste mesmo sentido, Silva (2016) apresenta o Interacionismo Simbólico como uma perspectiva ao estudo do empreendedor, ao evidenciar que o conjunto das características desejáveis não pode por si só dar conta de uma compreensão mais plena sobre quem é este indivíduo. Ainda no projeto de Ferreira (2014) aprovado junto à CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - e no trabalho de Carvalho (2016) percebe-se a relevância da perspectiva do IS para o estudo da identidade do empreendedor. Isso ocorre porque esse é um papel constituído socialmente e o indivíduo ao desempenhá-lo, interage com seu meio e consigo próprio, de forma que o desempenho do papel passa a ser um importante elemento da constituição da identidade do indivíduo. (ENNES, 2013; FERREIRA, 2014; SILVA, 2016; CARVALHO, 2016)

Além de existirem poucos trabalhos que tratam essa temática, é possível através do Interacionismo Simbólico pesquisar os papéis profissionais desempenhados pelos indivíduos e a forma como a visão que os indivíduos têm de si próprios modificam a partir do desempenho desses papéis. O significado atribuído ao papel de empreendedor, a intensa atividade mental do indivíduo ao tomá-lo e o modo como o desempenho desse papel constitui-se na própria identidade são analisados a partir da visão do indivíduo que vivencia a experiência de empreender.

Por esse motivo, a perspectiva do Interacionismo Simbólico (IS) pode contribuir para a compreensão de como o empreendedor constitui sua identidade, permitindo ir além da descrição heroica de características desejáveis ao possibilitar a investigação do tema a partir do indivíduo que inicia o empreendimento e na interação constrói a sua identidade ao evidenciar e desenvolver as características que lhe são atribuídas como esperadas para o desempenho de seu papel. (CARLAND et al., 1984, SILVA, 2016)

Em relação à justificativa prática, entende-se que sendo o empreendedorismo relevante para a economia e para a sociedade brasileira, este trabalho por si só pode ser justificado. Evidência disso é que, em 2014 no Brasil, um total de 34,5 por cento de sua população foi identificada como empreendedores, de acordo com os critérios utilizados pelo Global Entrepreneurship Monitor, e a quantidade de empreendedores no país vem apresentando crescimento desde o ano de 2011. (GEM, 2015). Outro dado relevante é que o número de empreendedores estabelecidos, ou seja, aqueles que estão envolvidos em empreendimentos que sobreviveram aos primeiros três anos e meio desde sua fundação cresceram desde 2012, o que indica a diminuição dos empreendimentos que vão à falência nos primeiros 42 meses de existência. (GEM, 2015). Esses são alguns dos dados que demonstram parcialmente a relevância que a atividade empreendedora tem para a economia e para a sociedade no Brasil.

Por isso, tornou-se desejável compreender porque e como as pessoas se tornam empreendedoras. Isso tanto para as políticas de estímulo ao empreendedorismo, como para os educadores envolvidos na formação de empreendedores. (SEGAL; BORGIA; SCHOENFELD, 2005). As pesquisas sobre o tema têm a implicação prática de auxiliar no planejamento de ações de educação para o empreendedorismo (RAMOS, 2015), bem como forma auxiliar na criação de políticas e programas educacionais de incentivo à formação de empreendedores. (HSIEH, 2005).

Ao pesquisar a constituição da identidade do empreendedor surge a possibilidade de conhecer a partir da visão do indivíduo que vivenciou a experiência, o modo como ele constituiu sua identidade. Isso possibilita trazer para as políticas de incentivo ao empreendedor e das ações educacionais relacionadas ao tema, um olhar mais amplo e humanizado a respeito do indivíduo empreendedor, despertando o interesse pela forma que o indivíduo interage com o seu meio e consigo próprio, ao invés de vê-lo somente como o detentor de conjunto de características desejáveis.

Essa perspectiva pode contribuir para que os programas de formação de empreendedores e as atividades educativas sobre empreendedorismo estabeleçam suas linhas de ações mais relacionadas com as suas comunidades locais, através da percepção que os empreendedores se constituem como tal, nas suas interações com as expectativas da sociedade onde estão envolvidos, e na sua interação consigo próprios, significando e ressignificando o que é ser empreendedor.

Dessa forma, a compreensão que os significados são partilhados pela sociedade, mas também mantidos, modificados ou ressignificados pelos indivíduos que fazem parte dela, pode auxiliar com as questões que podem afetar a identidade das pessoas que empreendem. Além disso, a importância para os indivíduos que se tornam empreendedores de lidarem com questões subjetivas que surgem na trajetória, é uma forma de evitar um peso extra sobre os ombros desses indivíduos, que poderia vir a ser exteriorizada na forma de desequilíbrios na saúde e nas emoções do empreendedor.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

O referencial teórico deste trabalho foi organizado inicialmente no projeto da pesquisa em três tópicos de forma a auxiliar a apresentação dos estudos clássicos a respeito do tema empreendedorismo e estado da arte, introduzir a questão dos estudos sobre identidade do empreendedor e finalmente, apresentar o tema da identidade empreendedora a partir da ótica do Interacionismo Simbólico (IS), trazendo os principais termos da perspectiva. Por ocasião da apresentação dos resultados, julgou-se oportuno incluir um quarto tópico, relacionado ao setor da educação privada para permitir ao leitor uma maior compreensão sobre o segmento. Sempre que possível, a questão da identidade foi apresentada de forma conjunta com o indivíduo empreendedor. Também na apresentação dos termos do IS foi utilizado preferencialmente o indivíduo que desempenha o papel de empreendedor como o principal exemplo em substituição à denominação mais geral de 'ator' utilizada no IS para referir-se de modo geral ao indivíduo no desempenho de um papel.

### 2.1 EMPREENDEDORISMO E ESTADO DA ARTE

Iniciou-se o tema com uma apresentação básica do histórico do estudo do empreendedorismo seguido de um panorama das últimas pesquisas sobre o empreendedorismo e o empreendedor. Para o histórico utilizou-se a sequência de contribuições provenientes da economia, e das contribuições pioneiras da psicologia e da sociologia, de forma a introduzir o tema a partir dos autores relacionados às origens do campo de estudos e, portanto, sem pretensão de esgotar as contribuições relevantes que o campo de estudos recebeu ao longo dos anos.

De acordo com Fillion (1999), o primeiro autor a trazer a visão total do que é ser empreendedor, e um dos pioneiros do empreendedorismo, é Cantillon. Sua obra 'Ensaio sobre a Natureza do Comércio em Geral' classificada entre as obras dos grandes economistas, foi publicada sem impacto. (FIGUEIRA, 2002). Nesta obra, Cantillon ([1755], 2002) descreve o empreendedor, ao apresentar o risco da produção de gêneros quando um arrendatário de terra se compromete ao pagamento de um valor fixo pelo uso da terra, mas não pode prever com certeza o lucro que poderá obter com sua produção depois de vendê-la por um preço incerto e descontar suas

despesas de produção e de transporte. Dessa forma, Cantillon ([1755],2002) traduz a incerteza e o risco que envolvem a atividade do empreendedor, ao descrever aquele que circula mercadorias do campo para a cidade, comprando-as de uma só vez por um preço certo e vendendo-as pouco a pouco de acordo com a necessidade das pessoas por um preço que não pode ser precisado *a priori*. Esse cenário de incerteza, faz do empreendedor o indivíduo que absorve o risco, e conseqüentemente aquele que não tem um salário certo, enquanto seus funcionários, e o proprietário da terra que ele arrendou o têm. (CANTILLON, [1755], 2002). Vale salientar que Cantillon ([1755],2002) explica como emerge a figura do empreendedor e o modo que ele se propõe a correr riscos a partir de uma descrição abundante do contexto social e histórico do ambiente onde este indivíduo vive e interage.

Ainda para Filion (1999) Jean Baptiste Say também está na origem dos estudos do empreendedorismo. Ele foi o segundo autor a preocupar-se em compreender o empreendedor, atribuindo da mesma forma que Cantillon ([1755],2002), a característica do empreendedor ser um indivíduo que corre riscos ao fazer investimento de seus próprios recursos. (FILION, 1999). O pioneirismo do trabalho de Say é evidenciado como o primeiro a apresentar a distinção entre o que é ser empreendedor e o que é ser capitalista, e ao distinguir também a forma como cada um deles obtém seus lucros. (FILION, 1999).

No entanto, Schumpeter é o autor mais frequentemente citado quando se fala de empreendedorismo. Isso porque Schumpeter traz a definição da área do conhecimento que hoje é conhecida como empreendedorismo, quando associa a figura do empreendedor ao conceito de inovação e mudança, relacionando-o ao desenvolvimento da economia. (FILION, 1999).

Schumpeter ([1934]1982) dá ênfase à figura do empreendedor, e traz o conceito que o ato de empreender é a capacidade da “realização de combinações novas”. (1982, p. 54). Ele reconhece que é necessário dispor de muita “força de vontade nova” para que seja possível entre os diversos afazeres diários dispor de tempo e energia para criar algo novo, para transformar um sonho numa “possibilidade real” e indica que existe algo peculiar, ou até mesmo admirável, na pessoa do empreendedor, que além de visualizar seus sonhos como realidade busca reunir os recursos necessários para transformá-los em tal. (SCHUMPETER, [1934]1982, p. 61).

Dessa forma, a inovação, a capacidade de transformar um futuro idealizado ou imaginado em realidade, e a combinação de novos elementos, são apresentadas como características inerentes ao empreendedor. (SCHUMPETER, [1934]1982).

Apesar de Schumpeter ser relacionado predominantemente à economia e a inovação nos estudos sobre o empreendedorismo, a leitura do próprio autor demonstra que a motivação do indivíduo em empreender é abordada por ele ([1934]1982) muito além dos limites da economia, e da inovação, pois na sua obra já são apresentadas também explicações sociais e psicológicas para a iniciativa de empreender do indivíduo. Para o autor, reside nas características pessoais do empreendedor a motivação para gerar a inovação e a mudança. (SCHUMPETER, [1934], 1982; VALE; CORREA; REIS, 2014). A preocupação de Schumpeter ([1934], 1982) com o empreendedor foi um marco nos estudos do empreendedorismo e refletiu em outros campos das ciências, como o caso da psicologia.

Isso porque para Schumpeter ([1934]1982) o empreendedor utiliza-se de um processo que pode ser denominado de criação destrutiva quando, ao criar novas combinações e trazê-las para o mercado, torna obsoletas algumas práticas ou produtos que até então tinham sua valorização garantida. A compreensão desta nova combinação é analisada para muito além da lógica econômica por Sennett (2009), em a Corrosão do Caráter. De acordo com Sennett (2009) ao demonstrar a criação destrutiva do empreendedor, Schumpeter ([1934],1982) evoca a figura de um ser humano excepcional, que está vivendo constantemente no limite, e que essa característica de correr riscos pode ser encarada como uma forma de rejuvenescimento e de manter-se com as energias constantemente carregadas.

Mas os comportamentalistas vão além, ao buscar desvendar as características psicológicas do comportamento do empreendedor. Isso porque enquanto para os economistas o estudo do empreendedorismo permite uma visão de compreender o desenvolvimento econômico, a pesquisa dos behavioristas ou comportamentalistas procurou a compreensão do empreendedor enquanto pessoa. (FILION, 1999). Para Vale, Corrêa e Reis (2014) quem inseriu a dimensão psicológica entre as explicações para o progresso econômico foi McClelland. O autor fez isso ao retirar das oportunidades do ambiente externo o foco dos fatores que levam os indivíduos a explorar as oportunidades e desenvolver novos negócios. (McCLELLAND, 1971). McClelland situa o desejo íntimo de realização pessoal, de

realizar as coisas da melhor maneira como uma das mais importantes motivações humanas.

A partir de McClelland (1971) surgiram diversas pesquisas empíricas que indicam nos indivíduos empreendedores uma estrutura motivacional distinta, onde estão presentes características como liderança, persistência, determinação e disposição em assumir riscos moderados. (McCLELLAND, 1971; VALE; CORREA; REIS, 2014). Carland et. al. (1984) mapearam esses estudos e as características que são apontadas como presentes em maior intensidade nos empreendedores do que nos demais indivíduos. São elas: capacidade de correr riscos, necessidade de realização, necessidade de poder, desejo de independência, desejo de responsabilidade, busca de autoridade formal, inovação, criatividade, iniciativa, autoconfiança, entre outros. (CARLAND et al., 1984).

A presença das qualidades desejáveis do empreendedor e a expectativa da forma que ele deve comportar-se não se limita aos estudos acadêmicos, mas chega também à mídia destinada à empreendedores. Recentemente Silva (2016) pesquisou as características do empreendedor na mídia especializada em negócios no Brasil num período de dez anos. Os achados de Silva (2016) indicaram que o empreendedor é apresentado nas revistas voltadas ao empreendedor sempre como um homem com vocação para o seu negócio, com boa aparência, com muitas características positivas, capacidade de lidar com inúmeras situações, e que dedica todo o seu tempo ao sucesso de seu negócio; se ele tem sucesso financeiro, não lhe é requerido que tenha conhecimento formal, mas caso ainda não conseguiu enriquecer o insucesso à falta desse conhecimento. Seu trabalho indica ainda que existe um *script* definido da expectativa de vestuário do empreendedor, e que o empreendedor passa a servir ao ser próprio empreendimento, ao invés de servir-se dele. (SILVA, 2016).

No campo de estudos da sociologia, destacamos a contribuição da obra de Weber ([1905], 2004), para os estudos do empreendedorismo; embora seja necessário salientar que Weber ([1905], 2004), não escreveu a respeito do empreendedor. Mesmo assim, o trabalho de Weber ([1905], 2004), é apropriado pelos estudiosos do empreendedorismo porque ele tem a capacidade explicar a origem do capitalismo moderno por meio de certos comportamentos sociais.

Weber ([1905], 2004), ao procurar as explicações para as origens do espírito do capitalismo, traz sua contribuição sociológica aos estudos sobre o empreendedor, quando indica a importância dos fatores sociais na motivação do indivíduo. Utiliza-se

do tipo ideal, do asceta protestante, para demonstrar o processo pelo qual o indivíduo passa a exigir mais de si em termos de trabalho. A exigência de maior empenho no trabalho, do indivíduo que trabalha por si próprio e não era uma exigência direta de um outro. Porém, ao demonstrar trabalhar até tarde da noite, e fazer com que os demais percebessem isso, o indivíduo tinha maior reconhecimento da sua dedicação, e podia ganhar mais benevolência de seus credores. Além disso, a motivação em prosperar em seus negócios era a forma de garantir a si mesmo e ao meio social onde estava inserido, que ele era um escolhido, ou predestinado à salvação, e que a forma que seus negócios eram bem-sucedidos um indicativo desta dádiva de Deus. (WEBER, [1905], 2004).

Para Weber ([1905], 2004), são nesses valores do asceta protestante que o indivíduo encontra sua motivação para trabalhar mais que o necessário para o pão de cada dia, poupar, buscar autocontrole, disciplina e comprometimento em alcançar prosperidade. Para Fillion (1999) a contribuição de Weber ([1905], 2004), aos estudos do empreendedorismo se dá ao atribuir aos valores que o indivíduo compartilha, os atributos necessários para a compreensão do comportamento do empreendedor. No decorrer dos anos, outras contribuições emergiram da sociologia para os estudos sobre o empreendedorismo. E a partir da contribuição conjunta da economia, da psicologia, da sociologia e de diversos outros campos de estudos, emergiram diversos temas que têm sido pesquisados e publicados para a compreensão do fenômeno do empreendedorismo e sobre o empreendedor, que serão apresentados nos levantamentos a seguir dos principais temas de estudo sobre o empreendedorismo e o empreendedor.

Um levantamento no *Journal of Business Venturing entre 1987 e 2010* indicou que entre os temas mais presentes nas pesquisas sobre empreendedorismo estão o “processo empreendedor, questões metodológicas, aspectos psicológicos e cognitivos e as características individuais, a criação de valor e os fatores do ambiente externo enquanto determinantes do empreendedorismo”. (FERREIRA, et al., 2013, p. 73).

Posteriormente, Ferreira, Pinto e Miranda (2015) ampliaram a pesquisa para os oito periódicos internacionais de maior impacto sobre empreendedorismo num período de 30 anos – entre 1981 a 2010 - e apresentam que os temas que emergem são: as empresas familiares, o empreendedorismo social, a inovação, as características regionais, a internacionalização, o impacto do ambiente, as questões

metodológicas, e os estudos sobre o indivíduo empreendedor, que é o caso desta pesquisa.

Dada a importância econômica e social do empreendedorismo para as nações, e sendo o empreendedor o motor propulsor da atividade empreendedora, o olhar das pesquisas tem se voltado para a compreensão de como um indivíduo torna-se um empreendedor. Um exemplo desse tipo de pesquisa analisa a carreira profissional e acadêmica percorrida pelos indivíduos que se tornaram empreendedores antes de decidirem iniciar seus empreendimentos. (HSIEH, 2015).

Dentre os trabalhos que tratam do empreendedor, diversos relatam as características do empreendedor, que permitem que ele desenvolva a sua atividade, e usualmente são apresentadas como características positivas. (SCHUMPETER, 1934, McCLELLAND, 1971; CARLAND, 1984; FILION, 1999; DOWNING, 2005; VALE; CORREA; REIS, 2014, SILVA, 2016).

Nos últimos cinco anos, o *Journal Entrepreneurship Theory and Practice* selecionou entre os temas das edições especiais temas relacionados ao comportamento dos empreendedores sociais, empreendedorismo e negócios familiares, empreendedorismo feminino, um número dedicado à questão das emoções relacionadas ao empreendedorismo denominado *The Heart of Entrepreneurship*. Esses temas, em conjunto com um equilíbrio entre publicações de estudos qualitativos e quantitativos, no *journal* bem como de trabalhos que utilizam de forma associada metodologias as duas metodologias revelam uma possibilidade de se estabelecer uma melhor compreensão a respeito do empreendedor e do processo de empreender.

Exemplo disso, pode ser extraído de alguns artigos da edição que trata da questão das emoções na ação empreendedora. Dessa forma, as emoções passam a ser reconhecidas não enquanto o oposto da razão, presente na atividade empreendedora, mas de forma complementar, inerente ao ser humano, e presente nas decisões. Welpel et al. (2012) pesquisaram os efeitos de emoções como o medo, a alegria e a raiva sobre a ação empreendedora, e a partir de sua pesquisa defendem que os empreendedores deveriam entender que a visão que eles tem das oportunidades é sempre subjetiva, e que as decisões não são tomadas somente a partir da razão, mas também a partir das emoções, assim também como ocorre com a capacidade de avaliar e explorar novas oportunidades. Por isso Welpel et al. (2012) indicam que o valor das emoções na ação empreendedora não tem sido estudado suficientemente. Cardon et al. (2012) apontam para o fato que emoções substanciais

que surgem na atividade de empreender decorrem do contexto extremo de empreender, marcado por incertezas e pressão de tempo. Suas pesquisas indicam que os destinos da organização criada pelo empreendedor têm consequências diretas e pessoais na vida dele enquanto indivíduo, por isso a importância da pesquisa reconhecer que empreender não é apenas uma atividade de pensar e fazer, e que envolve pensar, sentir e fazer. (CARDON et al., 2012).

Mas recentemente, o *Journal Entrepreneurship Theory and Practice* publicou um trabalho de Miller (2015) que demonstra que, características que encontradas em grande intensidade costumam associadas à atividade empreendedora como é o caso do otimismo, podem ser relacionadas à falência, se forem muito elevadas. Nesse sentido DeNisi (2015) sugeriu a partir da contribuição de Miller (2015) que a relação entre as características desejáveis ao empreendedor e o sucesso no desempenho da atividade possam ser demonstradas através da forma de um 'U' invertido em um gráfico, onde até certo ponto, o aumento de certas características são positivamente relacionadas ao desempenho da atividade empreendedora, mas a partir deste ponto, a intensidade dessas características passa a prejudicar o desempenho do empreendedor. (MILLER, 2015; DENISI, 2015).

Após a apresentação desses artigos, que buscam uma compreensão do empreendedor para além do isolamento das características desejáveis, inicia-se o segundo tópico, destinado a apresentar como a questão da identidade e especificamente da identidade empreendedora tem sido trabalhado na literatura.

## 2.2 A IDENTIDADE EMPREENDEDORA

A questão da identidade é apresentada primeiramente neste trabalho, seguindo-se da apresentação da identidade empreendedora. A unidade de análise aqui proposta é a interação do empreendedor com o seu meio, pois é na interação com o meio e consigo mesmo que o indivíduo se constitui a si próprio e onde os papéis que ele desempenha passam a fazer parte da constituição do indivíduo. (STRAUSS, [1959], 1999; ENNES, 2013). Para auxiliar na compreensão do termo identidade utilizado nesta pesquisa, utiliza-se a classificação de Hall (2005) que agrupa em três grandes grupos as abordagens sobre identidade.

Dentro dessa classificação, a concepção de identidade utilizada neste trabalho, aproxima-se do que Hall (2005) denomina de 'sujeito sociológico'. É

importante ressaltar que o termo 'sujeito', que é utilizado por Hall (2005) é um termo cunhado com características próprias, que não é o mais adequado em concordância com o referencial teórico utilizado neste trabalho, onde será feita a utilização do termo 'indivíduo'. Mas a utilização do termo 'sujeito' será mantido neste referencial somente durante a apresentação da classificação de Hall (2005) a respeito dos estudos sobre identidade. Para Hall (2005) os estudos sobre a identidade podem ser agrupados em três grandes concepções: a primeira do 'sujeito do iluminismo' - a concepção mais individualista do indivíduo; a segunda do "sujeito sociológico, onde homem e sociedade são indissociáveis, e a terceira do 'sujeito pós-moderno', onde a identidade é vista como uma celebração móvel. (HALL, 2005).

A primeira concepção de identidade - descrita por Hall (2005) é a do 'sujeito do iluminismo' - um sujeito centrado: seu núcleo interior emerge com seu nascimento, com ele se desenvolve e na sua essência permanece o mesmo durante toda a existência. A identidade do sujeito do Iluminismo é o seu centro essencial, e esta é uma concepção bastante individualista, uma vez que a identidade é dele, do sujeito. (HALL, 2005).

A segunda concepção de identidade na classificação de Hall (2005) é a do 'sujeito sociológico', que mais aproxima-se do que é desenvolvido neste trabalho. O sujeito sociológico é um reflexo do complexo mundo moderno onde o núcleo interior do sujeito não é independente do seu ambiente, mas mediado pelos valores, sentidos e símbolos das pessoas importantes para o sujeito. (HALL, 2005). Neste sentido, Hall (2005) apresenta Mead, Cooley e os interacionistas simbólicos como figuras fundamentais na elaboração dessa concepção interativa da identidade, do eu. De acordo com o Interacionismo Simbólico é na interação do indivíduo com a sociedade que é formada a identidade do sujeito, mas ele tem um núcleo que é o eu real, que é sua essência interior, e que dialoga continuamente com o mundo externo. (HALL,2005).

Para melhor situar o conceito de identidade do sujeito sociológico, apresenta-se também a terceira concepção de identidade, de forma a melhor estabelecer no próximo parágrafo como o sujeito sociológico situa-se entre essas outras duas concepções que se encontram em opostos. Assim sendo, apresenta-se a terceira concepção de identidade com a qual Hall (2005) trabalha que é a do 'sujeito pós-moderno'. O sujeito pós-moderno pressupõe a não existência de uma identidade fixa ou permanente; só é permanente o processo de formação e transformação da

identidade; as identidades que o indivíduo assume em diferentes sistemas culturais que o rodeiam não são unificadas a partir de um centro, ou de um eu. (HALL, 2005).

Dessa forma, a identidade do sujeito do Iluminismo, e a identidade do sujeito pós-moderno da classificação de Hall (2005) encontram-se em opostos que se assemelham de alguma forma à noção de permanência ou de eterna mudança dos pré-socráticos. A identidade do sujeito sociológico por sua vez reconhece uma concepção de um indivíduo mais integrado em sua sociedade, de forma que o 'eu' do indivíduo é apresentado de diferentes formas de acordo com os diferentes papéis sociais que estão previamente negociados. (HALL, 2005).

Exemplo disso é a pesquisa de Lindgren e Packendorff (2008) realizada na Suécia, que aborda a construção da identidade empreendedora, em mulheres que eram professoras em relação a ser mulher, professora, empreendedora. A percepção dos entrevistados a respeito da expectativa da sociedade em relação a esses papéis é apresentada a partir do ponto de vista dos participantes. A motivação dos participantes para iniciar um empreendimento educacional foi a insatisfação com os métodos de ensino das escolas públicas, num contexto onde o financiamento das escolas privadas é feito com recursos públicos, mas menores do que os destinados às escolas públicas. Os autores apontam para o fato que apesar da identidade ser usualmente apresentada como estática e permanente em uma única atividade, como professor, médico, etc.... a identidade é construída e reconstruída na interação social durante toda a vida. (LINDGREN; PACKENDORFF, 2008).

Isso porque os indivíduos constroem sua identidade a partir das coletividades, de seus valores culturais, de suas crenças religiosas ou ideologias políticas, e cada indivíduo pode ser considerado uma combinação única de influências. A questão da identidade, neste caso, é apresentada a partir das expectativas baseadas em como as pessoas devem se comportar, sendo professores - uma profissão com formação específica, com a qual eles têm grande adesão ou identificação, ou sendo empreendedores, um papel social que pode ter alguns valores semelhantes a atividade anterior, mas também conflitantes em muitos outros. (LINDGREN; PACKENDORFF, 2008).

Por isso, para Lindgren e Packendorff (2008), as perspectivas que emergem a partir de Mead (1934) com o Interacionismo Simbólico, são apresentadas como apropriadas para a investigação da identidade, por entenderem o indivíduo como parte ativa da construção de si próprio, assim como ocorre no trabalho de Berger e

Luckmann ([1967] 2014). Neste trabalho os indivíduos constituídos a partir da interação, constroem e reconstróem a sociedade continuamente; e as novas experiências às quais os indivíduos são submetidos requerem uma adaptação criativa. (BERGER; LUCKMANN, [1967] 2014).

Dubar (2009) resgatou a contribuição dos pré-socráticos da antiga Grécia para apresentar dois tipos de posicionamento que se encontram em extremos opostos no que se refere a contribuições sobre a identidade. No primeiro posicionamento denominado por Dubar (2009) de 'essencialista' Parmênides de Eléia no século IV a.C., cujo pensamento é conhecido através da obra de Platão, formula que "O ser é, o não-ser não é" de forma que "o devir é excluído do ser". (DUBAR, 2009, p. 9). Em termos gerais, é a permanência, a mesma essência, os pontos comuns que definem a identidade, esta vista de forma definitiva.

No outro extremo, uma concepção de identidade antagônica e anterior a essa em quase um século, que Dubar (2009) denomina de nominalista é de Heráclito de Éfeso, e seu eterno devir, marcados na célebre frase que "Não podemos banhar-nos duas vezes no mesmo rio". (DUBAR, 2009, p.9). A identidade como concebida por Heráclito, a única permanência que existe é a certeza da mudança, visto que os significados dependem do contexto e do momento histórico onde estão inseridos.

Mas os posicionamentos teóricos extremos dos pré-socráticos não podem dar conta sozinhos da concepção de constituição de identidade numa perspectiva interacionista. Isso porque se de um lado o indivíduo mantém algumas características de identidade independente de ser professor ou empreendedor, por outro, o próprio processo de tornar-se empreendedor faz com que o indivíduo modifique algumas formas de interação com o contexto e consigo próprio para o desempenho desse papel. (NUNES, 2005). O fato do indivíduo submeter-se a um processo de mudança tal qual é exigida dentro da sua rotina diária de professor tornar-se um empreendedor é descrita por Schumpeter ([1934],1982) e traz elementos que passam a constituir a própria identidade do indivíduo. (STRAUSS, [1959], 1999)

Para o indivíduo, aspirar ser um empreendedor significa desejar algo que atualmente não se possui; e entre o sonho de ser um empreendedor e em efetivamente tornar-se um, o indivíduo precisa além de identificar uma oportunidade, criar um plano, executá-lo, monitorá-lo e ajusta-lo constantemente. (FARMER; YAO; KUNG-MCINTYRE, 2011). Para Farmer, Yao e Kung-Mcintyre (2011) a explicação do processo de tornar-se empreendedor não pode ser feita exclusivamente pelas

competências, ou pela motivação, pois a percepção do papel de empreendedor – o que é ser empreendedor, e ainda a percepção que o indivíduo tem de si são fundamentais para que o indivíduo possa reconhecer em si próprio um futuro empreendedor.

Para Farmer, Yao e Kung-Mcintyre (2011) a construção de uma identidade empreendedora pelo indivíduo requer duas importantes informações. A primeira é compreender e conhecer o conteúdo do papel de empreendedor, em outras palavras, o que é ser um empreendedor. A segunda informação é a auto avaliação do indivíduo para decidir se ele teria potencial e se gostaria de tornar-se empreendedor. Usualmente, ao não ter certeza da resposta, o indivíduo inicia um processo de comparação entre o que conhece de si próprio com as histórias que conhece das pessoas que se tornaram empreendedores. (FARMER; YAO; KUNG-MCINTYRE, 2011). Essas constatações trazem indicativos de como pode ser estudada a constituição da identidade empreendedora, e também de como os termos do Interacionismo Simbólico podem auxiliar nesta compreensão.

De acordo com Ésther, Rodrigues e Freire (2012) o estudo a respeito da identidade do empreendedor se diferencia do estudo do comportamento pelo fato que esse último se refere à parte mais visível das atividades do indivíduo. Em contrapartida, o estudo da identidade tem a ver com a auto definição e os significados que são atribuídos pelo próprio empreendedor.

Ennes (2013) apresenta as contribuições que o Interacionismo Simbólico (IS) pode trazer para o avanço da reflexão sobre os processos identitários. Para o autor, a contribuição mais importante do IS aos estudos dos processos identitários dá-se pela ênfase que é dada na relação com a realidade social, de forma que as interações precisam ser pensadas sempre em consonância às situações ou contextos onde estão inseridas. (ENNES, 2013).

Para Ennes e Marcon (2014) apesar dos estudos sobre identidade parecerem estar em esgotamento, ainda têm muitas questões distantes de uma resolução. Dessa forma, em função da dificuldade de definição do termo identidade, e os muitos significados que são relacionados ao termo sugerem que a utilização do termo 'processos identitários' deveriam ser utilizados. (ENNES, 2013; ENNES; MARCON, 2014). Utilizam-se de quatro parâmetros para serem analisados nestes estudos: a) os atores, que pertencem a alguns grupos; b) as disputas para pertencer ou não a esses grupos; c) as normas ou elementos morais que regulam a interação dos atores que

estão nesta disputa, e d) os contextos sociais onde são produzidos. (ENNES; MARCON, 2014). Esses parâmetros parecem apresentar uma contribuição relevante para a compreensão da identidade dos empreendedores em educação em alguns aspectos identificados e em outros aspectos diferenciados do grupo dos empreendedores bem como do grupo dos professores.

Para Vale, Corrêa e Reis (2014, p. 323) o conjunto de motivações para o empreendedor iniciar uma empresa não se limita à “lógica binária oportunidade/necessidade” mas estende-se a outros componentes como: a identificação da oportunidade, as expectativas pessoais, o ambiente em relação ao mercado de trabalho, a influência da família e de terceiros e a insatisfação com o trabalho atual.

Um trabalho nesta linha é o de Hsieh (2015) que analisa as carreiras de profissionais como engenheiros e cientistas na busca por desvendar o questionamento do porque alguns destes profissionais tornam-se empreendedores e outros não. A pesquisa aponta que enquanto profissionais que se tornam especialistas desempenham de maneira mais valiosa suas funções sob uma coordenação, os que empreendem usualmente são aqueles que durante sua trajetória tiveram diferentes experiências e dessa forma adquiriram conhecimentos mais generalistas. (HSIEH, 2015).

No mesmo sentido, Chen e Thompson (2015) fizeram uma pesquisa para compreenderem o motivo pelo qual os indivíduos se tornam empreendedores. Utilizaram o *curriculum* de indivíduos relacionados com a criação de novos negócios, para levantar dados históricos das suas carreiras, e dessa forma verificar como a diversidade de atividades profissionais ou educacionais são relacionadas a tornar-se um empreendedor. Segundo os autores, isso se dá porque empreender exige do indivíduo o desenvolvimento da habilidade de exercer uma variedade de funções e atividades profissionais.

Essa perspectiva de compreensão do empreendedorismo de perspectiva mais ampla, do que a econômica, aparece no trabalho de Ramos (2015) que indica que, o empreendedorismo, tradicionalmente reconhecido pela sua relevância para a prosperidade econômica, recentemente tem sido compreendido como elemento de auto realização, e o ato de empreender como importante aspecto da constituição da identidade do indivíduo.

Carvalho (2016), ao investigar a questão da identidade do empreendedor a partir da metáfora dramática de Goffman ([1959], 2014) apresenta que os empreendedores trazem definições muito positivas do que é ser empreendedor, e a partir do momento que veem a si próprios como empreendedores apropriam-se dessas características, bem como das características que são divulgadas socialmente como sendo inerentes à função de empreendedor. Dessa forma, o indivíduo constrói a sua identidade e passa a perceber-se enquanto tal a partir da expectativa que a sociedade apresenta. (CARVALHO, 2016).

Para Silva (2016), que também trabalha na perspectiva do Interacionismo Simbólico, ao interagir com a expectativa presente na mídia especializada em negócios, os indivíduos fazem a definição do que consideram os comportamentos adequados aos empreendedores, e a partir daí organizam suas vidas de forma alinhada ao que consideram ser um empreendedor. Ou seja, o indivíduo que passa a exercer o papel de empreendedor passa a gerenciar no outro a impressão que possui as características esperadas ao desempenhar o papel empreendedor. Dessa forma, a postura de superação, capacidade de execução e expectativa de sucesso passam a ser adotadas pelo indivíduo que adentra a carreira empreendedora. (SILVA, 2016). Esse é um dos aspectos relevantes a ser analisado na compreensão da constituição da identidade do empreendedor na perspectiva do Interacionismo Simbólico.

Portanto, a constatação que existe uma expectativa da sociedade em relação ao *script* de papel a ser desempenhado pelo empreendedor, e que o indivíduo se constitui empreendedor dentro dessa sociedade que já estabeleceu este papel, faz emergir o Interacionismo Simbólico como uma perspectiva privilegiada para a compreensão de como o indivíduo constitui sua identidade empreendedora ao interagir com a sociedade e consigo próprio. (FERREIRA, 2014; CARVALHO, 2016; SILVA, 2016).

### 2.3 A IDENTIDADE EMPREENDEDORA E O INTERACIONISMO SIMBÓLICO

Sendo o Interacionismo Simbólico, a perspectiva utilizada neste trabalho, apresenta-se a seguir seus pioneiros, histórico e principais termos. George H. Mead é considerado o precursor do Interacionismo Simbólico (IS), e seu principal representante nos primórdios; seus principais conceitos estão expostos no livro póstumo *Self, mind and society*, que é composto por anotações de aula de seus

alunos. Os autores dos considerados textos clássicos da Escola de Chicago são William I. Thomas, George Herbert Mead e Herbert Blumer. (BRAGA; GASTALDO, 2009). De acordo com Bazilli et al. (1998) os trabalhos de Mead e Cooley procuraram entender o indivíduo numa relação dialética com a sociedade e tiveram maior acolhida entre os sociólogos do que entre os psicólogos sociais. Isso talvez em decorrência da característica individualista e positivista que era predominante na psicologia social norte-americana. (BAZILLI, ET AL., 1998). A tradição da Escola de Chicago tem um marco a partir dos trabalhos de Blumer (1937, 1969) e é de onde provem Strauss ([1959], 1999), o autor utilizado como base para o referencial teórico de identidade no Interacionismo Simbólico neste trabalho, bem como o referencial teórico sobre papéis, extraído dos escritos de Goffman. (2014 [1959]).

A conceituação de identidade do que Hall (2005) chama de sujeito sociológico que foi mencionada no tópico anterior, tem seu ponto de partida nas contribuições de Mead (1934). O trabalho de psicologia social de Mead, segundo Striker (2008) não é apenas uma teoria, mas um marco teórico e conceitual. Isso porque Mead aponta a capacidade dos indivíduos em resolverem problemas a partir da manipulação dos significados que eles atribuem, e também pela possibilidade de tratarem a si mesmos como objetos o que ocorre ao refletirem sobre suas próprias experiências; essa reflexão define a visão que o indivíduo tem a respeito de si mesmo. (STRYKER, 2008). Dessa forma, sob a perspectiva interacionista, os indivíduos além de sujeitos, são eles próprios objetos de sua análise. (ZANATTA, 2011).

O Interacionismo Simbólico (IS) em 2001, na primeira edição da 'Enciclopédia Internacional das Ciências Sociais e do Comportamento', é apresentado como uma perspectiva teórica com longo histórico de pesquisa e tradição na sociologia e na psicologia social que se contrasta com as perspectivas que atribuem o comportamento humano aos fatores internos tais como biológicos ou psicológicos, e aos fatores externos determinantes como a estrutura ou a cultura. (SNOW, 2001). No IS, as ações e comportamentos humanos são constituídos durante as interações em situações sociais concretas, dessa forma a compreensão das ações individuais ou coletivas dependem de uma apreciação e interpretação da situação onde estão inseridas. (SNOW, 2001).

Na edição seguinte desta enciclopédia o IS é apresentado também como uma perspectiva da sociologia que se distingue por fazer do centro de suas investigações o desvendar do significado que as pessoas atribuem às suas atividades; que tem sua

origem na filosofia pragmática americana, e que se desenvolveu na Universidade de Chicago, tendo uma influência muito significativa em diferentes campos de estudos de interesse sociológicos, tais como saúde, educação, trabalho e organizações. (SMITH; DENNIS, 2015).

Para Carter e Fuller (2015) o IS é uma perspectiva teórica da sociologia que se ocupa de como a sociedade é criada e mantida através da interação face a face, através dos significados atribuídos e repetidos pelos indivíduos em suas interação. Esses autores apresentam a visão de três tradições teóricas do IS, que emergem de Mead. A primeira, a partir do trabalho de Herbert Blumer, que ficou conhecida como Escola de Chicago, a segunda do trabalho de Manford Kuhn, conhecida como Escola de Iowa, e terceira, a partir de Sheldon Stryker, da chamada Escola de Indiana. (CARTER; FULLER, 2015).

De acordo com Carter e Fuller (2015) apesar do método não ser a ênfase da discussão do trabalho de Mead, os trabalhos seguiram caminhos diferentes. Enquanto para Blumer a natureza do comportamento humano era compatível com as pesquisas qualitativas com rigorosa definição dos conceitos, Kuhn e Stryker foram sociólogos que defenderam o uso de pesquisas quantitativas para estudar a relação entre os indivíduos e a estrutura social. Serpe e Stryker (2011) e também Nunes (2005) indicam que o termo Interacionismo Simbólico foi criado por Herbert Blumer (1937, 1969) quando descreveu ideias amplamente divulgadas por Mead (1934) na Universidade de Chicago no pós-primeira grande guerra.

De acordo com Nunes (2005) o termo Interacionismo Simbólico (IS), foi publicado pela primeira vez em 1937 em um artigo de Blumer; num trabalho que apresentava as premissas básicas - ainda de forma implícita. Foi seguido de um período de três décadas de tradição oral. Segundo o autor, esse período encerrou-se em 1969, quando Blumer expôs a sistematização da concepção metodológica do Interacionismo Simbólico, em *Symbolic interactionism – Perspective and method*. (NUNES, 2005). Essa sistematização de Blumer expõe os três princípios que se tornaram os fundamentos do Interacionismo Simbólico, abordados a partir do próximo parágrafo.

O primeiro fundamento do IS sistematizado por Blumer (1969) é que a ação dos indivíduos em relação às coisas e aos outros, acontece a partir do significado que cada um deles apresenta para o indivíduo; sendo entendidas aqui como 'coisas' os objetos ou categorias deles, instituições, atividades, ideias ou ideais, ou ainda de

forma mais ampla, tudo o que exista no mundo e possa ser percebido pelo indivíduo – neste caso o empreendedor. (SNOW, 2001; NUNES, 2005).

O segundo fundamento do IS sistematizado por Blumer (1969) é que esses significados atribuídos às ‘coisas’ emergem, ou derivam-se a partir da interação que o indivíduo – empreendedor - tem com outras pessoas, ou seja, são constituídos na interação social. (SNOW, 2001; NUNES, 2005).

E finalmente, o terceiro fundamento apresenta que significados que os indivíduos, neste caso, os empreendedores atribuem às ‘coisas’ são gerenciados, modificados, manipulados e transformados num processo de interpretação que os indivíduos utilizam para atribuir sentido e lidar com as coisas que ele encontra no seu mundo social. (SNOW, 2001; NUNES, 2005).

De acordo com Snow (2001), mesmo havendo variedades e diferenças dentro do próprio Interacionismo Simbólico (IS), a referência a esta sistematização dos três fundamentos é considerada uma rotina quase litúrgica nas discussões acerca da essência ou definição do IS.

Já Nunes (2005), ao fazer uma reconstrução da teoria e da metodologia do IS, apresenta o quadro conceitual proposto por Stryker a partir dos artigos seminais de Blumer (1937, 1969) e do desenvolvimento posterior da perspectiva, pautado em três premissas. A primeira é a perspectiva do ator – neste caso o empreendedor - deve ser sempre incluída nas explicações ou interpretações do comportamento humano, e não apenas a perspectiva do observador ou pesquisador.

A segunda premissa é que tanto a natureza do **Self** quanto a natureza das organizações sociais emergem a partir da interação social, e, portanto, a interação social deve ter prioridade epistemológica para se acessar a esse conhecimento. E a terceira premissa é que é através do **Self**, ou seja, da visão que as pessoas – os empreendedores neste caso - têm a respeito de si próprias, que elas estabelecem uma conexão entre as organizações e suas interações pessoais. (NUNES, 2005).

Como forma de esclarecer o quadro conceitual do IS, Nunes (2005) utiliza-se do que Lakatos denominaria de ‘heurística positiva’ ao apresentar os conceitos básicos que fundamentam a perspectiva, e apresenta em paralelo uma ‘heurística negativa’, ou seja os conceitos que são opostos aos defendidos pelo IS. Para melhor visualização da ideia, esses conceitos estão sintetizados no quadro 1.

QUADRO 1 – HEURÍSTICA DO INTERACIONISMO SIMBÓLICO (IS)

HEURÍSTICA NEGATIVA: O (IS) REJEITA QUE...	HEURÍSTICA POSITIVA: O (IS) DEFENDE QUE...
O conhecimento tem uma base fixa, que independe do indivíduo	O conhecimento depende da experiência e do pensamento do espectador
O indivíduo é um espectador do conhecimento	A concepção de conhecimento é processual, o conhecimento é construído;
O significado das coisas, eventos e ações tem sua origem na correspondência com o mundo	O significado das coisas, eventos e ações deve ser interpretado pelas pessoas, pois surge da interação social

FONTE: Adaptado de NUNES (2005).

Dessa forma, sob a perspectiva do Interacionismo Simbólico, existe a importância do significado que o indivíduo constrói ao interpretar cada coisa, evento ou ação a partir de sua interação social. Portanto a metodologia de pesquisa dentro dessa perspectiva precisa necessariamente, levar em consideração o significado atribuído pelo próprio indivíduo (STRAUSS [1959], 1999; NUNES, 2005). Sendo a interação social o local privilegiado de onde emergem os significados atribuídos pelo indivíduo, e a interação social uma ocorrência contínua da vida em sociedade, o significado que o indivíduo atribui às coisas, eventos, ações, e a si próprio quando procura significar 'quem eu sou' não são imutáveis, acabadas ou existentes por si próprias (STRAUSS [1959], 1999; NUNES, 2005).

Três construtos são essenciais para possibilitar a investigação da constituição da identidade do empreendedor sob a perspectiva do Interacionismo Simbólico. São eles: A **definição da situação**, a **tomada de papéis** e a **teoria social do Self**. (GOFFMAN [1961], 2015; NUNES, 2005).

A **definição da situação** é o conceito inicial para entendimento da teoria do Interacionismo Simbólico: antes do ato e das condutas da vida do indivíduo – neste caso o empreendedor - ele passa por um estágio onde procede a um exame e interpretação do que está acontecendo naquela situação. (GOFFMAN [1961], 2015; NUNES, 2005; CARVALHO, 2016; SILVA, 2016). A **definição da situação** é o estabelecimento do que realmente está acontecendo e o estabelecimento do que é esperado dos papéis de cada um naquela situação, como por exemplo a inovação e a mudança que são esperados do empreendedor. (GOFFMAN [1961], 2015).

A **definição da situação** “nos leva a compreender como a situação parece aos atores nela envolvidos, a descobrir o que eles pensam que está se passando, de modo a podermos compreender o que está em jogo em suas ações”. (BECKER, 2007, p. 61). O vocabulário **definição da situação** é considerado por Becker (2007) como a grande contribuição de Willian Thomas para a sociologia. O termo resgata o que ficou conhecido como teorema de Thomas, em referência a um dos textos clássicos para os interacionistas. Segundo um dos primeiros professores a ingressar na Universidade de Chicago, Thomas<sup>1</sup> (1970 [1928], p. 154 citado por NUNES, 2005) “Se os homens definem as situações como reais, elas são reais em suas consequências”. Definir a situação requer que o indivíduo escolha o que é considerado importante para aquela situação; seguido de um entendimento do que é esperado do indivíduo que irá desempenhar um papel social. Se o indivíduo errar ao definir uma situação irá estar em uma posição de vexame, de vergonha, ou de ser considerado um desviante. (GOFFMAN ([1975], 2014).

Em ‘A Representação do Eu na Vida Cotidiana’, Goffman ([1975], 2014) utiliza-se do formato de relato de caráter dramático e inclui diversas descrições a respeito da **definição da situação**. De acordo com Goffman ([1975], 2014) a **definição da situação** ocorre a partir das informações que um indivíduo apresenta quando está diante de outras pessoas, ou ainda, a partir das informações que as pessoas têm antecipadamente a respeito deste indivíduo, e é a partir destas informações que os outros podem saber o que esperar deste indivíduo, e o que ele espera deles.

Goffman ([1975], 2014) afirma que quando um indivíduo chega à presença de outros, procura passar a eles a impressão que lhe é conveniente transmitir, de forma a conseguir que os outros o tratem da maneira como gostaria; e ao alcançar esse resultado esperado, e somente ao alcançar esse resultado é que se pode afirmar que ‘efetivamente’ ele alcançou seu objetivo, e conseguiu a **definição da situação** que lhe era mais apropriada. Para Goffman ([1975], 2014) um indivíduo em frente a outros projeta uma **definição da situação**, e os outros também o fazem, mesmo nos casos que possa parecer que os tem um papel passivo naquela situação; pois é usual, que

---

<sup>1</sup> THOMAS, William I.; SWAINE, Dorothy. Situations defined as real are real in their consequences. In: STONE, G.; FABERMAN, H. **Social psychology through symbolic interaction**. Waltham: Xerox College, 1970 [1928], p. 154-5

os participantes procurem fazer **definições de situação** harmoniosas e evitar uma contradição aberta.

Decorre daí a importância que o IS atribui para a **definição da situação** - da compreensão do empreendedor do que está realmente acontecendo; de qual é a expectativa em relação ao papel que ele irá desempenhar, pois o papel social já está estabelecido *a priori*. (GOFFMAN [1961], 2015; NUNES, 2005).

Um empreendedor, antes da tomada de seu papel necessariamente faz uma **definição da situação**, que significa estabelecer o que é ser um empreendedor no contexto onde ele estará situado. Silva (2016) indica ainda a expectativa a respeito do papel do empreendedor apresentada na mídia especializada em negócios como elemento constituinte das características e comportamentos dos quais o empreendedor vai se apropriar para exercer seu papel. O início do próprio empreendimento é o marco onde possivelmente o indivíduo vai deixar de desempenhar o papel de empregado, e passar a atuar como um empregador. O *script* do papel de empreendedor já está estabelecido socialmente e detalhadamente relacionado na mídia especializada de negócios, por exemplo. (SILVA, 2016). Dessa forma, é a percepção que o indivíduo tem em relação à expectativa do papel de empreendedor que vai ser utilizada como parâmetro para a sua própria atuação no desempenho do *script* definido para este papel. (GOFFMAN [1961], 2015; NUNES, 2005).

Portanto somente após a **definição da situação** por parte do empreendedor que irá desempenhar este novo papel, a partir de sua percepção do *script* atribuído socialmente ao papel de empreendedor, cabe ao indivíduo fazer a **tomada de papéis** e trazer para esse papel a sua própria forma de atuação.

O período de **definição da situação** que irá orientar a **tomada de papéis** por parte do empreendedor pode ser muito breve, e considerado insuficiente pelo indivíduo que considera que não teve tempo para se preparar para isso. (GOFFMAN [1961], 2015; NUNES, 2005). Tomar o papel de empreendedor requer uma atividade mental intensa, onde o indivíduo passa a agir a partir da observação, das regras, da coerência necessárias para o desempenho daquele papel. (GOFFMAN [1961], 2015; NUNES, 2005).

Desempenhar um novo papel – de empreendedor pode ser elemento de descoberta para um indivíduo que nunca se imaginou como empreendedor, ou nunca se julgou capaz de estar à frente de seu próprio negócio. (STRAUSS [1959], 1999).

Ao desempenhar um papel, o empreendedor da mesma forma que um ator, tem sua própria forma de interpretá-lo, reafirmando-o em alguns aspectos, as vezes modificando-o em outros, mas não pode transgredir o *script* do papel, sob o risco de ficar exposto a uma situação de vergonha ou vexame. (GOFFMAN [1954], 2014). Esses elementos são amplamente exemplificados por Goffman em 'A representação do Eu na vida cotidiana'. (GOFFMAN [1954], 2014).

A parte do desempenho do papel, por parte do indivíduo, que ocorre de modo mais regular e fixo, é denominado por Goffman ([1959], 2014) de fachada. A fachada contrapõe-se à região de fundo, onde o ator também se apresenta, mas não há o contato com a sua plateia. A fachada é composta pelo cenário, que é parte cênica da representação, onde são compreendidos os elementos no entorno no ator, e a fachada pessoal, que se refere aos elementos vinculados à figura do ator entre os quais o figurino. Por fim a plateia refere-se às pessoas diante das quais o ator desempenha o seu papel. Os elementos do cenário, do figurino e na plateia do empreendedor ajudam a compor esse papel socialmente constituído.

Por cenário, Goffman ([1959], 2014) apresenta todos os elementos do pano de fundo desse palco onde acontece a ação humana. Dessa forma a escola propriamente dita, a sala da direção ou coordenação, a qualidade e a disposição do mobiliário, os artefatos que compõe a decoração do local de trabalho do empreendedor, entre outros, deixam de ser compreendidos como meros elementos de fundo e passam a ser também objeto de análise para a compreensão dos elementos constitutivos da identidade do empreendedor. A compreensão da importância do cenário, dá-se a partir da compreensão da forma que Goffman ([1959], 2014) apresenta as interações humanas como a atuação num grande palco, como no trecho a seguir.

“...o relacionamento social comum é montado tal como uma cena teatral, resultando da troca de ações, posições e respostas conclusivas dramaticamente distendidas. Os textos, mesmo em mãos de atores iniciantes, podem ganhar vida porque a própria vida é uma encenação dramática. O mundo todo não constitui evidentemente um palco, mas não é fácil especificar os aspectos essenciais em que não é.” (GOFFMAN, [1959], 2014. p. 85).

Para Goffman ([1959], 2014). alguns elementos teatrais, assim como nos palcos, estão presentes na representação da vida cotidiana de modo a auxiliar que o outro possa perceber com clareza qual papel que o indivíduo está representando e

possam também ajustar-se de forma a representar seus papéis e preservar a representação do outro.

Dessa forma, na representação da vida cotidiana, no desempenho de seus papéis, os indivíduos lançam mão de elementos tais como o cenário, e a fachada pessoal – compreendida como o *script* e o figurino para auxiliar na sua performance. (GOFFMAN, [1959], 2014).

Neste sentido é relevante apresentar a forma como o figurino, ou seja, a forma como os atores de vestem, é o primeiro elemento visível da apresentação do próprio ator, e, portanto, o primeiro elemento que irá direcionar a percepção do outro da interação face a face, pode estar fortemente relacionado à visão que o sujeito tem de seu próprio papel, do papel que ele desempenha. (GOFFMAN, [1959], 2014). A apresentação do ator na região de fachada, pressupõe necessariamente a presença da sua plateia. E é a partir da expectativa de sua platéia que o ator faz o desempenho de seu papel. Isso porque a **tomada de papel** exige do indivíduo o desempenho de uma ação a partir da perspectiva do outro. Ainda para Goffman ([1959], 2014). atividades que são desenvolvidas sem a presença da plateia, são denominadas como área de fundo, ou bastidores.

Ato contínuo à **definição da situação**, e à **tomada de papéis**, o indivíduo com sua história e significados construídos a partir da interação social – que se torna empreendedor passa a desempenhar esse papel e nele coloca a sua marca, as suas características, a sua maneira de empreender. Mas o mesmo indivíduo que faz a sua própria performance a partir da percepção do *script* do papel de empreendedor que ele tomou, acrescenta a partir do desempenho desse papel um novo elemento na constituição de sua identidade. Isso porque os papéis que o indivíduo - o empreendedor - desempenha tem importante função na constituição da identidade do indivíduo. (NUNES, 2005). Os papéis que ele desempenha durante sua carreira constituem a construção da identidade - de quem ele é. (NUNES, 2005). Portanto a partir das interações exercidas no papel do empreendedor, o indivíduo constitui a sua própria identidade. (STRAUSS [1959], 1999; GOFFMAN [1961], 2015; NUNES, 2005).

Um terceiro construto que integra a perspectiva do Interacionismo Simbólico é a teoria social do **Self**. Para Nunes (2005) o próprio quadro conceitual do IS é construído a partir da teoria social do **Self**, e trabalha a relação entre o indivíduo e a sociedade, entre o agente e a situação. De acordo com Striker, para Mead - *Mind and Self* emergem a partir da interação social, onde o indivíduo precisa cooperar com

outros. (STRIKER, 2008). A compreensão da teoria social do **Self** é de fundamental importância num estudo sobre identidade a partir da ótica do IS.

A partir do trabalho de Mead, emergiram uma variedade de teorias e metodologias (CARTER; FULLER, 2015). Mead, tem uma influência marcante na obra de diversos autores do IS, e assimila a noção de '**Self** social' originária de James, ao assimilar a ideia do *I* (eu) como a fonte da identidade do indivíduo (NUNES, 2005). Stryker (2008) aponta a obra de Mead (1934) '*Mind, Self, and Society*' como marcante no seu início de sua formação na sociologia, durante o período de graduação e pós-graduação. Para Stryker (2008) o que o fascinou na obra de Mead foi a dignidade concedida aos seres humanos, pois nesta perspectiva os indivíduos são importantes e determinantes nas suas próprias vidas e não apenas produtos dos seus meios.

Na teoria social do **Self**, o **Self** é composto por duas partes com 'aspectos discriminados' que são denominadas de *I* e *Me*, que poderiam ser traduzidos como o *Eu* e o *Mim*. O *I* (eu) tem uma correspondência com a identidade pessoal, é dele que provém a raiz da identidade; o *I* (eu) é também a forma mais pura do **Self**, o princípio de pura unidade, que permanece mesmo em períodos transitórios, por sua natureza, o *I* (eu) é de difícil investigação científica. (NUNES, 2005). O *Me* (mim) por sua vez, é o aspecto verificável do **Self**: empírico, auto verificável, e atribuído à auto concepção do indivíduo. (NUNES, 2005).

A compreensão do indivíduo que se pergunta 'quem eu sou', e a construção do conceito de identidade dentro da perspectiva do Interacionismo Simbólico (IS), acontecem necessariamente em consonância com as premissas até aqui expostas. Portanto, a interação recíproca entre indivíduo e sociedade é o alvo dos estudos do Interacionismo Simbólico. (BAZILLI, ET.AL., 1998). Neste sentido, o IS, nascido na sociologia, apresenta a constituição da identidade do indivíduo em constante autoconstrução e ressignificação, e, portanto, não aceita uma definição da identidade como permanente ou imutável. (STRAUSS, [1959],1999).

Na perspectiva interacionista, a identidade do indivíduo é um produto da interação do indivíduo com as diferentes esferas onde ele atua e onde desempenha diferentes papéis como a família e o trabalho; a identidade como produto do processo de socialização é encontrada em autores como Strauss ([1959], 1999), Goffman ([1959], 2014; [1961]), 2015 e Berger e Luckmann ([1966], 2014). (ZANATTA, 2011).

O desenvolvimento do conceito de identidade, pelo Interacionismo Simbólico como um produto da socialização estrutura uma nova forma de olhar o indivíduo e sua

relação com a sociedade: a identidade como um processo de socialização. (STRAUSS [1959], 1999; GOFFMAN [1961], 2015; BERGER; LUCKMANN [1966] 2014; ZANATTA, 2011). Para Strauss ([1959], 1999) as identidades individuais não podem ser compreendidas isoladas da coletividade onde o indivíduo está inserido. Goffman ([1963], 2013) em 'Estigma: Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada' desenvolve os conceitos apresentados por Mead (1934) sobre a formação da identidade do indivíduo na relação com os outros e consigo próprio para explicar a questão do estigma. (SILVA, 2007)

O termo estigma, de acordo com Goffman ([1963], 2013) foi criado pelos gregos como forma de tornar evidente algo extraordinário ou mau a respeito de um indivíduo e indicavam que deveria ser evitado: marcas visíveis no corpo eram feitas com fogo ou cortes e poderiam a qualquer pessoa com quem ele se relacionasse face a face tratar-se de traidor ou criminoso. Neste sentido, Goffman ([1963], 2013, p.13) utiliza o termo estigma como algo “profundamente depreciativo”, como uma relação entre um atributo e um estereótipo. Após a apresentação inicial do que é estigma e diversos exemplos oriundos da própria fala dos indivíduos estigmatizados, Goffman ([1963], 2013) apresenta diversos aspectos relativos à formação da identidade de um indivíduo.

O fato do estigma ser conhecido ou desconhecido num primeiro momento pelas pessoas com quem o estigmatizado se relaciona, coloca-o em duas posições: de desacreditado, no primeiro caso, ou de desacreditável na outra. (GOFFMAN, [1963], 2013). Quando alguém é apresentado a um estranho procura a partir dos seus aspectos visíveis prever quais são os atributos que permitem categorizar aquele indivíduo, criando, portanto, uma 'identidade social' que se refere às expectativas que são criadas a respeito dele. Como são imputados ao indivíduo características acredita-se que ele deve ter em potencial, Goffman ([1963], 2013, p.12) chama isso de “identidade social virtual”, ao passo que a partir dos atributos e características que o indivíduo efetivamente comprova ter, constrói-se a “identidade social real”. (GOFFMAN, [1963], 2013, p. 12).

A fim de esclarecer a questão da manipulação do estigma, Goffman ([1963], 2013, p. 65) formula um conceito adicional chamado de “identidade pessoal”, demonstrando a forma que as pessoas são consideradas únicas em seus círculos sociais mais íntimos recorrendo para isso a três ideias implícitas nesta noção de 'unicidade'. A primeira das ideias é a 'marca positiva' ou 'apoio de identidade' e refere-

se à imagem da pessoa, à sua fotografia, às suas digitais, aos atributos que apenas uma pessoa e somente ela poderá preencher para comprovar no futuro que é a mesma pessoa identificada no passado; a segunda das ideias inerentes ao conceito de ‘unicidade’ é que apesar de uma pessoa ser igual a um conjunto de outras pessoas em diversos aspectos, somente aquela pessoa preenche um conjunto completo de atributos e ocorrências na vida que na sua somatória identificam-no como efetivamente sendo a pessoa em questão. A terceira ideia implícita na noção de unicidade refere-se à essência do indivíduo, de forma que o diferencia de todas as outras pessoas que podem ser consideradas parecidas com ele, mas que não se constitui o foco do trabalho de Goffman ([1963], 2013, p.65) sobre ‘identidade pessoal’.

Goffman ([1963], 2013) ressalta, que o próprio nome de um indivíduo, tão intrinsecamente associado à sua identidade, pode ser alterado: legalmente, como é o caso das pessoas que crescem um sobrenome no casamento; de forma amplamente conhecida, como é o caso de artistas que adotam um nome artístico; e ainda de maneira não oficial como no caso de revolucionários, criminosos ou prostitutas. Além desses, ele indica os casos dos sacerdotes e religiosos, nos quais a “adoção de um novo nome, seja ele conhecido ou não, indica uma mudança de identidade ou ainda uma ruptura entre o passado e a nova vida do indivíduo”. (GOFFMAN, [1963], 2013, p. 68). Neste sentido Strauss ([1959],1999) também se utiliza dos nomes, do significado da mudança de nome, e da linguagem de forma mais ampla na compreensão das identidades de um indivíduo.

Para Strauss ([1959],1999) a linguagem está no centro de toda a compreensão a respeito da construção da identidade de um indivíduo; o nome é a denominação que distingue o indivíduo dos demais, e por si só revela muito sobre quem tem o nome e sobre quem o escolheu. A mudança e escolha voluntária de um novo nome, revelam de maneira ainda mais intrínseca uma relação entre a autoimagem do indivíduo e o nome por ele escolhido; ao passo que mudanças de nome são por sua natureza características da necessidade de marcar um rito de passagem, uma transição. (STRAUSS ([1959],1999). Dessa forma, nomear alguém ou alguma coisa não é apenas indicar; “o nomear é um ato” e “definir uma classe significa, portanto, relacioná-la com classes associadas em termos de sistema”; é demarcar quais são as fronteiras daquela determinada categoria. (STRAUSS ([1959],1999, p.38, 39). Para Strauss ([1959],1999) a essência ou natureza de um objeto reside na definição que lhe dá o nomeador, e não no objeto propriamente dito.

Ao descrever o processo de formação da identidade em *Espelhos e Máscaras*, o interacionista Strauss ([1959],1999) não se ocupa em construir uma definição de identidade. Essa posição é defendida por Strauss ([1959],1999) ao apontar que pesquisadores de sua época, na área da psicologia e psicologia social já se ocupavam disso. Seu foco era demonstrar que os estudos relativos à identidade, que se concentravam na percepção da identidade como algo finalizado e imutável, esqueciam que o indivíduo atribui constantemente novos significados ao seu ambiente social, bem como às pessoas com quem se relaciona, e a si próprio. (STRAUSS, [1959], 1999). Neste sentido, sua pesquisa traz uma diferenciação importante em relação à psicanálise, ao retirar da exclusividade dos primeiros anos de vida significação que o indivíduo dá a si próprio. (STRAUSS, [1959], 1999). A identidade do indivíduo é vista de maneira intrínseca aos papéis que ele exerce na vida adulta, em especial aos papéis relacionados ao desempenho de sua carreira profissional. (STRAUSS, [1959], 1999).

Da mesma forma, para Goffman ([1961], 2015) na sociologia das carreiras, a interpretação que uma pessoa dá à sua trajetória, ao olhar em retrospectiva o seu progresso é um aspecto muito importante de qualquer tipo de carreira. Isso porque, uma carreira não é necessariamente uma carreira profissional. Por exemplo, Goffman ([1961], 2015) utiliza-se do termo ‘carreira’ para explicar como ocorre a trajetória de um internado em uma instituição total como um manicômio; dividindo-a em três etapas: a carreira do pré-paciente – ou seja o período de vida anterior à internação; a fase do internamento propriamente dito, e o período após a alta do hospital, também denominada de fase de ex-doente. Neste caso, o início e fim da etapa de paciente é demarcada claramente pelo período de internação e de alta. (GOFFMAN [1961], 2015).

Dessa forma, a internação e a alta funcionam como um ritual de passagem que demarca o período que o indivíduo começa a exercer o papel de paciente e quando deixa de fazê-lo. Da mesma forma, os rituais de passagem demarcam o início e o fim do desempenho de muitos papéis estabelecidos socialmente. (STRAUSS [1959], 1999; GOFFMAN [1961], 2015). Nesse sentido, o papel de universitário deve ser exercido no período entre a aprovação no vestibular e a formatura; após esse período ele é considerado um profissional em sua área de atuação. O papel do professor deve ser exercido entre sua admissão como docente e a sua aposentadoria;

fato evidenciado na frase de Becker quando se recusa incisivamente a ser chamado de professor Becker: “Eu não leciono mais”. (WERNECK, 2008).

Portanto, rituais de passagem da carreira profissional de um indivíduo, indicam claramente qual é o papel que ele deve desempenhar a partir daquele momento, ou seja resgatam o conceito da **definição da situação** do que está realmente acontecendo naquele momento e lugar. (GOFFMAN [1961], 2015; NUNES, 2005). Para além dos rituais de passagens, Strauss ([1959], 1999) aponta que os momentos decisivos e as mudanças conceituais são transformações que servem como marcos das carreiras dos adultos. Incidentes críticos podem trazer reviravoltas e transformações de perspectiva e de identidade.

Strauss ([1959], 1999) sugere claramente o estudo das mudanças que ocorrem na vida adulta para aqueles que se interessam pela compreensão da identidade pessoal. Ele aponta à sua época que, ao que pese os estudos de Freud e de Sullivan apresentem ótimas formulações de teorias do desenvolvimento, focam todos os seus esforços na compreensão do período que antecede a maturidade; onde as próprias alterações ocorridas na vida adulta, são, nestes casos, consideradas apenas como consequências de fatos ou episódios ocorridos na infância. (STRAUSS, [1959] 1999).

Os rituais de passagem, os momentos decisivos, os marcos, as modificações terminológicas e as mudanças conceituais exigem do indivíduo uma nova compreensão do que está estabelecido socialmente a partir daquele momento e naquele lugar. É necessário o reconhecimento que a situação exige um novo alinhamento, uma nova postura, uma reflexão sobre a expectativa que existe em relação ao papel que o indivíduo deverá desempenhar dali por diante, a **definição da situação** exigida do indivíduo. (STRAUSS [1959], 1999; GOFFMAN [1961], 2015; NUNES, 2005).

Para um indivíduo que constituiu sua carreira profissional como professor, e em determinado momento faz a **tomada do papel** de empreendedor no setor da educação (privada), a **definição de situação** demonstra aspectos conflitantes entre o *script* socialmente construído entre os dois papéis. Strauss (1999) aborda com muitos exemplos o tema do conflito que o indivíduo vivencia em alguns aspectos em relação à sua identidade. E esses aspectos precisarão ser equacionados pelo professor/empreendedor sob o risco de comprometer-se suas chances de sucesso em sua atividade empreendedora. O estudo de Lindgren e Packendorff (2008) na

Suécia, demonstrou que, devido a uma longa tradição de escolas públicas no país, as empreendedoras não conseguiam ver-se como tal, e mantinham o nome de professor fortemente vinculado à sua identidade, sem permitir serem denominadas de empreendedoras. Esse aspecto da identidade, impedia que as empreendedoras procurassem profissionalizar a administração de suas instituições, o que se aproxima da dificuldade de empreendedores dessa área identificarem que sua escola tem características como quaisquer outras empresas no que se refere a obrigações trabalhistas, pagamento de impostos, clientes, fluxo de caixa, entre outros.

O contexto educacional descrito no estudo de Lindgren e Packendorff (2008) e o brasileiro são bem diferentes, em diversas particularidades, pois, lá, o investimento educacional continua sendo atribuição do Estado, e não por mensalidades, mesmo nos casos que a família escolhe matricular numa escola privada; e como o investimento do estado por aluno é menor nas escolas privadas do que nas públicas, o grande desafio das empreendedoras é gerenciar esse orçamento para manter uma educação com maior qualidade do que o oferecido nas escolas públicas para que as famílias escolham matricular seus filhos numa escola privada.

No contexto brasileiro, ocorre que o investimento nas escolas privadas de educação básica é feito pelas famílias cujos filhos são matriculados nestas escolas através do pagamento de mensalidades escolares. Parte do valor pago pelas famílias como investimento na educação dos filhos é enviado aos cofres públicos na forma de tributos, uma vez que os denominados serviços educacionais são taxados como quaisquer outros serviços, comércio ou indústria. Além disso, a mensalidade escolar média por aluno de escola privada, costuma ser mais baixa que o valor desembolsado pelo Estado por aluno matriculado na rede pública de educação básica. Dessa forma os desafios do empreendedor em educação privada são, entre outros, oferecer um serviço educacional com orçamento menor do que o da escola pública e com uma percepção que justifique que as famílias de seus potenciais clientes decidam por assumir as despesas educacionais de seus filhos ao invés de utilizarem o serviço gratuito oferecido pelo estado.

No Brasil, nas últimas décadas, as políticas educacionais têm sido elaboradas com perspectivas sociais, que focam na formação de professores para atuação no que denominam ser a 'escola pública gratuita e de qualidade'. Indicamos que o termo 'gratuita' pode não ser o mais coerente pois o serviço tem um custo que é pago por toda a sociedade. De modo geral a formação do professor de educação básica no

Brasil é feita de forma a de minimizar a importância das atividades que possam ser relacionadas à meritocracia e substituídas por atividades nas quais a avaliação e atividades colaborativas permitam tantas novas chances aos alunos quantas forem necessárias, permitindo inclusive que ele ingresse no nível seguinte de ensino sem que tenha atingido os objetivos mínimos estabelecidos. Paradoxalmente, a esse aluno compreendido como sujeito atuante de sua própria história nunca é atribuída a responsabilidade de seu próprio fracasso escolar; pois quando a aprendizagem é insuficiente são apontados como responsáveis o professor, a escola, o método de ensino, as condições socioeconômicas da família, ou mesmo a sociedade capitalista e opressora como um todo.

Para compreensão do complexo papel de empreendedor educacional no contexto brasileiro, apresentamos a perspectiva da formação educacional dos professores, para ilustrar que indivíduo que recebe essa formação, e posteriormente passa a exercer a atividade empreendedora, precisa adequar sua atuação a um papel de empreendedor na iniciativa privada. Isso porque sua atuação passa a ocorrer num contexto altamente competitivo, fortemente relacionada à livre iniciativa e ao pensamento liberal, de caráter não cooperativo, sem reserva de mercado, e vulnerável à inadimplência. A expectativa do sucesso e o peso do fracasso recaem exclusivamente sobre seus ombros, e alguns erros na gestão podem não lhe permitir novas chances. O sucesso ou o fracasso deixam de ser apenas relativos à organização e passam a incidir diretamente sobre a trajetória individual do empreendedor.

Em suma, a partir do referencial teórico e autores acima expostos, compreende-se que o indivíduo se relaciona não somente com os outros, mas também consigo próprio de forma que se torna objeto de sua própria análise e observação. Ao encontrar em si mesmo algumas das características adequadas para desempenhar o papel de empreendedor cujo *script* já está previamente e socialmente estabelecido, pode decidir assumir os riscos inerentes a empreender, e pode a partir de suas interações procurar aprimorar as características que entende como desejáveis para o desempenho desse papel.

Pode-se dizer que a constituição da identidade deste indivíduo enquanto empreendedor constitui-se de uma parte mais estável do seu **Self**, o *I* (eu) que é de difícil acesso e observação empírica menos suscetível a mudanças e que já abrigava a essência desse indivíduo antes de tornar-se empreendedor, e que além do *I* (eu) o

**Self** é composto de uma outra parte, o **me** (mim) que é constituída e afetada a partir do desempenho dos papéis que ele desempenha também em sua vida adulta, neste caso o papel do empreendedor. Sendo essa a parte que possibilita a pesquisa empírica e o a compreensão que se tem a respeito da pesquisa que se pretende realizar e está detalhada no capítulo de procedimentos metodológicos. (NUNES, 2005).

### 3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Uma pesquisa científica deve manter-se coerente desde a sua ontologia, passando pela epistemologia, até a escolha dos procedimentos metodológicos a serem empregados. Dito de outra forma, a visão de mundo utilizada na pesquisa, a forma de conhecer esse mundo, devem estar intrinsecamente conectados entre si e com o desenho da pesquisa. (BOEIRA; VIEIRA, 2010). A importância da clareza destas escolhas é destacada por Creswell (2010) que defende que o pesquisador deve evidenciar ainda os motivos que o levaram à escolha da abordagem da pesquisa e o posicionamento do pesquisador como uma postura desejável. (CRESWELL, 2010).

Portanto, seguindo a recomendação de Creswell (2010) a pesquisadora apresenta que essa pesquisa sobre a constituição da identidade do empreendedor em educação foi realizada sob as lentes da perspectiva teórica do Interacionismo Simbólico. Isso porque a partir da revisão da literatura foi percebido um espaço para buscar um entendimento sobre o empreendedor para além das visões tradicionais existentes da literatura. Esta pesquisa buscou investigar como se dá a constituição da identidade do empreendedor do setor de educação sob a perspectiva do Interacionismo Simbólico, especificamente ao a) relatar qual é o significado de 'ser empreendedor' para o indivíduo que representa esse papel; b) verificar quais os conteúdos que compõem o papel que o empreendedor desempenha em sua relação face a face e; c) identificar qual é o conceito que o indivíduo forma a respeito de si ao desempenhar o papel de empreendedor - dentro de uma epistemologia interpretativista e através de uma metodologia de investigação qualitativa.

Creswell (2010) apresenta o pesquisador como um sujeito ativo na escolha do problema de pesquisa, bem como o fato que o problema de pesquisa traz consigo elementos que indicam a abordagem mais apropriada para respondê-lo. A escolha do objeto de estudo e sob qual perspectiva é apresentado também por Creswell (2010) em conjunto com a formação acadêmica do pesquisador, suas experiências pessoais, história de vida e sua forma preferida de escrever.

Em termos ontológicos este trabalho parte de uma visão de mundo antifundacionista, na qual considera que os fenômenos sociais são constituídos na

interação, e não existem por si mesmos ou a *priori*. Dessa forma o papel de empreendedor é entendido como um papel cujo *script* é constituído socialmente.

A escolha da episteme para realização desse trabalho é a interpretativa, dentro da classificação proposta por Schwandt (2006) que examina três posturas epistemológicas que norteiam as investigações qualitativas: o interpretativismo, a hermenêutica e o construcionismo social.

Segundo Schwandt (2006) no ponto de vista interpretativista, todas as ações humanas – como o ato de empreender - são significativas, e para compreender a ação humana é necessário compreender o significado que essa ação possui para o indivíduo, neste caso o empreendedor, que a executa. É como que para se entender o que empreender significa para o indivíduo fosse necessário “entrar na cabeça” do empreendedor ou “espiar por sobre os ombros” dos empreendedores e “tentar imaginar (tanto observando quanto conversando) do que os atores pensam que são capazes”. (SCHWANDT, 2006, p. 196). Essa visão ‘de dentro’ que Schwandt (2006) denomina de **definição** que o ator – neste caso aquele que desempenha o papel de empreendedor - tem **da situação** é apresentado como um dos conceitos centrais das investigações qualitativas.

Ainda na compreensão da epistemologia interpretativista existe a compreensão da realidade social constituída na interação da vida cotidiana, na conversação. A ação humana e a fala são constituídas por todo um sistema de significados que constituem ação. (SCHWANDT, 2006).

Compreendendo a ontologia como os pressupostos sobre qual é natureza do fenômeno, neste caso a constituição da identidade do empreendedor, e a epistemologia como a natureza do conhecimento a respeito desse fenômeno, partimos para a compreensão da metodologia, que neste caso, é a natureza das formas através das quais eles podem ser acessados. (SILVA; NETO, 2010).

Para que as escolhas teóricas e de procedimentos metodológicos permaneçam coerentes durante toda a realização do trabalho, é importante resgatar quais são os principais pressupostos ontológicos, de epistemologia interpretativista e, revelá-los no Interacionismo Simbólico, perspectiva sob a qual foi desenvolvida a dissertação.

Portanto, procurando coerência com a ontologia apresentada e com uma epistemologia interpretativa, apresentamos a abordagem qualitativa como a escolha

metodológica apropriada para a investigação sobre a constituição da identidade do empreendedor sob a perspectiva do Interacionismo Simbólico.

A utilização do método qualitativo de investigação tem sido crescente desde a segunda metade do século XX apesar da predominância dos estudos quantitativos em ciências sociais. (CRESWELL, 2010, p. 26). E a importância dos estudos de abordagem qualitativa para ajudar a compreender o fenômeno do empreendedorismo tem estado presente na literatura (FILION, 1999; ÉSTHER; RODRIGUES; FREIRE, 2012).

Os procedimentos de coleta de dados mais usuais numa pesquisa qualitativa são a observação, as entrevistas, a consulta a documentos e a utilização de materiais audiovisuais (CRESWELL, 2010). Goffman ([1959], 2014) no prefácio de 'A representação do eu na vida cotidiana', indica outras formas que utilizou para coletar as ilustrações utilizadas para compor seu trabalho reconhecidamente interpretativista: pesquisas, narrativas informais, e um trabalho etnográfico desenvolvido numa comunidade agrícola das Ilhas Shetland. Para Goffman ([1959], 2014) o conjunto de ilustrações utilizadas permite a formação de um coerente quadro de referência.

Com a constituição da identidade do empreendedor entendida a partir dos papéis relacionados a essa função que ele vem desempenhar, o nível individual de análise da identidade do indivíduo é focado na interação de forma a procurar compreender as contribuições mais relevantes de como o empreendedor se constitui enquanto tal durante sua trajetória. (STRAUSS, [1959], 1999).

### 3.1 CONCEITUAÇÃO DOS TERMOS

A utilização de definições constitutivas e operacionais (D.C. e D.O) é um assunto controverso no âmbito das investigações com epistemologia interpretativista, por ser intrinsecamente relacionada às pesquisas pós-positivistas. Essa característica pós-positivista das D.C. e D.O. pode ser observada a seguir na definição de D.O. de Kerlinger (1980). A definição constitutiva (D.C.) é aquela que define palavras com outras palavras, é uma definição de dicionário, usada por todas as pessoas; enquanto a definição operacional (D.O.) é a necessária para que o cientista possa construir uma ponte entre os conceitos e o que pode ser observável ou verificável, ou seja, o que pode efetivamente ser pesquisado. (KERLINGER, 1980). Ou seja, o pressuposto

teórico que fundamenta a D.O. é que a realidade está dada, e a forma efetiva de acessá-la é exclusivamente através do que é observável ou verificável.

Em contrapartida, a elaboração destas, exige do pesquisador um exercício de reflexão que permite evidenciar e esclarecer para ele próprio qual é o conceito que ele elegeu como o mais apropriado para a investigação em questão dentre os tantos outros que ele apresentou na revisão de literatura.

Diante do exposto ocorre a escolha em utilizar os termos 'Forma de Conceituação' e 'Forma de Apreensão' ao invés de Definição Constitutiva (DC) e Definição Operacional (DO), para demarcar que o exercício de reflexão do pesquisador está sendo feito com um objetivo diferente daquele proposto nas pesquisas pós-positivas, e mais coerente com uma investigação interpretativista.

Dessa forma, seguem a 'Forma de Conceituação' e a 'Forma de Apreensão' dos termos 'empreendedor' e 'identidade'.

### 3.1.1 Empreendedor

Forma de Conceituação: A compreensão do empreendedor é baseada nos termos do Relatório do Global Entrepreneurship Monitor – GEM, como o indivíduo envolvido com a criação de novos empreendimentos ou ainda com a expansão de empreendimentos existentes. (GEM, 2015).

Forma de Apreensão: A compreensão do empreendedor de educação privada para a finalidade desta pesquisa é a do indivíduo que: a) vivenciou a criação de novos empreendimentos ou a expansão de empreendimentos existentes; b) atue no setor educacional; c) tenha seu nome vinculado formalmente à empresa; d) que desempenhe papéis relativos à administração da sua organização educacional e; e) desempenhe os papéis atribuídos socialmente ao empreendedor.

### 3.1.2 Identidade

Forma de Conceituação: A Identidade neste estudo é compreendida de forma dinâmica, associada ao desempenho de diferentes papéis, com ênfase na socialização na vida adulta; privilegiando-se a importância das carreiras profissionais e das ocupações do indivíduo. (STRAUSS, [1959], 1999). O desempenho de papéis

está associado à **definição da situação** e **tomada de papéis**, e a identidade associada ao **Self** do indivíduo.

Forma de apreensão: O papel de empreendedor foi compreendido como elemento que compõe a constituição da identidade do indivíduo. (STRAUSS [1959], 1999; GOFFMAN [1961], 2015; NUNES, 2005). Para a compreensão de como se dá a constituição da identidade do empreendedor serão utilizados três construtos do Interacionismo Simbólico: a **definição da situação**, a **tomada de papéis** e o **Self**, assim compreendidos:

a) **Definição da situação**: o estabelecimento do que realmente está acontecendo e o que é esperado de cada um em relação ao papel de empreendedor;

b) **Tomada do papel**: atividade mental intensa, onde o indivíduo passa a agir a partir da observação, das regras, da coerência necessária para o desempenho daquele papel;

c) **Self**: *evidenciando-se que o Me é utilizado como foco desse trabalho. O Me (mim) é o aspecto verificável do Self: empírico, auto verificável, e atribuído à auto concepção do indivíduo. Isso porque o Self é composto por duas partes, o I (eu) e o Me (mim). O I (eu) tem uma correspondência com a identidade pessoal, dele provém a raiz da identidade, é forma mais pura do Self, que permanece em períodos transitórios, e por sua natureza é de difícil investigação científica.*

### 3.2 CLASSIFICAÇÃO DA PESQUISA

Esta é uma pesquisa de abordagem qualitativa, interpretativista, equivalente ao que na classificação de Creswell (2010) é chamada de concepção construtivista social. Entre os desafios de fazer uma pesquisa de abordagem qualitativa, interpretativista, em ciências sociais estão: fazer a classificação da pesquisa, encontrar o delineamento mais adequado, o melhor instrumento de coleta de dados e a reflexão sobre a forma que os dados serão analisados requer muita aproximação com a literatura.

Esta é uma pesquisa exploratória, que pode ser classificada quanto à natureza dos dados, de natureza qualitativa e interpretativista, quanto ao ambiente a ser realizada em campo, ou seja, não se trata de um experimento em laboratório,

quanto ao tempo trata-se de uma pesquisa de corte transversal com análise longitudinal.

### 3.3 DELINEAMENTO DA PESQUISA

Para Creswell (2010) o projeto de pesquisa inclui desde as questões mais amplas como as concepções filosóficas, até o detalhamento dos métodos a serem utilizados para a coleta e análise dos dados; e apresenta três tipos de projetos: qualitativos, quantitativos e mistos. Esta é uma pesquisa de natureza qualitativa.

A estratégia de pesquisa que se demonstrou a mais adequada para esse problema de pesquisa é o estudo qualitativo básico. (MERRIAM, 1988, 2002; GODOY, 2005, 2012). Para Merriam (2002, p. 6) “o estudo qualitativo básico tem como objetivo descobrir e compreender um fenômeno, um processo, ou as perspectivas e visão de mundo das pessoas nele envolvidas”. Dessa forma, o estudo qualitativo básico tem as características de uma pesquisa qualitativa, mas não se enquadra nas categorias mais conhecidas, como estudo de caso, etnometodologia ou *grounded theory*. (MERRIAM, 1998, 2002; GODOY, 2005).

Para Merriam (2002) entre as principais características do estudo qualitativo básico estão: o interesse do pesquisador nos significados que os participantes dão ao fenômeno estudado; o fato que o pesquisador é o principal instrumento de coleta e análise dos dados; que a coleta de dados é feita por entrevistas, observações ou análise documental; o caráter predominantemente indutivo da pesquisa. A análise indutiva dos dados proporciona a identificação de padrões, temas e categorias; posteriormente os resultados são organizados na forma de um detalhado e rico relato descritivo que são discutidos tendo como base a perspectiva teórica que embasou o trabalho. (MERRIAM, 2002; GODOY, 2005).

Portanto, a partir da leitura de Merriam (1988) surge a reflexão compartilhada por Godoy (2010) que muitas pesquisas em ciências sociais que são classificadas como estudo de caso ou estudo de casos múltiplos, seriam melhor classificadas como ‘estudo qualitativo básico’ isso porque, têm as características de uma pesquisa qualitativa, mas não apresentam o estudo do contexto que caracterizaria o estudo de caso. Dessa forma achamos mais adequado classificar esta pesquisa como um estudo qualitativo básico. (MERRIAM, 2002, 2009).

### 3.4 PARTICIPANTES DA PESQUISA

A escolha dos participantes desta pesquisa foi feita de maneira propositada e intencional (MERRIAM, 2009; CRESWELL, 2010). A seleção intencional dos participantes da pesquisa é uma das características da pesquisa qualitativa, pois é necessário procurar por participantes que possam ajudar o pesquisador a melhor responder o seu problema de pesquisa. (CRESWELL, 2010). A seleção intencional ocorreu procurando-se direcionar o convite à participação na pesquisa à pessoas que vivenciaram a experiência de ser um empreendedor em educação, ou seja, responsáveis por criar ou ampliar, manter e dirigir uma ou mais instituições de ensino.

Os empreendedores entrevistados tinham necessariamente o seu nome relacionado à mantenedora, vivenciando além das atribuições relativas a administração de uma organização educacional, o desempenho de papéis característicos de empreendedores de quaisquer outras áreas, de modo a contribuir com o desenvolvimento dos estudos sobre a identidade do empreendedor. Com a finalidade de melhor comparação entre as categorias advindas das entrevistas, foram selecionados empreendedores que além das descrições acima, atuassem na educação básica, com atuação de ao menos dez anos no ramo de educação estabelecidos numa mesma cidade, conforme detalhado a seguir.

Foram convidados a participar da entrevista empreendedores *experts*. (RAMOS, 2015). Segundo a definição dessa autora, empreendedores *experts* são aqueles que tem no mínimo dez anos de experiência e atuam em um contexto de alta competição – como é o caso do setor educacional. Foram selecionados ainda empreendedores com trajetória no setor educacional, antes de tornarem-se empreendedores, seja através de licenciatura, docência ou socialização primária fortemente relacionada à atividades correlatas na área educacional.

O número de participantes da pesquisa não foi definido *a priori*, e o projeto de pesquisa previa que a finalização da coleta de dados ocorresse quando fosse confirmada a saturação teórica, ou seja, quando as novas entrevistas não trouxessem mais novas categorias ao problema de pesquisa que se pretendia investigar. Foram sendo realizadas duas entrevistas, com cada um dos participantes até a constatação da saturação teórica com o quarto entrevistado. Nas entrevistas com o terceiro participante já haviam evidências da saturação teórica. Nas entrevistas com o quarto participante houve a constatação que não emergiam mais novas categorias. Foi

realizada ainda uma entrevista com um quinto participante com algumas características diferentes dos demais selecionados onde foi reafirmada a constatação anterior que a saturação dos dados já havia sido alcançada, e, portanto, a coleta de dados foi finalizada. No total foram realizadas nove entrevistas com cinco diferentes participantes, com duração aproximada de uma hora cada uma das entrevistas.

### 3.5 TÉCNICAS DE COLETA E ANÁLISE DOS DADOS

Tendo em vista a compreensão dos significados atribuídos pelos indivíduos às questões relativas ao problema de pesquisa, as entrevistas semiestruturadas apresentam-se como uma das técnicas mais adequadas para a coleta dos dados. Dessa forma, a coleta dos dados foi feita a partir da própria linguagem do indivíduo o que possibilitou o desenvolvimento da noção dos significados que os indivíduos entrevistados atribuem aos diversos aspectos do mundo onde estão inseridos. (GODOY, 2012). Para a realização das entrevistas semiestruturadas foi elaborado um protocolo de entrevistas. (CRESWELL, 2010).

Na elaboração desse protocolo, foram privilegiadas questões que perguntavam 'como' ao invés de perguntarem 'por que'. Isso porque Becker (1999; 2007) indica que pesquisar o 'como' ao invés do 'porque' é uma técnica interessante para desenvolver pesquisas qualitativas pois estimula as pessoas a relatarem como foi a vivência ao invés de levá-las a se justificarem em suas respostas. Esse conhecimento agregado ao processo de pesquisa, apresentou-se muito útil, pois sempre que perguntas foram realizadas sob esse formato obteve-se respostas mais longas e elaboradas, que trouxeram maior auxílio na busca por respostas ao problema de pesquisa. No projeto foi previsto que sempre que houvessem pontos que precisassem de maior esclarecimento ou aprofundamento seria feita uma segunda entrevista elaborada a partir das respostas do participante. Esse aprofundamento foi realizado nas quatro primeiras entrevistas, ou seja, até que foi constatada a saturação teórica.

Conforme previsto no projeto da pesquisa, as categorias não foram estabelecidas a *priori*, mas emergiram a partir da fala dos entrevistados. (MERRIAM, 2002; GODOY, 2005). Foram posteriormente organizadas, agrupadas, e quando necessário renomeadas de forma que pudessem ser melhor apresentadas à luz da perspectiva teórica do Interacionismo Simbólico, que norteia este trabalho. Dessa

forma foram apresentados trechos das entrevistas que permitem a compreensão da complexidade do fenômeno sob o ponto de vista do indivíduo que atua no contexto extremo de empreender em educação. (MERRIAM, 2002; GODOY, 2005; WELPE et al.,2012).

O primeiro roteiro de entrevista semiestruturada que foi elaborado, também chamado de pré-teste, passou pelos aprimoramentos que se fizeram necessários após a coleta de dados com o primeiro entrevistado. A sequência dos tópicos abordados não foi rígida, apresentando alterações durante a entrevista, de forma que estimulasse a linha de pensamento que estava sendo apresentada pelos participantes. (GODOY, 2012). Sempre que necessário, foram retomadas as questões, mesmo que o participante já a houvesse respondido parcialmente durante outra questão, assegurando-se uma melhor experiência vicária do fenômeno estudado.

No projeto era previsto que logo após o início da coleta dos dados fosse dado início à transcrição das entrevistas e análise dos dados, de forma que fosse possível acompanhar as categorias que emergissem e a saturação teórica de forma que pudessem ser encerradas as entrevistas no campo. Era previsto também a elaboração de diário de campo, para registro do andamento da pesquisa, bem como das impressões que teve o pesquisador no momento das entrevistas. (GODOY, 2005).

A coleta de dados foi iniciada no início do mês de junho de 2016, e a realização da primeira entrevista ocorreu na organização do participante. O roteiro da entrevista seguinte com o mesma participante foi elaborado retomando-se quais eram as questões de pesquisa a serem respondidas, e partindo-se das primeiras respostas já analisadas da primeira entrevista. Dessa forma, foi possível retomar as questões que não ficaram suficientemente claras na primeira vez, e que as respostas fossem aprofundadas nas demais.

Foram realizadas as duas entrevistas com o primeiro participante, antes do início das demais entrevistas de forma que a pesquisadora pôde vivenciar o procedimento de contato com a participante, revisão do roteiro de entrevista, realização da entrevista, transcrição, utilização do software Atlas TI, análise dos dados, e elaboração do roteiro da entrevista seguinte da mesma participante. O processo de análise dos dados, realizado logo após as entrevistas e simultaneamente ao período das demais entrevistas permitiu maior segurança do sentido que o

conteúdo da pesquisa estava encaminhando-se no sentido de responder às questões de pesquisa.

Neste período, iniciou-se o diário de campo, com o objetivo de registrar os aspectos principais que pudessem auxiliar na pesquisa e extrapolassem as entrevistas em si como as impressões gerais a respeito de cada uma das entrevistas realizadas, **os artefatos físicos** dos locais das entrevistas e as escolhas de horários e locais por parte dos entrevistados.

No projeto de pesquisa foi prevista uma auditoria por parte da pesquisadora, com o objetivo inicial de garantir-se a qualidade das transcrições. Mas a experiência de ouvir o áudio e ler a transcrição de forma simultânea demonstrou-se útil não apenas para garantia da fidelidade das transcrições como também como um primeiro olhar sobre o conteúdo da entrevista. Após a transcrição das entrevistas e digitação das informações do diário de campo, era previsto no projeto uma leitura dos dados de forma a ser obtida uma impressão geral do conteúdo da entrevista. (CRESWELL, 2010). Ocorreu, porém, que antes de serem demarcadas as primeiras categorias no processo de análise, foram necessárias não apenas uma, mas diversas leituras da transcrição de forma a ultrapassar o nível da aparência do fenômeno que se apresentava na fala, ou seja, procurar compreender a fala além da superfície.

Foi planejado que os dados fossem organizados e arquivados de forma que ficassem disponíveis para processos de auditoria ou avaliação, tendo em vista a possibilidade de novas interpretações para o fenômeno em estudo. (GODOY, 2005). O software Atlas TI demonstrou-se uma interessante ferramenta de apoio para o pesquisador neste sentido, além da sua utilização para a análise dos dados. Isso porque uma das principais finalidades deste software é “buscar, organizar, categorizar e registrar interpretações.” (BANDEIRA-DE-MELLO, 2010, p. 431). Foram utilizadas sempre que necessário, notas de análise, também denominadas de memorandos, para manter-se a coerência na forma de análise.

No programa Atlas TI foi criada a Unidade Hermenêutica, que escolhermos denominar de ‘IDENTIDADE’ para receber os dados coletados durante a pesquisa, e fazer a inserção das transcrições das entrevistas. As entrevistas foram inseridas na ordem em que foram realizadas.

Utilizando-se o Atlas TI foram selecionadas na entrevista *quotas* que são os trechos da entrevista que melhor podem ajudar a responder ao problema de pesquisa. Sempre que novos códigos eram identificados, as *quotas* a serem vinculadas aos

códigos eram procuradas na sequência que as entrevistas foram realizadas e inseridas na Unidade Hermenêutica. Cada uma das *quotas* foi vinculada a um *code*. Os *codes* não existem a princípio, cada um desses códigos é criado à medida que emergem novos conteúdos nos trechos que vão sendo selecionados da entrevista. Várias *quotas* são relacionadas aos mesmos *codes* de forma que é possível visualizar ao mesmo tempo diferentes trechos de entrevista que se referem aos mesmos códigos. Foi utilizado ainda o recurso *Auto Coding* que permitiu estabelecer a partir de um código, quais sinônimos deveriam ser buscados, ressaltando-se que a decisão se aquela frase, ou *quota* deve ou não ser relacionada aquele código foi feita sempre pela pesquisadora.

Como alguns códigos foram identificados com apenas uma ou duas palavras em determinado ponto podiam surgir dúvidas como por exemplo o que deve ser classificado como 'formação'. Para auxiliar neste sentido, foram utilizados os memorandos, denominados *memos que* funcionam como auxiliares de memória e permitem que seja definido detalhadamente que tipo de informação deve ser vinculada a cada um dos códigos.

Ao ser efetuado o convite de participação na pesquisa com cada um dos entrevistados, foi informado o objetivo da pesquisa, o tempo médio de cada entrevista, o possível número de entrevistas necessárias, e a necessidade de gravação das entrevistas em áudio para posterior transcrição e análise. Os participantes eram informados ainda que a pesquisa era focada na pessoa deles, enquanto empreendedores, e não no empreendimento. Ao início de cada entrevista, era solicitado aos participantes informarem se autorizavam que as entrevistas fossem gravadas.

As entrevistas foram gravadas exclusivamente em áudio, incluindo-se a gravação da anuência dos entrevistados. Foram utilizados dois gravadores simultaneamente na realização das entrevistas, no *Iphone* e no notebook. Imediatamente após o encerramento da entrevista, ainda na presença dos participantes os arquivos eram salvos e renomeados de forma a assegurar a integridade das informações.

O maior espaço de tempo entre a realização de entrevistas ocorreu entre as o término na segunda entrevistas do primeiro participante e o início das demais entrevistas. Isso porque, este período demandou maior dedicação para aprendizagem da utilização das ferramentas necessárias para a análise dos dados, retomada da

leitura da literatura e do projeto propriamente dito e adequação do trabalho de forma que fosse construído para responder ao problema de pesquisa. Após a experiência com a primeira entrevista seguiu-se uma sequência planejada da marcação das entrevistas até a análise dos dados que permitiu melhor rendimento do trabalho.

Todas as entrevistas foram realizadas de forma presencial, e em todos os casos os participantes definiram as suas próprias organizações como o local para as entrevistas. Os horários definidos pelos participantes indicados como sendo os mais tranquilos na sua rotina de trabalho, foram sempre repetidos pelos participantes sempre que demandou uma segunda entrevista. Dos quatro primeiros participantes foram realizadas duas entrevistas totalizando entre uma hora e cinquenta minutos e duas horas de gravações. Após informações mais relevantes de conversas que antecederam ou precederam as entrevistas, foram registradas, de forma a permitir a complementação dos dados coletados.

De forma a assegurar-se o sigilo dos participantes, seus nomes e de suas organizações foram substituídos por nomes fictícios. Os nomes fictícios foram escolhidos pela pesquisadora, pelo critério de manter algum vínculo simbólico para esta, de forma a permitir maior facilidade nas descrições da análise de dados. Os demais nomes, de terceiros ou organizações foram ocultados e apresentados entre parênteses, como por exemplo (marido) ou ainda (nome da escola) de forma a não permitir a violação do sigilo. Detalhes da trajetória dos participantes que pudessem revelar quem são eles também foram omitidos das descrições.

Para a análise detalhada dos dados foi utilizada a análise de conteúdo, a partir dos passos definidos por Strauss e Corbin (2008), evidenciando-se que essa técnica de análise de dados se demonstrou útil para que pudessem emergir, a partir da fala dos entrevistados as principais categorias de análise. Na análise essas categorias que não foram definidas *a priori* foram comparadas aos principais construtos do Interacionismo Simbólico, e quando necessárias renomeadas para proporcionar uma melhor coerência na discussão dos resultados.

### 3.6 VALIDADE E CONFIABILIDADE

O rigor no desenvolvimento de uma pesquisa qualitativa é relacionado à compreensão específica dos conceitos de validade, e confiabilidade deste tipo de trabalho. (GODOY, 2012). A validade e confiabilidade de uma pesquisa qualitativa

com abordagem interpretativista, é basicamente relacionada à coerência interna do trabalho.

Para uma pesquisa ser internamente válida suas conclusões devem estar apoiadas nos dados. Nesse sentido, a validade interna é julgada considerando-se até que ponto a descrição e interpretação oferecidas pelo pesquisador estão de acordo, ou seja, são consistentes com os dados coletados (GODOY, 2005).

Para aumentar a confiabilidade foi efetuada uma auditoria pelo próprio pesquisador da fidelidade das transcrições realizadas. Foi realizada também a utilização dos memorandos durante o processo de análise dos dados no software Atlas/TI para trazer também a possibilidade de auditorias futuras.

Por tratar-se de uma dissertação, que deve ser realizada por um único pesquisador, não é possível a contribuição da análise de outros pesquisadores. Também não foram utilizados documentos ou observação do empreendedor em educação pois apesar destes permitirem uma melhor compreensão do contexto da organização criada pelo empreendedor, não se constituem forma de responder o problema de pesquisa, visto que a constituição da identidade do indivíduo, numa perspectiva interacionista, é um conhecimento não tangível, não material, e se pretende conhecer a visão do próprio indivíduo sobre sua constituição de identidade enquanto empreendedor. Descrições dos artefatos tais como a sala da entrevista, e o figurino utilizado pelo empreendedor, são feitas de forma a permitir uma melhor experiência vicária, e não como a fonte primária dos dados.

Para garantir maior confiabilidade quanto à pesquisa realizada, foi apresentada uma descrição densa dos procedimentos adotados durante a coleta e análise dos dados. A unidade de análise básica nesta pesquisa **é a interação**, e não um objeto ou o indivíduo. Isso porque é na interação consigo próprio e com seu meio que ocorre a constituição da identidade do indivíduo, de forma que os papéis que ele desempenha passam a fazer parte dele próprio. (STRAUSS, [1959], 1999; ENNES, 2013).

### 3.7 LIMITAÇÕES DA PESQUISA

A coleta qualitativa de dados com corte transversal sobre a constituição da identidade do empreendedor, traz por si só um enfoque longitudinal nos dados apresentados. Isso porque no Interacionismo Simbólico, a constituição da identidade

do indivíduo, é compreendida em constante interação com seu mundo social. É um processo contínuo e não um produto acabado.

Dessa forma, existe o entendimento que as falas do indivíduo sobre os episódios e a sua compreensão do papel do empreendedor são correspondentes à visão do indivíduo que hoje olha para o seu passado e resignifica os acontecimentos vivenciados. Portanto, é conhecido do pesquisador que o conteúdo das entrevistas não representa o significado que ele tinha para os indivíduos no passado, ou seja, à visão que o indivíduo tinha à época dos acontecimentos, e sim à perspectiva presente em relação àqueles acontecimentos. Essa ressignificação faz parte da própria característica deste tipo de pesquisa e não é considerada como uma limitação da pesquisa.

Porém, cabe salientar que a pesquisa qualitativa, por sua própria natureza, visa explorar em profundidade o que está sendo estudado, e que as generalizações estatísticas não são adequadas para pesquisas interpretativistas. Mas a descrição detalhada do fenômeno estudado permite a outro pesquisador uma experiência vicária sobre o tema e auxilia no entendimento de outras situações com semelhança, o que é conhecido como uma fonte para a chamada generalização naturalística. (STAKE, 2000, 2009).

Para finalizar a apresentação das limitações desta pesquisa, apresenta-se que a questão do viés, ou *bias*, é assumida pelo pesquisador enquanto conhecedor de suas limitações e da necessidade constante de aprofundar sua análise para além da superfície da fala. Dessa forma encerra-se o capítulo que apresenta os procedimentos metodológicos que foram utilizados nesta pesquisa e inicia-se o próximo capítulo onde são apresentados os resultados, com suas respectivas análises e discussões.

## 4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Para contextualizar os resultados desta pesquisa, será apresentado primeiramente o contexto brasileiro em educação privada. Posteriormente será apresentado um quadro denominado de Quadro 2 de forma a orientar quem são os participantes da pesquisa, seguido de um breve histórico da trajetória de cada um dos empreendedores em educação privada que participaram da pesquisa. Após essa introdução, a apresentação dos resultados desta pesquisa sobre a constituição da identidade do empreendedor será realizada sempre de forma coletiva. Embora os fragmentos selecionados das entrevistas apresentem especificidades da trajetória de cada empreendedor, a análise busca aspectos que auxiliam na compreensão de como se dá a constituição da identidade do empreendedor.

Assim sendo, quando apresentadas características dos empreendedores, não são procuradas generalizações estatísticas, mas relatadas as características que os empreendedores utilizaram para descrever quem são os empreendedores, e de certa forma descrevem a si próprios. As análises dos conteúdos priorizaram os fragmentos que trouxeram conteúdos semelhantes em diferentes entrevistas e que podem ser relevantes na compreensão da identidade do empreendedor.

### 4.1 CONTEXTO BRASILEIRO DA EDUCAÇÃO PRIVADA

A expectativa em relação ao papel a ser desempenhado por um empreendedor precisa ser compreendida dentro do contexto no qual este empreendedor está inserido. (STRAUSS, [1959], 1999; GOFFMAN, [1959], 2014). Dessa forma a apresentação histórica de como um determinado setor de atuação do empreendedor – no caso em educação privada – dentro de um contexto social de um país – no caso o Brasil foi sendo significado e ressignificado nesta sociedade permite uma melhor compreensão de alguns elementos constituintes da identidade do empreendedor.

Isso porque ao apropriar-se do papel de empreendedor em educação privada o indivíduo referencia em si próprio uma série de qualidades positivas ou negativas atribuídas socialmente aos empreendedores deste setor, de forma que através do desempenho deste papel o indivíduo reafirma ou nega características atribuídas a

esse papel. Dessa forma, quando há características negativas associadas socialmente à um papel específico, é de compreender que o indivíduo que desempenha este papel procure na formação de sua identidade exteriorizar sua diferenciação em relação ao estereótipo estabelecido socialmente para quem desempenha esse papel específico. (STRAUSS, [1959], 1999).

Por tratar-se do contexto do setor de educação privada, os tópicos que se seguem foram incluídos entre os resultados da pesquisa. Para isso é apresentado um breve relato histórico da presença das escolas privadas no Brasil, para demonstra a participação histórica e atual das escolas privadas no cenário brasileiro. São apresentados ainda os aspectos da legislação que asseguram a existência do setor no Brasil, bem como alguns dados atualizados. Sendo essa pesquisa realizada com empreendedores da Educação Básica, que inclui a Educação Infantil, o Ensino Fundamental e o Ensino Médio no relato a seguir serão priorizados os aspectos referentes a estes níveis de educação, ou seja da Educação Básica, e não do ensino superior. (ALVES, 2009; MARTINS, 2010).

Para melhor compreensão do empreendedor em educação privada, apresenta-se um breve panorama da educação privada no país, desde seus primórdios até os dias atuais. Historicamente apresenta-se que foi através da iniciativa privada que o Brasil teve seu primeiro estabelecimento de ensino fundado pelos franciscanos na Bahia no ano de 1553. (ALVES, 2009). Emergem daí as primeiras origens da educação escolar no Brasil. Durante os mais de quinhentos anos de história da educação no Brasil, a presença da educação privada nunca foi descontinuada mesmo tendo as diversas alterações nas suas regras de funcionamento no decorrer dos anos. (ALVES, 2009).

A educação privada foi em muitas épocas e lugares do Brasil a única opção de educação escolar disponível para a população, e sua forma de financiamento era proveniente de diferentes fontes que não necessariamente custeadas diretamente pelo aluno ou seus familiares. Isso porque no momento que ainda não existiam escolas públicas no Brasil, as primeiras escolas privadas eram basicamente confessionais e católicas. Mas as escolas privadas de modo geral, emergiram em diferentes lugares do Brasil, a partir das necessidades percebidas de determinadas população, em lugares, tempos ou situações específicas onde o poder público se fazia ausente. Além dos tradicionais colégios católicos, comunidades distantes criavam e mantinham escolas como por exemplo as confessionais luteranas e menonitas,

atendendo as necessidades do movimento migratório. (ALVES, 2009). Dessa forma, a iniciativa privada em educação no Brasil, permitiu que necessidades educacionais da população fossem supridas em detrimento da ausência do Poder Público em diferentes tempos, locais ou níveis de atuação. (ALVES, 2009).

Mas a contribuição da educação privada até mesmo nas situações e ocasiões de ausência do ensino público durante mais de cinco séculos, não impediu que o setor passasse por inúmeras mudanças de regras de funcionamento que inclusive colocassem em risco a existência de inúmeras instituições. O artigo 205 da Constituição brasileira afirma que a educação é dever do Estado e da família, a ser promovida em colaboração com a sociedade. A seguir afirma que o ensino é livre à iniciativa privada. Mas a clareza constitucional da legitimidade do setor na sociedade brasileira, não evita que na prática exista um paradoxo onde os princípios constitucionais são liberais, mas as práticas de governos avançam além de suas responsabilidades submetendo o setor a algumas arbitrariedades, e dificultando a atuação empreendedora neste setor. (ALVES, 2009).

Alves (2009) ressalta a intervenção estatal na livre iniciativa na educação, prevista na Constituição Brasileira; quando a intervenção do Estado, extrapola suas atribuições constitucionais prevista no artigo 209, aproxima-se de autoritarismo e desrespeita a legislação aplicável e consolidada referente ao setor. De acordo com Esmanhoto (2010, p.22) “poucas são as atividades privadas que sofrem tanta regulamentação e ingerência por parte do poder público” como as escolas particulares. Duas complexas dimensões permeiam todas as relações sobre o assunto: até onde o Estado deve ir para manter a responsabilidade no sentido de educação e onde inicia-se um intervencionismo na livre iniciativa em educação; por fim, a questão da liberdade de ensino e questões de financiamento estatal. (ALVES, 2009).

A lógica vigente nos cursos de humanas no Brasil é que sendo a escola destinada à mais nobre das missões humanas, a educação, deveria manter-se longe de tudo que possa ser relacionada ao mundo empresarial; sustentando-se na tese que educação não é mercadoria e aluno não é cliente. (MARTINS, 2010). Durante muito tempo os mantenedores das escolas brasileiras eram sobretudo do governo, nas escolas públicas; e a Igreja, nas escolas privadas, de forma que estas não vivenciavam como realidade diária a concorrência e a possibilidade da falência. Com a meta de que a educação brasileira atendesse a mais segmentos e a todos as

peessoas, o serviço público não conseguiu atender a todas as demandas da sociedade, e surgiu espaço para para emergirem mais escolas particulares além das confessionais. (MARTINS, 2010).

Algumas mudanças sociais no país contaram com o apoio da educação privada para se concretizarem. Por exemplo, a inserção da mulher no mercado de trabalho trouxe uma demanda por vagas em creches num momento que a educação pública ainda era voltada para crianças somente a partir dos sete anos. Inúmeros 'jardins de infância' e 'pré-escolas' particulares, espalhadas por todo o país, ofereceram o serviço de cuidados e educação num momento que jovens mães se deparavam com a expectativa social que ficassem em casa enquanto seus filhos fossem pequenos. Outra contribuição da educação privada no Brasil refere-se à oferta de educação superior, aos cursos técnicos e profissionalizantes, e mais recentemente à capilarização de cursos à distância para atender a diferentes necessidades em um país de dimensão continental, evitando que o movimento migratório seja a única alternativa possível para a escolarização superior.

Enquanto no ensino superior, as universidades públicas mantêm-se como referência social de universidades com ótima qualidade, no ensino básico, em especial do ensino fundamental e médio ocorre um caminho inverso. Isso porque na educação básica o setor tem alcançado um reconhecimento da qualidade do ensino, de forma que as famílias optam por investir na educação de seus filhos em educação privada, a adquirir outros bens de consumo com o mesmo valor e matriculá-los numa instituição pública e 'gratuita'.

Mesmo assim, a relevância das escolas privadas no contexto educacional brasileiro é desconhecida ou as vezes desconsiderada por parte dos educadores brasileiros, formados em licenciaturas sob a bandeira de uma 'Educação Pública, Gratuita e de Qualidade' às vezes absorvida sem questionamentos como a possibilidade educacional única para o país. Neste modelo, a ideologia do Estado como um ser absoluto não deixa muito espaço a visões particulares, e principalmente formas de educação que não atendam a normativas do governo vigente.

Martins (2010) apontava carência de boa literatura sobre a complexa gestão de instituições educacionais. Pode-se indicar ainda que o campo de estudos de empreendedorismo ainda é iniciante nos estudos sobre esse setor da sociedade brasileira, em especial ao que se refere às iniciativas empreendedoras com atuação voltada para educação básica.

Para possibilitar a compreensão das escolas privadas na legislação brasileira, é importante resgatar que sua presença é prevista na Constituição Brasileira, e na Lei de Diretrizes e Bases da Educação. (BRASIL, 1988). As instituições privadas de ensino no Brasil são previstas no Art. 205 inciso III da Constituição Federal (CF), no mesmo artigo que prevê as instituições públicas de ensino.

Art. 205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Art. 206. O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios:

I - Igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;

II - Liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar o pensamento, a arte e o saber;

III - pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas, e coexistência de instituições públicas e **privadas de ensino; (grifamos)** (BRASIL, 1988, p.34)

Para melhor compreensão do setor, em especial numa pesquisa que aborda o empreendedorismo é importante ressaltar que escolas privadas não são uma concessão do Estado. Compreende-se por concessão o que ocorre quando há um contrato administrativo onde o estado transfere um serviço público por um prazo determinado, para ser executado pela iniciativa privada. Portanto, diferente do uso da força e da persecução criminal que são prerrogativas exclusivas do Estado, a atividade educacional é uma atividade aberta à toda a sociedade. Ou seja, o ensino é livre para a iniciativa privada, desde que atenda as normas gerais da educação nacional, tenha a devida autorização de funcionamento pelo Poder Público, e seja por ele avaliado. (BRASIL, 1988).

Falando-se em educação privada, é importante lembrar que a livre iniciativa está em pé de igualdade com princípios mais celebrados em nossa sociedade, como por exemplo o da cidadania, dignidade da pessoa humana e o próprio pluralismo partidário. Dessa forma, impensável tolhermos a livre iniciativa, pois deste modo as pessoas somente fariam o que o Estado determinasse que elas deveriam fazer, quadro típico de um regime totalitário.

#### 4.2 OS PARTICIPANTES DAS ENTREVISTAS E SUAS TRAJETÓRIAS

Abaixo, apresenta-se o Quadro 2 com elementos que orientam a compreensão a respeito dos indivíduos entrevistados, ressaltando-se o cuidado de que fosse mantido o sigilo inerente à pesquisa científica. Vale ressaltar que a questão do gênero

não foi um dos critérios utilizados na escolha dos participantes, porém, a seleção de participantes que tivessem formação na área de humanas, ou forte vivência nesta área resultou num maior número de mulheres que homens entre os participantes das entrevistas.

QUADRO 2: DEMONSTRATIVO DOS PARTICIPANTES DA PESQUISA

Nome	Idade	Formação	Empreendedor a
Rute	52 anos	1.Magistério 2.Pedagogia 3.Psicopedagogia 4.MBA Gestão	Empreendedora em Educação a 28 anos. Era professora antes disso.
Juliana	42 anos	6 meses Administração Pedagogia	Apresenta-se como empreendedora a 24 anos. No início deste período atuou em outras funções na escola como professora e pedagoga.
Magali	53 anos	1.Administração e Comércio Exterior 2.Magistério Pós-Médio 3.Pedagogia 6 especializações - 3 em adm. e 3 em educação – a última em curso	Já era empreendedora <i>expert</i> quando fez o magistério, pedagogia e tornou-se empreendedora em educação. Nunca exerceu a função de professora.
Vera	53 anos	1.Magistério 2.Administração e Comercio Exterior 3.Pedagogia	Empreendedora em Educação a 28 anos. Foi professora por 7 anos.
Eduardo	31 anos	1.Administração 2.Direito	Iniciou na administração a 13 anos   Neto de empreendedor em educação e filho de professor relata que cresceu em sala de professores   Trabalha no setor de educação 10 anos   Empreendedor em educação a 8 anos

FONTE: O autor (2016)

O Quadro 2 proporciona uma visão geral dos participantes da pesquisa. Na sequência, é feita a apresentação do histórico de cada um dos participantes, contendo os dados principais que auxiliam na percepção de uma experiência vicária a respeito dessa pesquisa. Todos os relatos foram realizados tomando-se o cuidado para não apresentar dados do indivíduo, de suas organizações ou de terceiros, ou quaisquer outros dados que pudessem expor o sigilo dos participantes e de suas informações. O curso de magistério a nível médio ou pós-médio é apresentado na formação, mesmo entre os participantes que possuem o curso de pedagogia, pois os participantes

demonstram durante a fala a relevância dessa formação no período de vida que estavam em inserção no setor educacional.

Reafirmamos que as descrições a seguir, representam o único momento que os indivíduos participantes são apresentados individualmente, juntamente com suas histórias e trajetórias, passando-se, portanto, a seguir a uma apresentação e análise coletiva dos principais achados na pesquisa.

**Participante 1: Rute, 52 anos** era professora de educação infantil numa cidade grande para a qual havia se mudado com o marido, havia feito pedagogia, quando surgiu a oportunidade de comprar uma escola infantil de pequeno porte. A oportunidade veio para ela, ao encontro de um sonho antigo de ter um berçário, e na percepção da necessidade do serviço entre os colegas de trabalho do marido. O início da trajetória empreendedora é marcado por uma percepção de muito sacrifício pessoal representada por trabalho em madrugadas e finais de semana, de abrir mão do único carro por alguns anos, e da maior parte do salário do marido para pagar a compra do berçário. O marido, se junta a ela neste empreendimento e posteriormente em outros que o casal abriu no período de 28 anos. As ideias inovadoras da empreendedora, para atender às mães de bebês ainda na época da fralda de pano deram tão certo que logo foi necessário um espaço maior. A sucessão tem sido estudada e preparada há anos com os filhos. Atualmente presta seus serviços pessoalmente das sete da manhã às sete da noite, para mais de mil famílias, em duas unidades de educação infantil ao ensino fundamental, além de outro segmento de serviços que passou a atuar com o marido. Ela participa ativamente da vida em comunidade, realizando diversos trabalhos sociais, além disso, realizou pós-graduações na área educacional e realiza visitas a escolas que são referência para analisar os modelos de gestão e educação, também cursou MBA em gestão. Entre seus sonhos, está o de transformar o modelo de gestão educacional que desenvolveu na sua escola, em um case para ser estudado e adotado em diferentes lugares.

**Participante 2: Juliana, 42 anos** é pedagoga e é sucessora na escola de educação infantil fundada pela mãe. Cresceu no ambiente escolar, como estudante e participante da escola da mãe. Ela relata que na adolescência teve muita relutância em trabalhar no mesmo ramo de atividade da mãe e experimentou outros cursos universitários, trabalhando também no empreendimento do pai em outra área, mas

não se identificou com essas áreas. A falência do negócio do pai com consequente necessidade financeira fez com que ela considerasse melhor o empreendimento da mãe. Já cursando pedagogia, exerceu diversas funções na escola até assumir a coordenação do empreendimento. Hoje ela é a pessoa que toca os negócios, apesar da mãe e pai ainda atuarem na organização. Descreve-se como privilegiada por não ter passado pelos sacrifícios pessoais intensos que percebe no relato de outros empreendedores, pela oportunidade de que teve de receber um negócio já pronto. É muito presente na rotina diária da escola, atua exclusivamente em uma única unidade de educação infantil, e relata que não gostaria de crescer para outro espaço físico além do que ela possa estar gerindo presencialmente.

**Participante 3: Magali 53 anos** desempenha muitos papéis. É esposa, mãe, avó, empresária, pratica esportes e se declara sempre estudante. Administradora por formação, tinha mais de quarenta anos e uma empresa lucrativa há mais de dez anos quando começou a buscar maior realização profissional. Foi fazer o magistério, e nos estágios obrigatórios apaixonou-se pela educação. Viu a oportunidade de fazer um gerenciamento melhor do que estava vendo. Seguiu fazendo pedagogia, e reconheceu a oportunidade para empreender na área numa pré-escola à venda. Convenceu o então sócio a comprar sua parte da empresa, contou com a ajuda financeira da filha e o apoio do marido. Comprou uma pré-escola com poucos alunos e trabalhou para aumentar a quantidade de alunos até a capacidade da estrutura física. Além da graduação em administração, fez três especializações na área de administração; depois da pedagogia, duas especializações em pedagogia e está fazendo um terceiro curso, este de formação, também na área de educação. Magali relata que se envolveu tanto emocionalmente com a escola, que esqueceu que a escola precisava ser administrada. Para ela a fonte de realização é estar com as crianças. Conseguir clientela suficiente para deixar a escola em sua lotação máxima, não impediu, porém, que a experiente administradora passasse a enfrentar dificuldades financeiras. A necessidade de empréstimos e a dificuldade em sanar as contas ao final de cada mês, fez Magali perceber que precisava retomar a sua função de administrar a própria empresa.

**Participante 4: Vera 53 anos** sempre sonhou em ser professora. Após o magistério e já lecionando fez faculdade de administração. Relata que se sentia um

peixe fora d'água junto com os colegas que trabalhavam em banco e empresas. Depois de um tempo foi trabalhar numa escola infantil recém fundada e ao ver a empolgação da proprietária em cuidar de cada detalhe de sua escola, despertou o desejo de ter sua própria escola. Junto com sua irmã, comprou uma escola da qual ficou apenas o nome. De outra escola, que havia fechado, comprou o mobiliário e materiais. Nesse período, teve dificuldades para encontrar o imóvel ideal para locação para iniciar sua escola. Na época, ela estava recém-casada, seus filhos praticamente nasceram e cresceram na escola. Neste local, empreende há 28 anos, agora como imóvel próprio e com novas construções no decorrer dos anos. Com a saída da irmã da sociedade, o marido veio a ser seu sócio, cuidando mais da parte administrativa, enquanto ela se dedica mais à parte pedagógica. Fez pedagogia há menos de dez anos. Neste curso, sentiu-se realizada. Apesar de uma primeira graduação em outra área, atualmente sua filha está cursando pedagogia e trabalhando com ela na escola. Enfrentando alguns desafios na área de saúde, e outros na área administrativa da empresa, afirma que neste momento sente-se cansada, e às vezes pensa que é momento de parar. Trabalha com uma única unidade educacional da educação infantil às séries iniciais do ensino fundamental.

**Participante 5: Eduardo, 31 anos** o mais jovem dos empreendedores entrevistados diz que literalmente cresceu em sala de professores. Neto de empreendedor em educação e filho de professor escolheu aos dezessete anos que queria ser empreendedor em educação e escolheu preparar-se para isso. Na sua concepção, a educação é a área mais nobre entre as quais alguém pode empreender. Isso porque, ao final de toda a carreira profissional, sobra um pouco de si mesmo na vida e carreira de cada aluno que passou por ele. Entrou no curso de administração e em seguida em direito, fazendo os dois cursos ao mesmo tempo. Há dez anos começou a trabalhar na área de educação e dois anos depois viu seu sonho de tornar-se empreendedor em educação ruir, quando as empresas educacionais que a família era sócia foram vendidas. Em seguida, viu na venda de uma escola a oportunidade para retomar seu sonho. Conseguiu convencer os pais a comprarem a escola, então em queda do número de alunos, fez uma transição entre a antiga gestão e a nova no período de dois anos e hoje colhe frutos de reconhecimento de seu trabalho em parâmetros objetivos de qualidade educacional. Empreende em uma única unidade educacional, da educação infantil ao pré-vestibular.

### 4.3 CRITÉRIOS NA ANÁLISE DOS RESULTADOS

Seguindo-se a apresentação individual dos empreendedores participantes, iniciou-se a análise coletiva dos dados coletados. Com o auxílio do Atlas TI foram selecionados, classificados e relacionados um número muito maior de quotas, ou fragmentos das entrevistas, do que os que serão apresentados nesta apresentação dos resultados. Vale ressaltar que a filosofia por trás da utilização de um *software* para auxílio na interpretação de um texto não é que o computador vai fazer o trabalho analítico, ou a compreensão do significado das palavras ou das frases. “Sua força vem do fato de serem capazes de ajudar com todos os tipos de tarefas de ordenamento, estruturação, recuperação e visualização.” (STRAUSS; CORBIN, 2008, p. 260).

O critério de escolha da apresentação dos fragmentos foi trazer os que mais podem auxiliar a responder o problema de pesquisa, e que ao mesmo tempo emergem a partir de mais entrevistas, de forma que se tornam mais representativos no que diz respeito à constituição da identidade desses empreendedores, em que pese não se buscar aqui representações estatísticas.

A seguir, o referencial teórico, anteriormente apresentado, é resgatado para introduzir a apresentação dos resultados, e de forma intercalada a esses, proporcionando ao mesmo tempo uma análise teórica dos fragmentos das entrevistas, e uma nova exemplificação dos aspectos teóricos a partir da vivência desses indivíduos. Sempre que necessário, apresenta-se o aprofundamento de alguns aspectos do referencial teórico de forma que possam melhor permitir um olhar sobre o conteúdo das entrevistas.

A análise e discussão dos dados coletados é apresentada em dois grandes blocos: o primeiro dos achados relativos à questão da IDENTIDADE do empreendedor, onde será resgatado sobretudo o referencial teórico de Strauss ([1959], 1999) sobre identidade; o segundo bloco, trazendo a questão do PAPEL de empreendedor, analisado principalmente a partir do referencial de Goffman ([1959], 2014), ambos apresentados de forma a responder como é constituída a identidade do empreendedor em educação privada sob a perspectiva teórica do Interacionismo Simbólico.

#### 4.4 A IDENTIDADE DO EMPREENDEDOR EM EDUCAÇÃO

O estudo da identidade do empreendedor em educação privada demanda primeiramente delimitar como acontece a identificação deste indivíduo com o papel de empreendedor, bem como a identificação e diferenciação que ele estabelece com outros papéis que são correlatos no exercício de sua função. (STRAUSS, 1999). Justificamos que a presença de conteúdo de papéis neste tópico da análise destinado à identidade, não é relacionado ao papel em si, mas à forma que esse conteúdo é apropriado pelo indivíduo empreendedor, em sua identidade, ora identificando-se ora diferenciando-se do conteúdo dos papéis correlatos ao seu. (STRAUSS, [1959], 1999).

Isso porque apesar do fato do conteúdo do papel de empreendedor em educação privada possuir muito em comum com papéis correlatos na área de gestão, como o papel de empreendedor e de administrador, bem como conteúdos comuns à papéis da área educacional, como o de professor, educador, coordenador pedagógico ou diretor, ele diferencia-se também de cada um deles. Os conteúdos da fala dos entrevistados caminharam no sentido de apresentarem aspectos de identificação e de diferenciação em relação a esses papéis. E esse é um movimento repleto de dualidades; enquanto apresentam no gerenciamento da impressão uma imagem compatível com a de professor, identificam em si próprios as características que atribuem como inerentes aos empreendedores.

Mas não é como empreendedores ou empresários que os participantes da pesquisa se apresentaram, exceto nos casos que esta tenha sido atividade profissional anterior ao empreendimento em educação. As apresentações indicam um movimento de identificação e diferenciação do empreendedor em educação em relação a esses outros papéis socialmente constituídos, de modo contínuo, não estático, nunca acabado e percebido pelos empreendedores em educação como em mudança gradual seja em direção a um extremo, a outro, ou ainda um retorno em busca de um equilíbrio entre os dois.

Nas análises, procurou-se ultrapassar a superfície da fala, de forma a demonstrar como no transcorrer de todas as entrevistas, os participantes trazem sua visão de mundo, sua parte mais arraigada do **Self**, o **I**, para o papel que desempenham e ainda como o desempenho desse papel é apropriado pelo indivíduo na constituição

da parte mais visível da sua identidade, o **Me.** (STRAUSS [1959], 1999; GOFFMAN [1959], 2014; NUNES, 2005).

#### 4.4.1 EMPREENDEDORES OU EMPREENDEDORES EM EDUCAÇÃO

Uma descrição introdutória pode permitir uma melhor compreensão do papel do empreendedor em educação privada no Brasil. Toda escola no Brasil é mantida por uma pessoa jurídica que pode ser pública ou privada. No caso das escolas privadas, existe necessariamente uma mantenedora, que possui um CNPJ – Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica, e que pode manter uma ou mais escolas. O Empreendedor em educação é o proprietário, ou o responsável legal por essa mantenedora. A mantenedora é responsável pelos imóveis, licenças, autorizações, contratos, contratações de pessoal, demissões, tributos e demais responsabilidades legais provenientes do exercício da atividade. Além de suas atribuições junto à mantenedora, ou seja, da empresa que é em última instância a responsável pelo pagamento das contas da escola, os empreendedores selecionados para esta pesquisa são responsáveis pelas escolas das quais são mantenedores. Ou seja, possuem a função de diretores ou coordenadores de suas instituições educacionais. De certa forma, pode-se abstrair que está sob sua responsabilidade tanto identificar as necessidades de investimento na escola, bem como a liberação dos recursos – quando existentes – para suprir essas necessidades.

Mas a existência desses recursos não é existente *a priori* na forma de uma verba ou orçamento destinado à manutenção da escola. É também o empreendedor educacional o responsável pelo marketing da instituição, pela captação de alunos e fechamento de contratos, do gerenciamento da inadimplência e da disponibilização dos recursos para atender as demandas financeiras da instituição. Dentro do entendimento clássico da administração que os recursos são escassos, e dada a grande afinidade que muitos desses empreendedores têm com os papéis educacionais em si não é difícil imaginar a complexidade de escolhas que ocorrem na trajetória empreendedora e como escolas cheias de alunos podem deixar de ter resultados positivos em pouco tempo.

Dessa forma ao procurarmos caracterizar quem são os empreendedores em educação privada diz-se que são proprietários de suas próprias organizações, e, portanto, responsáveis legais pela manutenção de ao menos uma organização

educacional. Assim, ao criar, comprar, ou assumir uma instituição educacional passam a gerenciar e somam os riscos do negócio, aos riscos relativos à responsabilidade pessoal que lhes é atribuída no exercício da direção de uma instituição educacional. Em linhas gerais suas responsabilidades de empreendedor em educação extrapolam as responsabilidades da função de um pedagogo ou professor e têm relação com o cotidiano de um negócio. No fragmento de fala abaixo, a entrevistada apresenta algumas das responsabilidades e riscos do empreendedor educacional.

*As questões trabalhistas, a cobrança do governo cada vez mais ne?! O risco da vida ne?! Qualquer... nós estamos sujeitos, Deus me livre, a fatalidades. Então se for pensar friamente no risco que se tem, no custo que se tem, no trabalho que se tem com o retorno que se tem, fecha as portas. (Juliana)*

Ou seja, as responsabilidades financeiras, legais e jurídicas de um empreendedor em educação privada, excedem as atribuições e responsabilidades de um diretor de escola pública, ou ainda de um diretor contratado numa instituição privada. Os proprietários das escolas particulares, que nestes casos exercem também a função de diretores ou coordenadores de uma instituição, mantêm-se responsáveis por garantir a estabilidade e o equilíbrio financeiro da organização. Isso inclui, entre outras, a responsabilidade e o passivo trabalhista de todos os contratos de trabalho. Inclui também assumir os custos e os riscos legais e físicos relativos ao imóvel onde a instituição funciona, com as sucessivas alterações na estrutura física decorrentes das exigências progressivas de diferentes órgãos e conselhos profissionais. Todas essas funções extrapolam as responsabilidades e riscos de diretores de escolas públicas ou diretores de escolas privadas por serem compreendidas como atribuições inerentes às mantenedores.

A identificação desses empreendedores com a função empreendedora, pode requerer ao pesquisador um olhar um pouco mais aprofundado do que é apresentado num primeiro momento da fala. Isso porque ao serem abordados sobre o que é ser empreendedor, ou qual a sua profissão, não se identificam como tal. (STRAUSS [1959], 1999). Mas ao mesmo tempo quando convidados a descrever o que consideram que é ser um empreendedor, esses empreendedores relacionam os atributos que julgam necessário para tal, em pouco tempo apresentam exemplos pessoais nos quais apresentam aquelas características, direcionando o olhar do interlocutor a percebê-los enquanto empreendedores, apesar de não usarem essa

palavra para se descreverem enquanto tal. Os extratos de fala abaixo, apresentados aos pares, indicam como os empreendedores num primeiro momento descrevem as características de um empreendedor. Mas não é para essas características que quisesses direcionar essa análise, e sim para o fato que num segundo extrato da fala dos mesmos entrevistados, é possível observar que se apresentam a si próprios como indivíduos que possuem essas características inerentes ao empreendedor.

Um dos entrevistados apresenta a segurança e a confiança como as principais características de um empreendedor, e na fala seguinte apresenta um exemplo de sua atuação no qual relaciona essas características.

*Eu acho que segurança e confiança. São os dois principais. (Eduardo – apresentando as características de um empreendedor).*

*Se **eu** for conversar com **um fornecedor meu**, se eu for conversar com investidor, se eu for conversar com um pai de aluno, se eu for conversar com qualquer pessoa, tudo fica mais fácil depois que ela estiver confiança e segurança naquela pessoa com quem ela está lidando né?! Eu acho que isso é o essencial. (Eduardo – neste momento apresenta-se enquanto empreendedor).*

Um segundo extrato de entrevista apresenta que uma das características essenciais a um empreendedor, é estar sempre junto, na rotina diária de seu empreendimento, e com isso formar uma boa equipe. Em vários extratos de fala, dois dos quais apresentados na sequência, a empreendedora que está sempre na sua escola desde o momento da abertura até o fechado, é possível abstrair que ela demonstra ter essas características presentes em seu modo de constituir-se enquanto empreendedora.

*Eu acho que o empreendedor ele tem que estar junto, ele não precisa saber fazer tudo, mas ele tem que estar junto, entendeu, eu acho que... por exemplo, qual o grande segredo para ser um empreendedor? Uma super equipe! E como que você faz uma super equipe? Estando junto! Então você tem que varrer, varrer junto, você tem que lavar, lavar junto, você não precisa lavar, alguém vai te ensinar, mas estar junto, eu acho que ter tempo para ouvir... (Rute ao demonstrar que o empreendedor tem que estar junto o tempo todo e tem que ter uma boa equipe)*

*... quem é gestor de escola, do tipo de gestão que a gente faz aqui, é uma gestão muito próxima da família. (Rute ao demonstrar que está sempre muito presente, muito próximo).*

*Eu acho que a valorização dos funcionários Raquel ... porque você não é nada sem eles, você não é nada sem eles, principalmente na escola, na escola você não é nada se não tiver uma equipe boa e são duas coisas que são.... E muito diálogo, muito diálogo, não sair da linha de centramento ne?! (Rute ao demonstrar que ela tem uma boa equipe).*

Nesse terceiro exemplo, a coragem é o principal atributo de um empreendedor para essa empreendedora, e ela apresenta-se com coragem, mas com cautela, como que justificando seu posicionamento se em algum momento sua atitude não puder ser totalmente relacionada à coragem. Mais uma vez neste exemplo percebe-se o movimento dos participantes apresentarem-se na forma que consideram características importantes de um empreendedor.

*Primeiramente eu tenho a ideia de que uma pessoa de coragem, uma pessoa corajosa. (Juliana – apresentando as características de um empreendedor).*

*Então ser empreendedor é ser corajoso, desbravador, mas com cautela, eu acho que você nunca tem a certeza de que as coisas vão dar certas ou erradas, mas você tem (eu tenho) que trabalhar com as duas possibilidades, do erro e do acerto, mas de forma cautelosa, visando mais o acerto, ninguém quer (eu não quero) empreender para fracassar. (Juliana Apresentando-se enquanto empreendedora, e justificando porque não pode ser somente corajosa).*

A seguir selecionamos ainda os fragmentos de uma quarta entrevista onde é apresentada a percepção de um dos entrevistados a respeito de empreendedor antes da tomada do papel. E ainda a forma que ela passa a visualizar nela própria essas características que antes ela considerava extraordinárias em um empreendedor.

*Olha Raquel, assim, na verdade assim que era um pouco de loucura da pessoa, sabe, eu achava assim que.... Nossa, eu admirava muito uma pessoa assim que tinha o seu próprio negócio, porque eu pensava assim: “poxa, eu sou funcionária ne, eu vou lá cumpro as minhas 4 horas de trabalho, vou para minha casa, tenho o meu sábado e domingo bem tranquilo, vou ter minhas férias, vou ter ne, tudo certinho. (Vera, apresentando o que julgava ser empreendedora, enquanto não se identificava com o papel)*

*Só que depois com o passar do tempo, eu acho que a minha vontade de eu ter o meu próprio negócio, isso foi mudando na minha cabeça ne?! Eu achava assim que não seria tanta loucura a partir do momento que você se dedicasse inteiramente no teu negócio, sabe? (Vera – apresentando-se totalmente identificada como papel de empreendedora).*

A partir do comparativo de diferentes extratos de falas dos mesmos empreendedores é possível abstrair que, quando eles falam de empreendedor falam de si mesmos. No então, eles mesmos não gostam de revelar que eles próprios são empreendedores.

Nos relatos aparecem questões idealizadas sobre o que é ser empreendedor, por exemplo na perspectiva do próprio entrevistado, antes da tomada do papel, que idealizava que ser empreendedor era dispor de muito tempo livre. Outra ilusão apresentada quanto à uma visão idealizada do que é ser empreendedor, aparece na fala de um dos entrevistados que diz que percebe que as pessoas imaginam que seu

faturamento se traduz em lucro. Mas os extratos de fala que apresentam questões idealizadas também dizem respeito à constituição da identidade do empreendedor. Ao invés do reconhecimento da trajetória da carreira que os levou à iniciativa empreendedora, repleta de interações e significados por eles atribuídos aos eventos de sua trajetória, emergem alguns relatos idealizados, simplistas, onde o fato de tornar-se empreendedor é atribuído exclusivamente a características inatas, ou seja, que nasceram com o indivíduo, não oferecendo o devido valor ao fato que estas características foram sendo apropriadas pelo indivíduo do decorrer de sua trajetória que antecedeu a carreira de empreendedor, e continuou após ela estar iniciada.

*Eu acho que a garra, eu acho que isso vem dentro de você, não sei se isso faz, acho isso já está ne?! Você já é acho que predestinado para alguma coisa ne?! Você vem diferente ne?! Você vem com vontade de crescer, com vontade de enriquecer, mesmo que as pessoas digam: “ah, porque educação não dá dinheiro”, dá dinheiro sim, a gente vive super. Bem com o dinheiro da educação se você fizer uma boa gestão financeira ne?! Você consegue pagar um salário bom para os professores, você consegue fazer com que o pessoal se mantenha, você consegue se manter bem.*

Uma coisa é como eles se veem ou viam o que era ser empreendedor, dentro de um mundo idealizado com tempo de sobra, outra coisa é como eles percebem que os outros os veem, a ilusão de que o faturamento se traduz em lucro. Essa cisão entre a visão idealizada do empreendedor, e a realizada vivenciada na trajetória empreendedora, é traduzida no discurso empreendedor, que evidencia os sacrifícios da trajetória e apresenta os riscos inerentes ao empreendimento como evidências que é necessário contar com características especiais para poder empreender. Características que atribuem a si próprios.

O relato anterior da participante Vera, tem também consonância com o relato de outros empreendedores que consideram o ato de empreender, ou mais especificamente de empreender no Brasil e ainda em educação, um ato que requer características extraordinárias. Relatam que se a pessoa pensasse bem nos riscos envolvidos, no todo que envolve o empreendimento, as pessoas não empreenderiam.

*Eu acho que para você ser empreendedora aqui no Brasil você tem que estar fora da casinha, se você pensar verdadeiramente, você não viraria empresaria aqui, se você pensar em tudo que você paga, tanto imposto que você paga, tudo o que você gera de emprego, o tanto que te “...”, pensando em bombeiro, vigilância sanitária, o tanto que as coisas são complexas para você conseguir cortar uma árvore nessa cidade, tudo é muito difícil quando você é empreendedor ne?! (Rute)*

Ao perguntar aos indivíduos o que representava para eles ser empreendedor, antes de terem seu próprio negócio, e atualmente, têm-se respostas que indicam como através da interação com seu próprio ambiente e consigo próprio os indivíduos resignificam o papel e sua própria identidade. Isso porque as identidades não são fixas, estanques. (STRAUSS, [1959], 1999).

Tornar-se empreendedor é uma atividade que extrapola as formalidades de criar ou comprar uma empresa. A interação com o meio e consigo próprio fazem com que o indivíduo altere o mundo à sua volta à medida que vai alterando sua própria percepção de si próprio, mudando sua forma de agir, de pensar, sua ótica em relação ao mundo que o rodeia.

*Mas eu acho que essa coisa assim da gente ir se tornando empreendedora, você vai aprendendo, você vai vivendo e nessa sua vivência, com a sua experiência, você vai deixando de lado o que é ruim, vai melhorando o que é de bom. (Rute)*

*Como eu poderia te dizer como que a gente se torna um empreendedor... eu não sei como a gente se torna um empreendedor, eu acho que isso vem aos poucos sabe?! Você vai aprendendo algumas coisas, você vai vivendo, você vai lendo, você vai fazendo curso, eu sou muito de estudar, sou muito de ler, eu acho que é isso que torna você um empreendedor. (Rute)*

*(Respondendo como foi se tornando empreendedora) então eu acho que existe sim uma aprendizagem no dia a dia, isso é inegável ne?! Até aprendendo com os próprios erros, isso é a melhor escola ne?! Você pagando pelo seu erro, mas de forma alguma é desqualificar esse conhecimento que vem no acadêmico. (Juliana)*

*Porque assim enquanto eu era apenas funcionária, como eu te falava; eu... os pensamentos eram outros, os teus compromissos eram outros ne?! Á partir do momento que eu me tornei empreendedora, tudo muda, porque a minha vida na verdade, ela é colocada aqui na escola, ela é focada aqui na escola. (Vera)*

*Porque você sendo empreendedora a tua vida não vai ser de segunda à sexta como vários outros locais que você trabalhava como funcionária, a tua vida é de segunda a segunda na verdade, ne?! Porque mesmo final de semana você está em casa, mas você está lá preocupada; “puxa, eu deveria aproveitar o sábado para ir à escola, fazer alguma coisa” (Vera)*

*Foi um processo intenso, foi intenso. Acho que a primeira coisa que eu senti mudar na minha personalidade mesmo foi que, automaticamente eu fui ficando um pouquinho mais, como que eu posso dizer... Eu fiquei muito menos coração mole do que eu sempre fui, e isso começou a acontecer quando eu tive que começar a realizar algumas demissões, então você descobre que as vezes você tem que fazer determinadas coisas prejudicando um indivíduo de determinada forma, mas em detrimento de vários outros indivíduos. E é uma situação muito chata você fazer a demissão de alguém e olha que para mim foi marcante a primeira demissão que eu fui fazer, minha perna tremia assim. (Eduardo)*

*E eu as vezes eu até me contestei, as vezes eu cheguei em casa sozinho, pensando; “o que está acontecendo comigo? ”, eu estou ficando mais gelado*

*de determinada forma, eu acho que é a mesma coisa que acontece com o médico provavelmente. O cara entra na faculdade de medicina com um perfil psicológico e ele começa a exercer medicina e as pessoas começam a morrer na frente dele diariamente e aquilo começa a ficar normal para ele, naturalmente ele tem que se transformar em um cara mais gelado ou centrado para administrar esse tipo de situação, entende?! Se não ele não sobreviveria profissionalmente. Acho que a mesma coisa acontece com o empreendedor, você tem que tomar decisões as vezes que tem consequência em várias pessoas sobre vários aspectos, mas você não pode não a tomar, entende?! E isso vai moldando a personalidade da pessoa. (Eduardo)*

A partir dessas falas pode-se extrair que a constituição da identidade de um empreendedor é o produto inacabado de uma trajetória de carreira. Os entrevistados que não consideram que seriam empreendedores a *priori* e pronto. Mesmo quando tratarem isso como uma possibilidade a ser alcançada, percebiam que decisões de outras pessoas e outros acontecimentos alheios à sua vontade poderiam frustrar esse objetivo. Os entrevistados demonstram que perceberam que as interações decorrentes das situações e contexto nos quais estiveram inseridos tiveram papel preponderante para sua constituição enquanto empreendedores. A atitude empreendedora em educação extrapola os limites da empresa ou os muros da escola e passa a fazer parte da vida pessoal do indivíduo. Da mesma forma, quanto à constituição da identidade dos indivíduos não há como separar o papel de empreendedor da constituição dessa identidade. Em outras palavras, ao exercer o papel de empreendedor alguns conteúdos desse papel passam a ser apropriados pela parte mais verificável do **Self**, o **Me**. (STRAUSS [1959], 1999).

*Você pode ser um empreendedor dentro de casa, você pode ser empreendedora como dona de casa, como mãe, em pequenas atitudes que você tem de economia, de organização, de planejamento. (Rute)*

*Eu acho que não tem como você separar o empreendedor do ser humano, não tem como você dizer, “Rute, daqui para fora você não é um empreendedor”, você é, você vai no restaurante e você pensa “puxa, esse prato é delicioso, eu acho que eu vou pedir a receita para levar para cozinha lá da escola”, você viaja, “nossa senhora que legal que eles fizeram, acho que lá na escola vai funcionar isso!”, entende?! (Rute)*

*(Sobre deixar de ser empreendedora quando vai para casa): Raquel eu não consigo, vou ser bem sincera, eu não consigo. Eu levo muitos problemas para casa, eu levo muita coisa de repente para fazer em casa, o (marido) a mesma coisa, ne?! Então assim; não é eu fechar a porta da escola e acabou, não, eu sou empreendedora de segunda a segunda. (Vera)*

Para conduzir a apresentação dos resultados a respeito da constituição da identidade do empreendedor, resgatamos a contribuição de Farmer, Yao e Kung-

Mcintyre (2011). Para esses autores a construção da identidade empreendedora pelo indivíduo requer duas importantes informações: a primeira, compreender e conhecer o conteúdo do papel de empreendedor, em outras palavras, o que é ser um empreendedor; a segunda, um auto avaliação do indivíduo de forma a escolher se ele gostaria de ser um empreendedor, e se percebe em si próprio potencial para isso. Usando as palavras de Strauss ([1959],1999, p. 105) “Pouco importa se o havíamos considerado um papel admirável ou desprezível. A questão é que nunca imaginamos que pudéssemos desempenhá-lo, nunca pensamos que este **Me** potencial estivesse em nós mesmos. ”

Ao interagir com os outros e consigo mesmo o indivíduo busca um conhecimento a respeito de quem ele é e de quem ele pode vir a ser; traz consigo elementos muito arraigados à sua própria identidade que foram constituídos na sua socialização primária no **I**, e outros elementos com os quais se identificou na sua formação ou profissão, denominados de socialização secundária mais localizados no **Me**. (BERGER; LUCKMANN, [1967] 2014; STRAUSS, [1959], 1999; GOFFMAN, ([1959], 2014). A percepção que o indivíduo tem a respeito de si próprio proveniente da interação com os outros e consigo mesmo, são elementos fundamentais para que ele avalie as suas possibilidades de vir a exercer um novo papel – neste caso o papel de empreendedor. O segundo elemento para a compreensão de como se dá a constituição da identidade do empreendedor em educação é a visão que este indivíduo tem, de qual é o conteúdo do papel de empreendedor; a partir da expectativa percebida em relação ao desempenho desse papel, e da sua avaliação é possível ao indivíduo avaliar se haveria a possibilidade dele vir a tomar esse novo papel, de tornar-se um empreendedor. (BERGER; LUCKMANN, [1967], 2014; STRAUSS, [1959],1999; GOFFMAN, [1959], 2014).

Para Strauss ([1959], 1999) um indivíduo apropria-se de tal forma de um papel profissional que ele exerça durante anos que elementos desse papel passam a constituir a própria identidade do indivíduo. Essa compreensão pode ser extraída também da sociologia das carreiras de Goffman ([1959], 2014). E ainda dos estudos de Berger e Luckmann ([1967], 2014) que indicam a importância da socialização secundária na construção da realidade social. Ainda buscando a contribuição de Berger e Luckmann ([1967], 2014), lembramos que a socialização primária, ou seja, as aprendizagens arraigadas dos primeiros anos da vida do indivíduo são muito fortes,

e, portanto, dela originam-se parte dos elementos mais permanentes da identidade dos indivíduos, que pode-se relacionar ao *I* (eu), a parte mais estável do **Self**.

A carreira a ser percorrida para tornar-se empreendedor pressupõe a construção de uma trajetória própria, as vezes solitária, uma identidade construída pelo indivíduo que não é relacionada a um curso de formação específica. A formação de alguns profissionais é relacionada à trajetória percorrida durante um curso de graduação ou formação: um médico, um engenheiro, um advogado, um psicólogo, um professor, um contador, um oficial militar. Nestes casos o indivíduo precisa passar por diferentes etapas de cursos e testes dos quais precisa ser aprovado em todos para finalmente identificar-se como tal profissional. Um indivíduo pode vir a constituir-se empreendedor após realizar algum desses cursos, enquanto os demais colegas que tiveram a mesma experiência acadêmica que eles não se interessam por esse papel. (HSIEH, 2015). Desvendar essa diferença foi o foco do estudo de Hsieh (2015), que se concentra em investigar porque alguns engenheiros e cientistas tornam-se empreendedores e outros não. Entre os entrevistados ocorreu um elemento comum à pesquisa de Hsieh (2015), onde diferentes formações e ou vivências profissionais contribuíram para a formação da identidade empreendedora; mas especificamente encontramos na formação ou na carreira profissional dos indivíduos a formação em ao menos duas áreas distintas.

Numa perspectiva interacionista pode-se abstrair que, por mais que os indivíduos participem de um mesmo curso de formação, são diferentes as interações, e também diferentes os significados atribuídos por cada indivíduo para aquele curso como um todo e para as disciplinas e estágios. (STRAUSS, [1959], 1999; SNOW, 2001; NUNES, 2005; ENNES, 2013). É a interação do indivíduo com o outro, com os conteúdos, com as experiências vivenciadas que permitem aos indivíduos atribuírem diferentes significados ao que estão aprendendo. (STRAUSS, [1959], 1999; NUNES, 2005).

Dessa forma, a constituição da identidade de empreendedor em educação por parte de um indivíduo não segue uma lógica única, linear. Ao olhar em perspectiva, nem sempre o empreendedor consegue encontrar elementos inequívocos que justifiquem para ele próprio como se tornou empreendedor. Na inexistência de um fator único ou preciso podem vir, na superfície da fala a relacionar a carreira empreendedora a elementos “casuais” na vida social.

*Eu acho que eu me transformei em empreendedora por estar aqui na hora certa, no dia certo, no espaço certo ne?! (Rute)*

Becker (2007) descreve uma reflexão neste sentido, iniciada a partir da leitura de um artigo da antropóloga Mariza Peirano que descobrira que diversos cientistas sociais no Brasil, que desenvolviam trabalhos na linha de “causalidade social extremamente determinísticos” (BECKER, 2007, p.52) tinham uma postura diferente da apresentada em seus trabalhos quando tentavam explicar acontecimentos de suas próprias vidas, de forma que os atribuíam ao acaso. Becker (2007, p. 57) retoma a análise dizendo que “ a cadeia de eventos que conduz ao evento importante para mim, aquele para o qual desejo uma explicação detalhada, envolve muitas outras pessoas. ” E é importante salientar que a interação com as outras pessoas, o significado atribuído aos acontecimentos de sua trajetória contribui para a formação do indivíduo. Ou seja, “ tudo o que aconteceu na vida...dependeu não só de suas próprias ações e escolhas, mas também das ações de todas as outras pessoas com quem estava envolvido. ” (BECKER, 2007, P. 58).

Por isso um olhar mais atento sobre a própria trajetória descrita pelos empreendedores permite perceber que o significado que é atribuído pelo próprio indivíduo a partir de suas interações, orienta seu ingresso e o acompanha na trajetória de empreender. Por si só, algumas motivações apresentadas no relato de alguns empreendedores como a vontade de prosperar, a ideia de ter tempo livre ou a vontade de fazer as coisas de um jeito melhor podem ser encontrados também em outros indivíduos que nem por isso tornam-se empreendedores. É possível extrair também que não são elementos suficientes para a constituição da carreira empreendedor em educação os cursos de magistério, pedagogia, ou ainda de administração. Por isso, será focada a atenção nas interações que os indivíduos estabeleceram durante suas trajetórias com os outros e consigo próprios e que permitiram a constituição desses indivíduos enquanto empreendedores em educação.

Antes de responderem às perguntas os participantes foram informados que a entrevista era focada neles próprios, no indivíduo empreendedor, e não nos seus empreendimentos. Entre as respostas, alguns elementos foram omitidos de forma a preservar a identidade dos participantes. Os fragmentos abaixo representam alguns desses elementos representativos da identidade dos indivíduos ao responder a uma pergunta bem ampla. Quem é você hoje?

*Hoje eu posso dizer que eu sou uma pessoa apaixonada pela educação, tenho aqui as minhas duas escolas, a gente também trabalha no ramo de ..., então tem uma outra área que agente atua e faço na escola a coordenação pedagógica geral, já tenho uma filha para fazer uma sucessão.... Ajudo na questão financeira, na questão dos projetos, dia das mães dia dos pais, essas coisas passam todas por mim, por causa da questão financeira, eu acho que seria isso, hoje seria isso. Tem a questão que a gente trabalha institucionalmente no ... Então a gente tem umas demandas diferentes que a gente também atua fora. (Rute)*

*Eu sou uma pessoa, posso dizer realizada profissionalmente porque eu gosto do que eu faço, pessoalmente também, que eu passei pela trajetória pessoal, tenho um marido, os filhos, netos, então eu posso me considerar completa assim no sentido familiar, pessoal ne?! Sou uma pessoa que costumo praticar exercícios, tenho amigos de vários lugares onde eu convivo e gosto muito de estudar também. Volta e meia eu estou fazendo uma nova pós, um novo curso ou assistindo palestras, essa sou eu. (Magali)*

*Bom eu sou a (Vera), aqui da escola (tal) um sonho assim realizado, hoje eu me vejo assim, na parte profissional eu já me vejo assim um pouco cansada da área de educação devido assim a vários problemas, tanto burocrático como as vezes problemas pessoais ne?! Mas assim; amo o que eu faço, a minha vida sempre foi trabalhar na parte da educação, nunca desempenhei outro papel, outra profissão, nada, sempre foi na parte de educação, o qual aqui na escola sempre me deu abertura para seguir da parte de administração mesmo ne?! Mas antes de trabalhar aqui na escola eu já trabalhava em outras escolas como professora ne?! (Vera)*

*(Silêncio) em qualquer aspecto? Pessoal ou... eu sou uma pessoa que faço o que gosto profissionalmente realizada com consciência do nível de estresse que a parte empreendedora exige, mais ou menos satisfeito com o trabalho diário que eu tenho de realizar com uma família bem estruturada bem montada ... casado, com a vida bem planejada desde muito tempo atrás, e as coisas têm acontecido conforme eu havia planejado a muito tempo atrás, graças a Deus e me considero uma pessoa com valores bem sólidos assim. (Eduardo)*

Nesses primeiros fragmentos a pergunta abrangia uma possibilidade de respostas que incluíam aspectos da vida pessoal. A auto realização aparenta ser o elemento que os empreendedores mais procuram evidenciar ao descreverem a si próprios. No universo do empreendedorismo, o sucesso é usualmente relacionado à riqueza material (SILVA, 2016), em contrapartida apresentar-se como uma pessoa realizada pode atender a expectativas percebidas por empreendedores que atuam na área de educação. Os fragmentos indicam ainda, uma forte vinculação entre as empreendedoras e o setor de educação – ou com a identidade da sua organização. O extrato abaixo indica **uma identificação muito forte entre o empreendedor e seu empreendimento** apresentado enquanto a resposta da participante sobre quem é você hoje:

*Particularmente uma pessoa responsável e até mesmo presa, em termos de princípios na atuação profissional, então é difícil de dissociar o pessoal do profissional, até mesmo em exposições, em mídias sociais, você sempre tem que tomar cuidado, porque você além de um RG, você também é CNPJ, você*

*também representa esse CNPJ. Então mesmo nos ciclos pessoais você tem que ter esse discernimento que você está carregando uma marca que está intrínseca na sua pessoa. (Juliana)*

A identificação do empreendedor com seu empreendimento é tal que a marca forte, ou o bom nome da escola, são apresentados como um elemento positivo da auto percepção do indivíduo. Dessa forma, é possível resgatar o estudo de Cardon et al. (2012) que indica que emoções substanciais que surgem na atividade de empreender são provenientes do contexto extremo que é empreender, marcado por incertezas e pressão de tempo. Assim sendo, pode-se abstrair que se houverem situações negativas envolvendo o nome da instituição, existem impactos diretos na identidade do empreendedor. Isso porque os destinos do empreendimento geram consequências diretas na vida pessoal do empreendedor, reconhecendo que a atividade empreendedora não envolve apenas pensar e fazer e sim pensar, sentir e fazer. (CARDON et al.,2012). O extrato abaixo exemplifica a identificação do empreendedor com seu empreendimento.

*Olha, uma coisa assim que me deixa bem feliz assim uma marca que ficou forte foi o nome da escola que assim... claro não vamos fugir para uma área muito longe, mas algumas vezes eu escolho algum local e falo assim: "há, eu tenho uma escola", "há, que escola que é? ", "já passei na frente daquela escola, assim, assim assado". Então é ...quando eu falo (nome da escola) é um nome muito forte, eu vejo pelo pessoal dos transportes escolares que o nome da minha escola é bem forte. (Vera)*

Ainda neste sentido encontramos evidências que a identidade que o empreendedor cunhou no seu empreendimento passa a ser incorporada à identidade do próprio empreendedor. Dessa forma, as pessoas com as quais o empreendedor se relaciona durante sua trajetória podem não lembrar seu sobrenome, ou teriam dificuldade em relacioná-las ao seu nome completo. Isso porque, usualmente o nome do indivíduo passa a ser seguido do nome da instituição que ele criou e mantém. Para Strauss ([1959], 1999) o nome é um forte elemento de identidade do indivíduo, que o identifica e o diferencia.

Historicamente, as pessoas eram identificadas pelas cidades de onde eram provenientes, como Leonardo da Vinci; pelo ofício que exerciam, como José o Carpinteiro, ou ainda pelas famílias a que pertenciam, como é usual nos sobrenomes em nosso país. Através do nome era possível identificar a que classe social o indivíduo pertencia. A relação entre empreendedor e empreendimento pode se tornar tão intensa que o nome da empresa substitui na prática o sobrenome do indivíduo,

acompanhando-o as suas interações, apesar de não ser adotado formalmente como ocorre nos casamentos. Pode-se pesquisar se agregar o nome de seu empreendimento de sucesso ao seu próprio nome não corresponde a portar um título de nobreza do novo século. Motivo adicional pelo qual o ‘nome forte’ da instituição pode proporcionar um ‘nome forte’ ao indivíduo.

*Oh para você ter uma ideia, esses dias eu liguei para um pai e falei assim: “oi fulano! Aqui é a Rute da escola tal”, aí ele falou para mim assim: “oi Rute aqui é o José da empresa tal”, “que coisa né José! Porque que eu falo Rute da escola tal?”, “porque se você falar que aqui é a Rute e o meu sobrenome, ninguém vai saber quem é”. Então você põe na sua identidade a sua empresa. (Rute)*

*Vamos supor assim; dependendo do local que ligo se eu falar: “olha, aqui é a Vera!”, eu posso até dar o meu nome completo; “Vera? Eu não estou lembrada!”, “há, é (a Vera) da escola tal”, “sim, agora te conheço! (Vera)*

Isso porque, na constituição da identidade de um indivíduo adulto, a carreira profissional e o desempenho dos papéis relacionados à profissional são elementos constitutivos do indivíduo. (STRAUSS [1959], 1999; GOFFMAN [1961], 2015; NUNES, 2005). Dessa forma um dos pontos centrais da questão da identidade é a linguagem, o que denota que o nome é um dos principais elementos da identidade de alguém. (STRAUSS [1959], 1999).

Para Strauss ([1959], 1999) o nome tem muito a dizer sobre quem o carrega, mas também sobre quem escolheu o nome. Entre os participantes das entrevistas, houve quem escolheu o nome de sua escola, houve quem comprou uma escola que já tinha um nome, e houve até quem comprou somente o nome de uma escola já existente para utilizá-lo em seu novo empreendimento; e neste caso é claro, o nome tinha algo muito especial para quem o adquiriu, um elemento fortemente relacionado à sua própria socialização primária. Como não é possível revelar o trocadilho que surgiu dentro da entrevista sem que seja exposta a identidade da escola ou do empreendedor, cabe apenas revelar que durante a entrevista, ao relatar alguns acontecimentos da sua socialização primária a entrevistada descobre com surpresa que o nome que comprou para sua escola a 28 anos correspondia a uma aspiração da sua infância.

É o nome que distingue uma pessoa, e através do nome que se conhece ela. O modo que um indivíduo se autodenomina, ou seja, como ele se identifica por vontade própria pode ser muito revelador sobre o vínculo entre esse nome a

autoimagem do indivíduo. (Strauss, [1959], 1999). Exemplo disso são os casos que o próprio indivíduo escolhe seu nome, como nos casos de mudança de nome, o nome tem ainda muito mais a dizer sobre o indivíduo.

Para Strauss ([1959], 1999, p.38) “nomear é um ato”, isso requer a compreensão que ao nomear sua profissão o indivíduo também posiciona o seu trabalho dentro de uma categoria com o que deseja ser identificado, gerencia a impressão que deseja que o outro tenha a respeito de si próprio. A natureza ou essência de um objeto, ou no caso, da atuação do empreendedor em educação depende do modo como essa atuação é definida por quem o nomeia. (STRAUSS, [1959], 1999).

A escolha do nome que identifica as profissões autodeclaradas dos empreendedores em educação privada, diante da pluralidade de papéis por eles exercidos, aproximam-se mais da forma como eles querem ser conhecidos no meio onde interagem do que com o conteúdo do papel que exercem. Ao nomear sua profissão o indivíduo indica a categoria na qual quer que sua atuação seja compreendida. (STRAUSS, [1959], 1999). Na primeira entrevista, os empreendedores relacionaram vários papéis profissionais que eles desempenham, mas na segunda entrevista foi perguntado com qual profissão eles se identificam nos contextos sociais. Os fragmentos das entrevistas a seguir, demonstram como os empreendedores entrevistados **identificam suas profissões** em situações formais, e ainda, se, de acordo com o contexto alteram as suas respostas.

*Professora. Sempre eu falo que eu sou professora...inclusive se eu estou em um consultório médico e chega uma pessoa e fala: “você trabalha na (Nome da Escola)?”, “trabalho”, “e o que você faz lá?”, “eu sou professora”. (Rute)*

*Pedagoga. Sempre. Independente do contexto. (Juliana)*

*[Me identifico] geralmente como professora. Profissão: professora daí eles vão perguntando o local de trabalho e daí eu vou dizendo: “eu tenho uma escola, daí eu exerço a função de diretora”. Nunca empreendedora, nunca passei assim que eu sou uma empreendedora. (Vera)*

*Empresária. (Sempre como empresária) para mim é, porque eu venho sendo empresária a mais tempo, então para mim... se eu colocar como pedagoga eu acho que pedagoga vai para o lado da coordenação, então... O meu trabalho é voltado para gestão da escola de maneira geral e a pedagoga, ela vai cuidar só da parte pedagógica, a parte pedagógica da escola. (Magali)*

*Sou Gestor Educacional. (Eduardo)*

A partir da leitura desses fragmentos de entrevistas que direcionam o olhar para o modo que empreendedores entrevistados **nomeiam profissões** em situações formais emergiu a importância de apresentar os aspectos com os quais os empreendedores em educação se identificam e ao mesmo tempo se diferenciam do papel mais representativo do contexto educacional: o papel de professor.

#### 4.4.2 PROFESSORES OU EMPREENDEDORES EM EDUCAÇÃO

A identificação de empreendedores em educação com o papel de professor foi encontrada na literatura. Essa constatação é coerente com os achados de Lindgren e Packendorff (2008) numa pesquisa realizada com mulheres empreendedoras em educação privada na Suécia. Lá, as empreendedoras entrevistadas mantêm sua identidade fortemente vinculada ao papel de professora em detrimento de sua auto percepção como empreendedoras. No caso da pesquisa de Lindgren e Packendorff (2008) foi observado ainda que a forte vinculação de identidade ao papel de professor dificultava a percepção de algumas necessidades de gestão empresarial e financeira por parte daquelas empreendedoras.

Vale salientar que entre os participantes dessa pesquisa, a profissão autodeclarada pelos empreendedores, tendeu a permanecer inalterada ou muito próxima à atividade profissional que já desempenhavam antes de tornarem-se empreendedores em educação. Dessa forma, a apresentação própria como professor ou pedagogo, foi a profissão mais autodeclarada pelos empreendedores pesquisados. Segundo dados extraídos do diário de campo, um dos entrevistados, após o encerramento da segunda entrevista relatou com surpresa que para ele foi muito revelador ter tomado consciência que ele nunca se apresentava como empreendedor ou empresário. Para esse empreendedor especificamente apresentar-se como professor era uma resposta natural, sobre a qual nunca havia refletido. Mas no fragmento da entrevista abaixo, a auto apresentação de professor parece ser uma resposta mais elaborada, de modo que apresentar-se como professor é uma atitude refletida justificada por uma lógica própria.

*Na realidade é assim, eu sempre falo que eu sou professora e o meu objetivo é assim, não justificar demais sabe?! Porque se você falar assim: “ há eu sou a gestora, ou porque eu sou a diretora, eu sou a proprietária”, vem uma série de perguntas atrás: “ ai nossa! Então você é a esposa do (Fulano de Tal) eu já ouvi falar da sua escola”, então eu sempre digo que eu sou professora, fora*

*que eu acho que todo mundo do portão para dentro de uma escola é professor, você faz a gestão educacional de alguma maneira, você é porteiro, cozinheiro, faxineiro, você é educador ne?! Então eu sempre digo que eu sou professora. (Rute)*

Neste caso observa-se pelo detalhamento posterior à resposta que apresentar-se como professora, permite indicar uma profissão sem a necessidade entrar em maiores detalhamentos ou questionamentos. O fragmento abaixo, de outra empreendedora que se apresenta como pedagoga, é orientada pela mesma perspectiva.

*Então as vezes eu estou... um exemplo, no mercado... as pessoas falam: “ ha! Você trabalha na (Nome da Escola)? ” Trabalho! Não tenho porque eu falar “trabalho... porque sou a dona”, não vai me agregar a nada, seja com uma simples pessoa do mercado ou com pessoas de setores mais administrativos de empresa, não me agrega nada, a não ser que me perguntem, sim, aí eu responderei. (Juliana).*

A reflexão da própria entrevistada a partir de sua resposta a respeito da profissão que ela declara, é recebida com surpresa por ela própria. Apesar de sua primeira graduação ser em administração, é a profissão com a qual sonhou desde a infância que é sempre a apresentada.

*Nunca empreendedora, nunca passei assim que eu sou uma empreendedora...depois eu sempre acabo falando que a escola é minha mesmo, né?! Mas.... Você vê que interessante, eu nunca tinha parado para pensar nessa pergunta que você me fez. Nunca passo como administradora, como empreendedora, sabe?! (Vera)*

*Mesmo no cadastro de banco, daí eles perguntam lá função e eu coloco professora ou diretora, às vezes eu coloco do lado; sócia/proprietária, sabe?! Mas não fuge disso. Eu nunca tinha me ligado nisso. (Vera)*

Para Strauss ([1959], 1999) a nomeação fornece uma direção para a ação. Ao auto apresentar-se enquanto professor o indivíduo gerencia a impressão do outro para as expectativas sociais provenientes da atuação de alguém que exerce uma atividade dentro dos limites de um contexto educacional. Dessa forma, ao ir além da superfície da apresentação formal que utiliza, um dos entrevistados explica a sua trajetória renomeando o papel que mais desempenhou no decorrer de duas décadas.

*Inicialmente é muito mais professora, pouco pedagoga, depois muito pedagoga, pouco professora e pouco empreendedora. Essa função de muito pedagoga, pouco professora e pouco empreendedora tomou muito tempo dessa carreira e hoje eu me vejo, pouco professora, meio pedagoga e mais empreendedora. Até no meio pedagoga em função do grande respaldo que a escola se tem com duas profissionais responsáveis e que gerem muito bem ne?! O que anteriormente era feito por mim ou por outras pessoas, mas com uma concentração grande na minha pessoa, hoje a porcentagem da pedagoga, ela diminuiu significativamente em função de ter um respaldo*

*grande, mas se por ventura esse respaldo grande sair da empresa, a pessoa pedagoga retorna maravilhosamente bem, até que se ache uma outra para suprir, mas dentro da dinâmica, hoje eu me vejo mais como empreendedora do que como pedagoga e como professora. (Juliana)*

Essa fala é coerente com a fundamentação teórica que indica que a identidade sujeita a diversas mudanças durante a trajetória do indivíduo “pode manter-se relativamente imudada por consideráveis períodos de tempo.” (Strauss, [1959], 1999, p. 142). Mas essa fala reflete ainda que diferenciação entre o papel exercido e o papel de professor, é claramente conhecida pelos empreendedores, mesmo nos casos que estes escolhem ser nomeados de professores ou pedagogos no que se refere a sua identificação profissional. Para os empreendedores em educação, o papel de professor é relacionado à uma visão mais micro, do que ocorre dentro da sala de aula, enquanto o empreendedor obriga-se a desenvolver uma visão mais ampla. Os trechos a seguir das entrevistas ilustram as **diferenças percebidas** na ótica dos entrevistados **entre ser empreendedora em educação e ser professora ou ainda pedagoga**.

*...Esses dias até uma colega minha, que fez faculdade comigo falou: “ meu Deus (Rute), como você cresceu ne?!” Eu fiquei pensando depois, mas até que... a que preço? Quanto a gente trabalhou? Então eu acho que a primeira coisa é assim, eu acho que a primeira coisa é esse desprendimento para o trabalho, porque você ser só o professor em uma sala de aula é uma coisa, você ser gestor de uma escola é outra, você trabalha muito mais, você se doa muito mais ne?! Você abre mão de muitos finais de semana ne?! Por exemplo nós passamos 5/6 anos que o nosso final de semana era limpando e organizando, nós não tínhamos final de semana ne?! (Rute)*

*Eu acho que ver isso é muito de cada um assim, porque que as minhas colegas não... não sei, talvez por elas serem mais tranquilas, a maioria das minhas colegas são professora efetiva de Estado, efetiva de Prefeitura. Eu acho que o ser humano brasileiro procura muito estabilidade sabe Raquel. As pessoas querem estabilidade, é uma coisa impressionante, elas querem é sossego ne?! Fazer aquelas horinhas, voltar para casa, não vê muito essa coisa de crescer, de fazer a diferença ne?! Porque você como gestora de uma escola, você faz muita diferença, como professor também, mas como diretor faz mais, você consegue...consegue ampliar, você tem uma faz diferente perante as famílias, eu acho que é por aí ne? (Rute)*

*Não subjugando quem está em sala de aula, cada um tem o seu projeto de vida, mas a visão acaba sendo mais micro, seu problema acaba se restringindo aquelas 4 paredes, até não vendo a escola, a empresa como um todo, desde um simples papel jogado no chão, não, eu tenho a professora, a servente... a professora é responsabilidade dela, então se eu estou apresentando a escola para um pai e eu vejo um papel no chão já vou catando, não que não tenhamos profissionais que façam isso, mas o comprometimento dele é menor. A própria gestão financeira de você ter mais alunos ou ter menos alunos, o seu compromisso financeiro... você não vai... você tendo um déficit financeiro, você não vai reduzir o salário do profissional. Então existe na questão de visão de professor ou de funcionário... “ bom eu tenho 10 alunos, mas eu poderia ter 16, mas tudo bem! Estou fazendo o meu trabalho e eu vou ganhar por esses 10 alunos”. E até mesmo se tivesse uma*

*visão mais macro, vamos supor, vou receber uma visita na escola ser mais cordial com esse pai que de repente adentra tua sala: "olá pai! Boa tarde! ", Ele está fazendo parte daquela empresa, se aquele aluno não é para ela, mas é para empresa é para o benefício dela também. Então eu acho que a visão do funcionário acaba sendo, muito mais egoísta do que o do proprietário em si. (Juliana)*

Definir quem é o empreendedor em educação, um professor/pedagogo ou um empreendedor/administrador é um dos conflitos identitários mais presentes nos relatos. Isso porque o desempenho do papel de empreendedor em educação privada pressupõe conteúdos dos papéis relacionados à parte pedagógica bem como da parte administrativa da instituição. Mesmo nos casos que o empreendedor conta com pessoas que o auxiliem como pedagogos ou pessoas responsáveis pela administração, a atuação do proprietário da instituição demonstrou entre os entrevistados nunca ser afastado de nenhum dos papéis, apesar de terem clareza com qual papel mais se identificam. Um conflito identitário pode ser observado quando é necessário fazer uma escolha clara entre o conteúdo de um papel ou outro, pois as decisões apontam diferentes caminhos quando observados na perspectiva de diferentes papéis (STRAUSS, [1959], 1999).

Apesar de referir-se ao contexto da educação superior, uma observação semelhante foi feita por Correa (2015) na qual professores de pós-graduação de universidades públicas e privadas relatam vivenciar uma contradição ao precisar desempenhar papéis administrativos, ou que não são diretamente relacionados à docência ou à pesquisa. Para esses professores, o trabalho administrativo é relacionado a um trabalho sem sentido ou valor por não haver identificação com o conteúdo desse papel.

*(Questionado se já se perguntou que papel exercia no momento de uma decisão, administrador ou pedagogo?) Já, porque quando se trata da questão administrativa e de assuntos que são relacionados à burocracia e tal, eu consigo me colocar como administradora, aí na parte pedagógica a gente vai muito pelo tentativa e erro ne?!as vezes a gente tem que fazer algumas tentativas para ver se vai dar certo e eu sou muito flexível nesse sentido, há não deu certo assim, vamos tentar de outro jeito, vamos ver se dá, então... e as vezes o administrativo é mais fechado; "não, pera aí! Tem que ser assim se não vai dar certo", tem saída por esse caminho. (Magali).*

Se de um modo geral o desempenho dos papéis constitui-se diretamente na identidade do indivíduo que os desempenha, e o desempenho de papéis com lógicas diferentes resultam na constituição da identidade do indivíduo, importante atenção

deve ser dada à sobreposição de papéis pessoais e profissionais dentro dos limites da instituição. Partindo-se do ponto de vista os papéis profissionais e pessoais estão presentes na trajetória de qualquer indivíduo que exerça um trabalho, vale ressaltar as entrevistas realizadas trouxeram muitos exemplos do exercício de diferentes papéis profissionais e pessoais entre os mesmos indivíduos nos mesmos locais e horários.

*Às vezes eu brinco assim com (o Marido), ne?! Eu falo assim: “ eu vou agora me inteirar em outro papel aqui dentro”, mas assim na brincadeira.*

Salientando que a única generalização possível em uma pesquisa qualitativa é a generalização naturalística, apresentamos que no decorrer da trajetória das empresas, cônjuges, filhos, genro, e até mesmo pais passaram a exercer importantes papéis dentro da instituição, entre os quais de sócio ou sucessor. A presença dos filhos quando pequenos como alunos da instituição também foram relatadas assim como os relatos de sucessores que vivenciaram estar na escola ou em sala de professores quando crianças.

Outro aspecto da vida pessoal dos empreendedores que emerge das entrevistas é a necessidade que os empreendedores têm em demonstrar-se sempre bem, saudáveis e ativos, como forma de motivar suas equipes, de estarem presentes, de assegurar-se que tudo vai continuar caminhando bem. O fragmento abaixo, relata a fala de uma empreendedora sobre sua impossibilidade de afastar-se de licença maternidade na ocasião do nascimento dos filhos, e apresenta uma forte identificação de uma empreendedora com seu empreendimento hoje.

*Então assim; eu era recém-casada quando eu comprei a escola aqui, aí começou a vir os filhos, ne?! Os meus filhos praticamente nasciam aqui dentro da escola, porque eu saía daqui praticamente para ir para a maternidade, com um mês eu já estava de volta, enquanto o funcionário poderia ter os meus 4 meses de licença, 6 meses de licença. Então assim agora eu me vejo bem focada aqui na escola se você perguntar; a minha vida hoje? É a escola, ne?! (Vera)*

Situações de doença com necessidade de afastamento que fazem emergir as necessidades pessoais acima das demandas da empresa demonstram ser muito marcantes na trajetória dos empreendedores, em especial porque indicam como a empresa caminha sem a presença física do empreendedor. Se por um lado tudo caminhar bem por indicar que cada profissional sabe exatamente o que é esperado dele, por outro os indicativos que a escola pode continuar caminhando mesmo sem a presença do empreendedor suscita angústia, pois pode indicar que a necessidade da

empresa ter o empreendedor em suas quatro paredes durante todo o período do funcionamento pode refletir um significado atribuído pelo próprio empreendedor ao que é gerir um empreendimento.

No aspecto profissional atribuições originalmente esperadas dos papéis de empreendedora, pedagoga, coordenadora, diretora, administradora e professora participam da composição das atividades que são inerentes à atuação de um empreendedor em educação privada. Diferentes fatores são responsáveis pela atuação mais intensa ou mais superficial de cada um deles. Essa atuação também vai sendo modificada na trajetória empreendedora. Além disso, a formação do profissional, a área que lhe traz maior satisfação pessoal, e principalmente a área que representa maior carência na composição da equipe. Com a presença de profissionais contratados como pedagogos por exemplo, que os empreendedores diminuem as atividades de rotina nesta área, mantendo prioritariamente a gestão pedagógica de aspectos mais estratégicos para a instituição.

Além dos diversos papéis profissionais desempenhados pelos empreendedores em educação privada, os desempenhos de papéis pessoais também estão intrinsecamente ligados à constituição da identidade pessoal. Suas falas são permeadas de relatos que as apresentam como mulheres, esposa, mães, avós, filhas, irmãs, sobrinhas, sogras, netas; ou ainda como marido, filho, irmão, neto. E mesmo que tenham iniciado sozinhas em suas trajetórias empreendedoras, relatam apoio da família para o estabelecimento dos negócios. Uma das participantes inicia sua trajetória como sucessora, num negócio que fora iniciado pela mãe, e depois teve a participação do pai, apresenta seus papéis pessoais como um dos motivos pelo qual o tamanho de sua empresa hoje é suficiente e não quer mais crescer.

*Me basta porque eu tenho os meus filhos para criar, dentro dessa realidade de empresa eu consigo me organizar na vida profissional, na vida pessoal, em alguns momentos eu assumo os meus filhos, em outros momentos infelizmente eu ter que terceirizá-los para escolas, para cursos, em uma situação de crescimento é claro vai me exigir mais eu vou ter que delegar cada vez mais os meus filhos também, isso é uma grande preocupação, isso é meu, eu não consigo mudar... (Juliana)*

Mesmo no caso que o cônjuge não trabalha diretamente na empresa, o apoio é considerado fundamental:

*(Falando sobre eventos ou pessoas mais marcantes para tornar-se uma empreendedora em educação) em primeiro lugar acho que foi o meu desejo ne?! De estar dentro da educação, eu busquei isso, o meu marido me apoiou muito, me ajudou, negociou comigo durante 4 meses para a gente conseguir... (Magali)*

As perspectivas de crescimento do negócio trouxeram em determinado momento a contribuição de outros familiares à gestão do empreendimento: são maridos, filhas, filhos, genro, irmãs que passam a atuar principalmente nos aspectos administrativos, financeiros e as vezes pedagógicos. Os empreendimentos tomam a dimensão de familiares, o que é traduzido de uma forma da proximidade de relações também com os clientes.

Ao desempenhar o papel de empreendedor, o indivíduo modifica em si próprio a percepção de algumas necessidades pessoais próprias, o que pode representar alguns riscos para sua própria saúde. Uma empreendedora relata que há a expectativa que empreendedores não podem ficar doentes. Outra, relata um episódio onde além de utilizar o período de férias para fazer uma cirurgia, pede para alguém trazê-la à escola para verificar como estão as atividades de manutenção desse período.

*Eu acho que o empreendedor ele... uma coisa muito interessante no empreendedor que é assim o; você nunca pode ficar doente ne?! Então é muito interessante isso, porque quando você fica doente, adoece todo mundo que está atrás de você, eu dou um exemplo vivo; eu estou (descreve a doença) já faz uns 3 anos, então eu fico bem, faço a minha reabilitação regular, eu fico bem. Quando eu estou bem, estou bem, mas se eu não mudar um pouco a minha feição alguém já diz: "está atacando a (tal doença)?" Então assim, é muito interessante quando o empreendedor adoece as pessoas ficam muito alertadas, muito antenadas para você, como se você não pudesse adoecer, da mesma maneira que você não pode viajar ne?! Você não pode tirar férias ne?! Isso é uma coisa muito do Brasileiro, isso a gente não vê lá fora, o empreendedor não tem muito isso é um relacionamento mais cético, aqui não é um relacionamento muito emocional, o funcionário fica muito próximo de você. Eu acho porque o setor educacional faz isso. Você adoce, sempre tem alguém de olho em você; "está tudo bem?", você está andando no corredor e perguntam: "está tudo bem?" Vira uma... você adoecer vira uma comoção, é interessante isso ne?! Você observar isso. (Rute)*

Um dos empreendedores solicitou que a segunda entrevista fosse feita na semana seguinte à primeira, pois possivelmente passaria por uma nova cirurgia referente à uma situação de saúde iniciada no começo no ano. Logo após o encerramento da segunda entrevista traz uma fala interessante mencionando que participar das entrevistas tinha lhe feito muito bem. Pela primeira vez, diz ele, alguém me procurou para fazer uma entrevista focada não na minha escola, mas na minha trajetória como empreendedor, e isso fez bem para minha autoestima. E relatou que a sua situação de saúde a deixa com a autoestima abalada: "eu não consigo fazer

aqui na escola as coisas que são preciso!” E as dificuldades pessoais aparecem refletidas na atuação profissional.

*Bom eu sou a (Nome), aqui da escola é um (desejo desde a infância) um (desejo) assim realizado, hoje eu me vejo assim, na parte profissional eu já me vejo assim um pouco cansada da área de educação devido assim a vários problemas, tanto burocrático como as vezes problemas pessoais ne?! Mas assim; amo o que eu faço, a minha vida sempre foi trabalhar na parte da educação, nunca desempenhei outro papel, outra profissão, nada, sempre foi na parte de educação, o qual aqui na escola sempre me deu abertura para seguir da parte de administração mesmo ne?! Mas antes de trabalhar aqui na escola eu já trabalhava em outras escolas como professora ne?! (Marisa)*

O modo como o desempenho do papel de empreendedora passa a fazer parte da própria pessoa enquanto indivíduo, é relatada por essa entrevistada de uma maneira muito precisa. Ela sente-se vivenciando esse papel o tempo inteiro, inclusive quando vai para casa, quando vai dormir. Na sua fala somente em situações específicas, num âmbito totalmente familiar, em férias, fora da cidade ela consegue dissociar-se do desempenho do papel. Possivelmente esse aspecto é muito relacionado ao contexto brasileiro.

*(Relatando que os papéis profissionais e pessoais não se dissociam). Ele... ele fica realmente dissociado no âmbito bem familiar, em um âmbito bem seguro, principalmente em período de férias, você consegue dissociar, mas a responsabilidade no dia a dia mesmo eu não estando presente aqui na escola em algumas situações, essa carga, esse peso, essa responsabilidade não dissocia, eu não consigo deixar a responsabilidade de ser profissional a partir do momento que eu saio do muro da empresa. Essa responsabilidade continua sobre a pessoa. (Juliana)*

A empreendedora que resolveu empreender com a visão idealizada que teria mais tempo para si própria e para os filhos, relata que não consegue desligar-se do que precisa ser feito. Na sua fala é possível observar que a demanda pela atuação de diferentes papéis na empresa, fazem com o papel que ela desempenha na empresa esteja intrinsecamente ligado a ela, à sua própria identidade.

*Na época que eu parti para isso (ser empreendedora) para mim significava mais tempo, ter mais tempo para mim, então a primeira vez lá que eu resolvi sair da empresa que eu trabalhava, que trabalhava empregada e partir para...então foi vontade de ter liberdade, mais tempo principalmente para os meus filhos ne?! (Magali)*

*(Ter mais tempo) que na época era um desejo... (Meus filhos) eram pequenos, então no primeiro momento eu achei que ser empreendedora ia me dar isso, só que eu estava enganada. (Risos) (Magali)*

*Eu acho que foi aos poucos que foi... na verdade a necessidade que me faz não separar, por exemplo hoje acabou o dia e eu não consegui ver os meus e-mails, não consegui fazer as coisas que eu precisava ter feito hoje, então eu vou para casa, porque chega uma hora também que não rende mais, eu vou para casa eu durmo, mas quando é cinco horas da manhã eu estou com meu celular lendo os meus e-mails e respondendo, porque ficou do dia anterior. Então eu não consigo me desligar e falar “ não, depois eu vou na hora que eu chegar lá”, porque eu sei que na hora que eu chegar aqui vai ter outras demandas e vai ficando acumulando e vai ficando e acaba não conseguindo fazer. Então é uma coisa que não sei sabe, está sempre comigo. (Magali).*

O discurso do aprendizado em termos de delegar atribuições, muitas vezes é contraposto a necessidade do próprio empreendedor, de marcar sua presença de forma “full-time” dentro da organização. Isso de forma que alguns empreendedores relataram estar presentes na escola tanto do momento de sua abertura como no momento de fechamento. Neste sentido, a forma de trabalho dos empreendedores assume as dimensões encontradas na análise da mídia de negócios, onde não é mais o negócio que serve ao empreendedor, mas o empreendedor que passa a servir em tempo integral ao seu empreendimento (SILVA, 2016). O papel desempenhado passa a fazer parte do empreendedor.

Em decorrência da necessidade do indivíduo que constitui sua identidade a partir do desempenho de diferentes e por vezes contraditórios papéis como o de empreendedor e de professor/educador é preciso dar sentido às coisas que o indivíduo vê. A partir da sua visão de mundo, proveniente da socialização secundária, parecem dar sentido aos diferentes papéis que desempenham relacionando-os à razão e à emoção. A relação entre emoção e razão, sempre compreendidas de forma distinta, e não como faces de uma mesma moeda, permeiam a fala dos empreendedores em quase todas as entrevistas. Importante salientar que a categoria emoção emerge relacionada aos aspectos pedagógicos da instituição, enquanto a categoria razão é apresentada em relação aos aspectos administrativos ou empresariais. É ainda a emoção que é apresentada relacionada à dedicação à organização educacional, e a razão que cobra que o empreendimento precisa trazer um retorno pessoal e financeiro ao empreendedor.

*(Sobre o modo que a trajetória empreendedora fez emergir mais a razão em detrimento da emoção). Muito mais, muito mesmo. E isso eu acabei levando isso para o lado pessoal também... Com questões de relacionamentos familiares, de relacionamento com mulheres aliás, noiva, o jeito como eu comecei a ver as coisas ficou muito mais racional, muito mais racional. Eu sempre comecei a pensar em tudo, nunca no momento e sempre para frente, até quando eu conheci minha mulher por exemplo; quando eu conheci ela eu já comecei a pensar se era a mesma mulher daqui a 3 a 4 anos que eu queria*

*ter comigo para vida toda ou não, eu não estava pensando no momento, eu estava pensando a 4 anos para frente, entende?! Isso eu aprendi aqui, na escola, planejamento né?! Fica tudo mais cartesiano assim, eu fiquei muito mais cartesiano do que era antigamente.*

Vale salientar que essa cisão apresentada entre razão e emoção não tem correspondência nas atividades administrativas ou pedagógicas, pois as emoções também estão presentes nas atribuições do empreendedor, bem como o planejamento e execução dos objetivos pedagógicos requer basicamente racionalidade. Tal é a importância das emoções na atividade empreendedora, que Welppe et al. (2012) apontam que é necessário que o tema receba mais atenção dos estudos acadêmicos. (WELPE et al., 2012; CARDON et al., 2012). Para Welppe et al. (2012) a relevância das emoções na atividade empreendedora não tem sido estudada suficientemente. Ainda neste sentido Cardon et al. (2012) indicam que o contexto extremo de empreender com diferentes pressões e incertezas fazem emergir diferentes emoções no empreendedor. Para esses autores é preciso reconhecer que empreender é mais do que pensar e fazer, e sim, envolve pensar sentir e fazer.

#### 4.5 OS PAPÉIS DO EMPREENDEDOR EM EDUCAÇÃO

Retomando o tópico anterior, vimos que a partir da perspectiva teórica apresentada, pode-se dizer que ao autonegociar sua profissão, o indivíduo empreendedor, procura orientar no outro, a perspectiva de como deseja que seja compreendido o seu papel no seu contexto social. Os conflitos identitários presentes no desempenho de papéis que apresentam diferentes expectativas sociais requer a escolha rápida e adequada de qual papel está sendo desempenhado em cada situação. Cabe ao empreendedor em educação decidir se naquele momento ele é um empreendedor, um educador, um professor, um pedagogo, um diretor, ou até um administrador. Alguns elementos de cenário podem auxiliar o ator e a platéia manterem clareza da expectativa em relação ao papel a ser desempenhado naquele momento. Transgredir o *script* de um papel esperado para um determinado momento pode gerar embaraço.

Dessa forma, a partir da compreensão que as interações face a face decorrente do desempenho de papéis na vida adulta, especialmente dos papéis profissionais passam a fazer parte da auto percepção do indivíduo e da parte mais verificável do seu *Self*, o *Me* (mim), torna-se importante analisar a percepção dos

indivíduos a respeito de alguns elementos que compõe o desempenho do papel. (STRAUSS, [1959], 1999; NUNES, 2005).

#### 4.5.1 O Cenário

Fazer a atuação no palco permite ao ator usufruir de elementos como o cenário que dá para sua *performance*, de modo que apresente seu show de modo mais eficiente. A *performance* também é favorecida quando os outros atores conhecem bem o *script* de seu papel. Isso não significa que um ator não possa atuar ao ar livre, num lugar público, numa situação de improviso entre outros atores. Mas desempenhar o papel no seu palco onde os elementos do cenário foram cuidadosamente escolhidos por ele trazem mais segurança a esse ator. Ausentar-se do palco pode gerar situações de improviso com as quais o empreendedor não gostaria de lidar. Nos fragmentos abaixo dá para extrair a compreensão de qual é o **palco** de atuação e como a presença física e constante na própria organização proporciona a segurança ao empreendedor no desempenho de seu papel.

*... e eu já não concebo ter uma outra unidade e eu não estar presente nessa unidade, eu tenho que estar presente sim, por mais que possa ir no médico, eu volto para minha base de segurança, o fato de ter uma outra unidade me deixaria muito indisposta de você não estar presente, vendo o que está acontecendo, é uma visão que eu tenho, não consigo... (Juliana)*

#### 4.5.2 O Figurino

Assim como os demais papéis sociais, a representação do papel de empreendedor em educação é realizada de forma a gerenciar as impressões dos outros nas interações face a face de modo que os outros possam percebê-lo da forma desejada. (GOFFMAN, [1959], 2014).

As incertezas e a escolha de qual papel estão sendo desempenhados em cada situação, refletem na escolha que o indivíduo faz do próprio figurino. A escolha de um figurino que não corresponde ao que o indivíduo empreendedor considera como a expectativa do outro em relação ao seu próprio papel, ou ainda de um figurino que reafirme fortemente a vinculação com o papel de professor, trazem elementos importantes para análise da constituição da identidade do empreendedor em educação.

O figurino de desempenho do papel para o papel de empreendedor em educação requer um item exclusivo, não porque ele tenha definições e expectativas claras a esse respeito, e sim da forma complexa e com muitos elementos que ele é apresentado pelos entrevistados. De modo geral, os empreendedores demonstram clareza de transgredirem o *script* do desempenho do papel de empreendedor quando escolhem não utilizar uma roupa socialmente atribuída a esse profissional como um “terninho” ou um sapato com “saltinho”. Tal constatação é compatível com os achados da pesquisa de Silva (2016) que atesta que há uma expectativa de figurino para o empreendedor que está relatado na mídia de negócios.

O uniforme, é o figurino usual para estudantes da educação básica nas escolas públicas, apesar de sua obrigatoriedade ser proibida em alguns estados. Uma rápida observação nas escolas, aponta para o fato que os professores de educação básica, em que pese não terem uma lei que os obrigue ao uso do uniforme, tem no uso do guarda-pó ou jaleco que tradicionalmente era utilizado para proteger a roupa do pó advindo do uso do giz no quadro negro, um dos fortes elementos de sua identidade, evidenciado no figurino. Dessa forma as professoras de escolas públicas custeiam seus próprios uniformes de maneira que possam apresentar-se com o figurino que representa a expectativa social a respeito do papel.

Para os professores ou demais funcionários de escolas particulares, assim como nas empresas brasileiras de modo geral, quando o uso de um uniforme é obrigatório é custeado empresa, e, portanto, para um empreendedor, tornar obrigatório o uso de uniforme por parte dos funcionários, é uma decisão que afeta diretamente os custos da empresa. Dessa forma, é importante salientar que mesmo diante das preocupações financeiras relatadas em diferentes momentos pelos empreendedores, a utilização obrigatória do uniforme por parte da equipe profissional apareceu de forma constante nas falas. Diferente, porém dos tradicionais guarda-pós ou jalecos brancos, as cores do uniforme dos professores nas escolas visitadas eram fortes, marcantes, e com o logo e o nome da instituição sempre em evidência, numa intenção clara de marcar a presença e reafirmar a identidade da organização.

Em empresas de modo geral, a obrigatoriedade do uso do uniforme por parte dos funcionários, não é necessariamente refletida na utilização de uniforme por parte dos administradores da empresa, ou seus proprietários. Silva (2016) descreve o *script* claro do figurino a ser utilizado por um empreendedor no Brasil, presente nos últimos dez anos na mídia de negócios. E é exatamente a falta desse figurino descrito na

mídia de negócios, que é apresentada como uma transgressão, ou não corresponder às expectativas para um empreendedor, pelos empreendedores em educação. Nas entrevistas emergem falas que demonstram que os empreendedores utilizam o mesmo uniforme profissional utilizado pela equipe, e em um dos casos, direção, professores e alunos com o mesmo padrão de uniforme. Nas entrevistas onde os empreendedores utilizavam os mesmos uniformes que suas equipes profissionais, ou ainda que seus alunos apareciam em conjunto justificativas para esta escolha.

A **importância do figurino** emerge como uma categoria importante da identidade desses empreendedores mesmo em momentos que a intencionalidade das questões era dirigida a outros aspectos. O fragmento a seguir exemplifica isso.

*... A primeira coisa que eles esperam é uma pessoa sofisticada, maquiada e não de uniforme... o brasileiro tem uma coisa que ele valoriza a casca, então assim, muitas vezes ... eu já fui confundida com faxineira, com... muitas vezes, porque eu uso uniforme, por que que eu uso uniforme? Porque as crianças têm que perceber que nos todos estamos no mesmo nível aqui, não tem supremacia de poder, nós somos uma grande família, e o que mais a gente observa quando vem alguém de fora é essa questão que eu não estou com uma roupa diferente, então assim, quando eu vou para (lugar tal), eu ponho uma roupa diferente, quando eu vou representar (lugar tal), porque lá eu não sou (Nome da Escola). Então é uma coisa muito forte para mim isso, ter que ir trocar de roupa para ir lá e representar o (lugar tal) porque a roupa diz muito, o uniforme diz muito, eu acho que a primeira coisa que eles observam é isso, como é que é o seu espaço, se ele é muito sofisticado, eu acho que é isso, a primeira coisa e eu acho que 2 minutos de conversa você ganha a pessoa no que você vai falar, como você se posiciona, eu acho que perante a política, perante as coisas da vida, as coisas da atitude, solidariedade, essas coisas assim. Eu acho que hoje as pessoas estão fazendo uma leitura muito forte nesse sentido. (Rute)*

A escolha do figurino parece ser permeada por algumas escolhas deliberadas de não diferenciação em relação à equipe, ou ainda em relação aos alunos, atitude que não tem correspondência nas escolas públicas de modo geral. De forma complexa, enquanto sócio-proprietários das instituições, procuram diferenciar-se na sua forma de ser ao identificar-se com seus funcionários ou alunos na forma de vestir-se.

*É impressionante assim. Isso a gente sente em muitos quesitos assim, você vai por exemplo em uma loja o que você espera? Que o gerente esteja com uma roupa diferente. Você vai em um restaurante o metre está com uma roupa diferente do garçom, então o poder faz com que você esteja vestido de uma maneira diferente e isso é brasileiro, isso é na américa latina... isso é uma expectativa, nossa senhora! (Rute)*

*Como nós utilizamos o uniforme, toda gestão da escola, utiliza o mesmo uniforme do que os professores, você carrega aqui o nome da sua escola ne?! (Juliana)*

*Como... meu marido vive falando: “ (Juliana) vocês precisam ter uma roupa que as diferenciem das demais”, até mesmo trabalhando... como ele trabalha na área de administração, de repente se nós não nos conhecêssemos e eu marcasse uma reunião como diretora de uma pré-escola ele diria: “ não, mas que diretora é essa? Com esta apresentação? ”, mas é como nós nos sentimos bem, então já que a roupa, entre aspas, não favorece muito, a questão do cabelo, vai lá de rosto lavado e isso se torna na aparência e daí a educação como segundo, terceiro lugar, mas hoje em dia por exemplo nós não utilizamos o uniforme diferente, até porque nós fazemos funções que elas fazem também. Então como cuidar das crianças no parque com uma sandália com saltinho alto? Ou um terninho? Então pegar crianças no colo, que as vezes estão machucadas, você precisa de uma movimentação, então se nós não fizéssemos isso... até uma apresentação de roupa diferente seria mais adequado, mas como nós estamos tão embrenhadas no dia a dia, as roupas como todas as demais utilizam fica mais fácil. (Juliana)*

*Então você vê lá...e é uma coisa que eu tenho e que minha mãe também tem se... é incrível... se você acorda de manhã e você vai no médico e depois você volta, você poderia ir muito bem ir no médico com uma roupa qualquer, chega na empresa e coloca a sua roupa. Isso eu já não consigo fazer, se eu acordo e não coloco uniforme fico totalmente desorientada... (Juliana)*

O **figurino**, intencionalmente adotado no principal palco do desempenho educacional – a escola – pode ser recebido com desconfiança e estranheza em outros locais. Esses aspectos vão em concordância com os achados de Silva (2016) no que se refere à expectativa do empreendedor em relação ao seu figurino, presente na mídia de negócios. Os trechos abaixo exemplificam isso.

*Então, por exemplo em uma reunião do sindicato, você vai lá e você todo... a grande maioria com outra roupa e as pessoas não te reconhecem como a diretora da escola e esse também nem é o meu papel, ficar me destacando entre os demais, mas existe sim uma desqualificação de ver uma roupa que você sabe que os outros imaginam não ser uma roupa adequada para uma diretora, mas isso é problema deles, mas realmente a gente percebe. (Juliana)*

*Eu acho que hoje em dia está mais livre assim, essa questão do que eu usar. Eu quando eu vou em um órgão público, eu procuro me vestir um pouco melhor do que como eu venho na escola, eu venho de tênis, eu venho as vezes até de uniforme e quando eu vou por exemplo em uma reunião do (órgão tal), eu procuro me vestir um pouco melhor, pôr um sapatinho ne?! Mas não sei se é isso que as pessoas esperam. É o que a gente vê acontecer, que as pessoas fazem ne?! (Magali)*

De alguma forma, o gerenciamento da impressão que ocorre no outro é no sentido de apresentar-se de forma coerente com a expectativa social em relação ao papel de um professor, e não de um empreendedor. Esse gerenciamento de impressão do figurino extrapola os limites da roupa ligada ao próprio corpo propriamente dito, mas estende-se além do indivíduo como o carro que anda, compreendido aqui o carro como uma extensão do próprio indivíduo. Essa relação

com o corpo encontrada entre empreendedores do setor de educação estende-se a muitas dualidades, mas aqui é relacionada a aspectos financeiros – entre o lucro, e o sustento.

Para empreendedores de forma geral, o lucro é um dos indicativos da prosperidade do negócio, tal qual pode ser verificado no trabalho de Silva (2016). Para a autora, a mídia especializada em negócios trata de características e conhecimentos do empreendedor sempre voltados para o sucesso dos negócios; sendo dessa forma um direito de o empreendedor ser rico e bem-sucedido, e silenciando outros aspectos relacionados à auto realização. Mas esse é um dos aspectos dos quais se verifica uma diferenciação na percepção dos empreendedores entrevistados entre empreendimentos de modo geral e no setor de educação. O retorno financeiro pode ser encontrado nos fragmentos das entrevistas em forma de dualidade entre o sustento e o lucro. O sustento considerado como justo, adequado, justificável,

A expectativa percebida no outro, demonstra que por parte dos empreendedores entrevistados, existe a noção que a demonstração de um carro ou uma viagem podem gerar alguns embaraços com os quais os empreendedores nem sempre se veem confortáveis para lidar. Dessa forma, o lucro com um construto mal digerido, que precisa ser justificado, não deve ser ostentado, e muitas vezes acaba nem existindo. Um carro novo ou uma viagem internacional são apresentadas no próprio discurso dos empreendedores como coerentes a partir de outras fontes de renda, como aluguéis, outros empreendimentos, renda do marido, e histórico financeiro anterior ou independente do empreendimento educacional.

#### 4.5.3 A Plateia

Dessa forma, delimitar quem é a plateia para quem o empreendedor em educação representa o seu papel, permite a aproximação da compreensão do desempenho deste papel, de forma a perceber como ele passa a constituir a identidade desse indivíduo.

Compreendendo que ser empreendedor em educação privada requer o desempenho de diferentes papéis, e a mudança de *performance* entre um papel e outro é requerida sem que aconteça a troca do figurino ou cenário, é importante identificar outro elemento da metáfora teatral: a plateia. (GOFFMAN, [1959], 2014). O

empreendedor em educação atua diante dos alunos, da família dos alunos, dos professores no ambiente onde está estabelecido seu cenário. Mas o desempenho do papel de empreendedor também ocorre em outros ambientes, fora de seu cenário, para uma plateia diferente daquela que ele se depara diariamente. São empreendedores de outras instituições de ensino em reuniões de associações ou sindicatos, em cursos ou congressos de educação, nos órgãos públicos, no entorno da escola, nos locais de compra ou fornecedores localizados fora da escola, entre outros. Vale ressaltar que os entrevistados demonstraram maior preocupação com o figurino nos momentos que se encontram fora da escola, o seu cenário, evidenciando a importância que os elementos auxiliarem têm no desempenho do papel.

Em igual sentido de procurar definir qual é a plateia para a qual o empreendedor em educação está desempenhando seu papel para evitar situações embaraçosas existe um questionamento sempre presente na perspectiva dos empreendedores em educação que é a tentativa de delimitar quem é o seu cliente. Essa preocupação aparece no fragmento da entrevista a seguir.

*O cliente pequenino é ser humano, o cliente grande que paga para o cliente pequenino usar a escola é ser humano, em torno desse cliente tem outros seres humanos que são os avós, você tem o cliente professor que é um ser humano, você tem todo mundo que cuida da escola é s  
Ó gente, então a gestão ela é muito emocional, ela é muito gerida dessa coisa do cuidar, hummm...não do paparicar, mas assim uma coisa que você fica perto, de você ver como essa pessoa está, porque se a professora não está bem o aprendizado não vai ser bom, se a criança ela não vem bem, ela também não vai aprender bem, ela vai brigar com os amigos. (Rute)*

É importante salientar que parte da atuação do papel de empreendedor em educação pode ocorrer em até doze horas num único dia, durante todo o ano letivo e diante do mesmo público: alunos, professores. Durante todo esse período é necessária observação das regras, da coerência necessárias para o desempenho deste papel. Soma-se a isso a presença de seus próprios familiares no mesmo contexto onde desempenha seus papéis profissionais, que a princípio exige do indivíduo uma atividade mental intensa de tentativa que os papéis familiares não interfiram nos papéis de sócio. Dessa forma, o desempenho do papel de empreendedor passa a fazer parte da própria forma de ser do indivíduo em seu agir diário pela integralidade de tempo que esse papel é vivenciado. (GOFFMAN [1961], 2015; NUNES, 2005).

A atuação diante da mesma plateia – alunos, professores, funcionários – ocorre durante tanto tempo, que algumas vezes a percepção de mudança de papel só

ocorre quando há uma mudança na plateia. Pais de alunos, clientes em potencial, e vendedores, atendidos com hora marcada, demonstram não apenas a necessidade de uma organização da agenda do profissional, tal qual um médico ou um dentista, mas a necessidade de alteração do *script*. Essa mudança é melhor percebida quando ocorre a mudança do cenário onde o empreendedor atua, o que por vezes é descrito com certo desconforto, não apenas por demandar uma alteração no figurino diário, tal qual ocorre numa reunião num órgão público ou num sindicato, mas também por retirar o empreendedor do seu local de segurança, seu ponto de referência nas suas atuações: a sua organização escolar.

#### 4.5.4 Conteúdos do Papel de Empreendedor em Educação Privada

O conteúdo do papel de empreendedor, que atua na área de educação privada parece ser composto de conteúdos encontrados em diferentes papéis sociais, ressaltando-se o fato que não se identificam na totalidade com nenhum deles. Ao responder à pergunta se é um educador ou um empreendedor, os entrevistados relacionam uma série de profissões com as quais identificam algum conteúdo comum à sua atuação.

*Nossa! Eu acho que eu sou tudo, eu acho que eu sou um educador, que eu sou um porteiro, eu sou um psicólogo, eu sou um terapeuta, eu sou um coaching, eu sou um empreendedor quando tem que ser, eu acho que dentro da questão da educação você assume muitos papéis Raquel, você é professor quando você está dentro de uma sala de aula tentando passar um conteúdo, mesmo na fila de um bebedouro, tentando falar da importância da água, você é um educador quando amarra um tênis, ensina a amarrar um tênis... eu acho que a eu tenho muitos papéis dentro da escola sabe?! Eu acho que empreendedor você é a todo momento, porque você fica avaliando o tempo todo o que deu certo, o que deu errado, o que dá para melhorar, nessas reuniões administrativas no momento em que você está com a coordenação e está fazendo leituras de melhoria de escola ou de demissão, de admissão sei lá do que... eu acho que a gente assume muitos papéis ne?! (Rute).*

*Isso até por modelo de vida de minha mãe, não existe uma função única, então se precisar trocar fralda a gente vai trocar fralda, preencher uma agenda, atender um pai e atender uma criança no banheiro, juntar um lixo do chão, falar com as funcionárias, a questão pedagógica de planejamento já não faço mais em função de ter duas outras profissionais que são responsáveis, mas decisões mais macros, que vão influenciar no pedagógico, sim. O pedagógico do dia a dia, o planejamento, a avaliação, não, mas por exemplo a adoção de um livro, um evento que se faça envolvendo pais, isso sim é tudo é .... Elas compartilham comigo assim como eu tenho uma ideia diferente eu compartilho com elas e daí a gente faz a mudança ou não. Então se você pensar em gestora e empreendedorismo, uma cadeira, uma mesa e você no pedestal na nossa realidade isso não existe, até por participar e acreditar no princípio de que você dá o exemplo para o profissional, não é*

*nada... é a coisa mais válida para esse profissional ter você com uma pessoa ali de modelo, você... aquele serviço por exemplo dar banho em uma criança que evacuou, parece tão pequeno, mas você enquanto... você é uma gestora sabe do teu pedestal, que não existe, vai lá fazer o trabalho mais simples que se tem, até para você ajudar esse profissional que está em sala com as demais crianças. (Juliana).*

*Para você ter uma ideia as vezes eu me torno até uma, nem tenho curso, mas eu me torno até uma psicóloga de uma mãe, de um pai que senta aqui, como tem muitos pais e todo mundo tem problema, ne, nós temos problemas, imagine os pais aí por fora que tem problema e as vezes não está sabendo lidar com o filho, vem aqui e chora aqui nessa cadeira, sabe. Então assim com a pouca experiência que nós temos, eu acabo até dando uma de psicóloga, você entendeu?! Então eu acho assim que eu consigo separar bem essas papeis. (Vera).*

Dessa forma o desempenho de atividades operacionais em detrimento das decisões estratégicas nem sempre é percebido pelos empreendedores como um risco à instituição. A necessidade de “colocar a mão na massa” ou “justificar o salário que ganha” (Juliana) são frases que permeiam os relatos onde os empreendedores apresentam atividades operacionais como atividades relacionadas ao desempenho de seus papéis. Mesmo entre os empreendedores com graduação em administração, a relação de atividades operacionais desempenhadas foi muito presente, competindo em tempo com a função estratégica.

Isso porque, a importância de fazer-se presente para verificar, acompanhar a forma que as atividades diárias tem sido desenvolvidas dentro da instituição, de forma a escolher formas mais eficientes de desenvolver a mesma atividade, em muitos momentos passa a ser o puro e simples exercer a atividade operacional, por uma necessidade atribuída pela empreendedora, ou ainda pelo próprio prazer de executar atividades mais simples em detrimento de outras mais complexas ou burocráticas que ficam aguardando o empreendedor.

A perspectiva que enquanto executa uma tarefa operacional que poderiam ser realizadas por um terceiro, as decisões estratégicas e os rumos da instituição podem estar sendo colocados em segundo plano parecem passar a incomodar somente quando o futuro da organização parece estar em risco. Desenvolver uma atividade operacional atende mais rapidamente à expectativa dos outros em relação a demonstrar que realmente está trabalhando ou desempenhando uma atividade útil na empresa do que desenvolver atribuições estratégicas.

Sob a justificativa que a escola é pequena, e não pode dispor de pessoal excedente para cobrir eventuais faltas, uma dos empreendedores algumas das

funções operacionais que assume com frequência. Os fragmentos abaixo ilustram o desempenho de **funções operacionais** por parte dos entrevistados.

*Olha Raquel, assim como eu te falei é bem cansativo. Aqui na escola eu desenvolvo assim praticamente todos os papeis, eu tenho assim uma equipe maravilhosa de professores que me ajudam bastante, mas como eu te falei, eu tenho que desenvolver a parte administrativa, eu desenvolvo a parte pedagógica, eu desenvolvo a parte... se falta um funcionário na parte... mesmo limpeza, a parte de cozinha que eu tenho no período integral, eu desenvolvo essa parte. (Vera)*

*Mesmo nas atividades operacionais, porque como a minha escola é uma escola pequena, eu não consigo manter, vamos supor um funcionário, uma estagiaria para suprir essa falta desse funcionário. Então assim, eu e o (Marido), nós colocamos a mão na massa, tem que... faltou a cozinheira, tem que partir para a cozinha? Estamos lá, sabe. Eu sei que existem outras escolas que têm pessoas para suprir isso daí ne, mas a nossa escola é uma escola pequena, é ali tipo... a inadimplência está muito grande hoje em dia, ne, então tudo isso você tem que colocar no papel. Por isso que eu não posso ter um pessoal a parte para poder ficar suprindo quando falta um professor ou outro, né, se o professor falta, eu vou para sala de aula, sem problema nenhum. Então assim, eu resolvo tudo, sabe. (Vera).*

Ao atender as demandas da escola, como para atender às expectativas que atribuem ao desempenho do seu papel, os empreendedores trazem para o âmbito da vida pessoal e familiar atribuições essencialmente ligadas ao seu exercício profissional.

Traz-se para o fechamento desta análise de dados, um conto de Machado de Assis denominado 'O Espelho'. Neste conto, um Alferes quieto e dado à pouca discussão relata sua vivência de mais de duas décadas atrás quando, por ocasião de ter-se tornado Alferes permite que aos poucos o Alferes vá tomando-lhe o lugar que era do próprio homem. A distinção que lhe foi atribuída devido ao posto recém adquirido vinha sempre dos outros, em especial de uma tia bondosa que lhe permitiu ficar com um grande espelho, repleto de uma trajetória que remontava o tempo do império. Por um infortúnio, a tia precisa ausentar-se e em seguida lhe fogem todos os escravos. Sem uma pessoa sequer para chamar-lhe de Alferes e lhe oferecer o devido reconhecimento ao posto, segue-se nele um período de angústia e solidão. Sem o uniforme sua própria imagem aparece distorcida e malformada no espelho. Em meio a essa angústia e solidão, lembra ele de fazer o uso do uniforme de Alferes, e colocar-se em frente ao espelho. Imediatamente, ele encontra, no outro, mesmo que esse outro seja a sua própria imagem refletida no espelho, a reafirmação de quem ele é, de forma a reencontrar-se a si próprio.



## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados encaminham-se no sentido de indicar que para os empreendedores em educação privada entrevistados, os elementos que definem a situação de alguém ser um empreendedor é relacionado com a coragem, com gerar empregos, ver sempre à frente, planejar, estar presente. Para os empreendedores, existe uma expectativa social definida quanto ao figurino adequado para um empreendedor, e os entrevistados de alguma forma consideram-se transgredindo essa expectativa e mantendo sua forma de vestuário o mais relacionado ao seu jeito próprio de ser, ou ao uniforme de seus alunos e equipe.

Os conteúdos que compõe o papel de empreendedor na visão do indivíduo que desempenha o papel de empreendedor em sua relação face a face são papéis com conteúdos pedagógicos e administrativos. Os empreendedores entrevistados indicaram naturalidade em relatar a execução de atividades operacionais como presentes em sua rotina diária de trabalho, e demonstram cercarem-se de cuidados no que se refere ao gerenciamento de impressão no outro, quando em uma relação face a face. O gerenciamento da impressão do outro, ocorre ao empenhar-se em demonstrar segurança quanto ao desempenho do papel, do conteúdo adquirido em constantes capacitações, e no alinhamento do figurino à impressão que desejam apresentar.

Além disso, percebem que a questão do lucro, que em empreendimentos de outros setores é relacionado ao sucesso, precisa ser cuidadosamente gerenciada pelo empreendedor que atua neste ramo de atividade, sob o risco de colocar-se numa situação estigmatizada dentro da lógica dominante no contexto educacional brasileiro.

Neste sentido buscamos a contribuição de Ramos (2015) que a perspectiva econômica, tradicionalmente relacionada ao empreendedorismo, é apenas um dos aspectos da atividade empreendedora, e outros elementos como a auto realização são importantes.

Lembrando que a interação acontece não somente com o outros, mas consigo próprio, vale salientar que os empreendedores entrevistados se empenham em demonstrar convicção da importância e diferenciação do trabalho que desenvolvem em suas instituições. Antes de convencer seus interlocutores da qualidade de seus serviços assumem convicção própria neste sentido.

Os resultados encontrados apresentam indicativos compatíveis com um alto senso de autoestima e auto realização atribuídos ao empreendedor da literatura, diferenciando-se, porém, pela constante presença da participação do outro (cônjuge, pais, filhos, irmãos, sócios) em seus relatos, o que pode indicar outro aspecto da lógica da formação na área de humanas que se revela no discurso dos empreendedores em educação.

O mito de super-herói é vivenciado pelo empreendedor ao afastar ao máximo suas necessidades pessoais e demonstrar o quanto pode doar-se pela sua empresa. Assim como na pesquisa de Silva (2016) encontra-se indicativo que o empreendedor se percebe mais em viver em função de sua organização do que em servir-se dela. Consideram que seu ambiente de trabalho renova suas forças, e mantém-se nele o maior tempo possível. Demonstram pensar em perspectivas de deixar um legado, de perpetuar sua maneira de gerir uma organização educacional. Para isso, apresentam a dedicação à formação de outros profissionais, de planejamento da sua sucessão ou ainda ao sonhar em transformar sua escola e, portanto, sua forma de ensinar em um case de sucesso em gestão educacional.

A constituição da identidade do empreendedor em educação privada ocorre na sua interação com o meio ambiente e consigo próprio, onde percebe a expectativa que seu meio social tem a respeito do empreendedor, procura adequar-se parcialmente *script* para o papel empreendedor de forma a não comprometer o desempenho de seu papel, mas em sua relação consigo próprio procura manter uma parte mais estável de do seu eu próprio que é evidenciado em algumas situações cuidadosamente escolhidas ao frustrar deliberadamente a expectativa referente ao seu papel empreendedor. Sua trajetória é marcada por escolhas constantes e diárias, muitas das quais referentes às dualidades provenientes de lógicas diferentes que acompanham o desempenho do papel.

Um dos principais achados da pesquisa, foram as categorias que emergiram que sugerem a presença constante de dualidades presentes no desempenho dos papéis e da constituição da identidade do empreendedor em educação. Se as decisões entre aspectos pessoais ou profissionais estão presentes na vida de quaisquer indivíduos, e a ponderação entre fazer sua empresa crescer ou manter-se em um determinado tamanho, para os empreendedores em educação privada essas dualidades apresentam aspectos intrínsecos a própria forma de ser enquanto

indivíduo pela intensa relação que possuem com seu próprio empreendimento. Além da dualidade entre ser um educador ou um administrador, um pedagogo ou um empreendedor, muitas outras estão intrinsecamente relacionadas à identidade do indivíduo que empreende em educação privada.

Este aspecto, deve ser melhor analisado novamente através do contexto onde os empreendedores estão inseridos, e onde fizeram sua formação na área que escolheram atuar: a educação. Com um embate que dura séculos no país, mas que ficou mais acirrado a partir do século XX, a educação brasileira é permeada por uma disputa de ideais políticos que envolvem a questão do financiamento da educação. Dessa forma, via de regra, os professores e demais profissionais da área de humanas são formados sob os ideais de uma 'educação pública, gratuita e de qualidade', apesar que ao menos a questão da gratuidade seja facilmente questionada.

Assim sendo, são ignorados os aspectos históricos nos quais muitas vezes a educação pode vir a atender aos interesses dos grupos que estão do poder, independentemente de serem de direita ou de esquerda, e apresentada a educação pública como sendo mais legítima, ou do bem, enquanto a educação privada passa a tratada não como ela é: um mal a ser combatido em muitas políticas públicas de educação ou governamentais. Neste sentido parafraseamos Codo (1991) que denunciava que os psicólogos que atuavam dentro de organização eram considerados pelos seus pares como o "lobo mau" em psicologia.

Ainda neste sentido são apresentados como contraditórios a questão da qualidade do serviço oferecido e a quantidade total de alunos da instituição. Se crescer em número de alunos é um indicativo apresentado como sucesso do empreendimento, e entre os mais ressaltados nos primeiros anos da instituição, a partir de um momento o prédio onde funciona a organização é expandido somente até o limite da área onde ele está inserido. A impossibilidade de crescer naquele local é impossibilidade de crescer em alguns relatos. Expandir para além dos muros onde o empreendedor está de forma presencial é uma possibilidade negada. Desse modo algumas das possibilidades de crescimento pessoal do empreendedor e do seu empreendimento podem ser limitados, devido a alguns conceitos arraigados na sua identidade decorrentes da área de humanas; ele nega as evidências que percebe em si próprio um empreendedor, e sequer percebe o faça.

## 5.1 CONCLUSÕES

Tendo em vista que os resultados da pesquisa e sua análise foram orientados a partir dos códigos que emergiram durante a pesquisa, cabe agora a apresentação de como esses achados podem orientar a resposta do problema de pesquisa e responder aos objetivos propostos no projeto.

Lembrando sempre que esse trabalho foi desenvolvido com o objetivo de investigar como se dá a constituição da identidade do empreendedor do setor de educação sob a perspectiva do Interacionismo Simbólico. A resposta a esse problema de pesquisa pode ser alcançada respondendo-se primeiramente aos três objetivos específicos que orientaram a investigação:

1. Relatar qual é o significado de 'ser empreendedor' para o indivíduo que representa esse papel, no sentido de **definição da situação**.

Para o indivíduo que representa esse papel, o significado de ser empreendedor é relacionado a características positivas que ele identifica como socialmente esperadas para o papel, tais segurança, confiança, coragem, cautela, formar uma boa equipe e estar junto dela. Essas características ele procura desenvolver nas suas interações e apresenta no relato de sua trajetória, mesmo que no nível mais superficial da fala não se apresente a si mesmo enquanto empreendedor.

2. Verificar quais os conteúdos que compõem o papel que o empreendedor desempenha em sua relação face a face por meio da **tomada de papéis**.

Os conteúdos que compõem o papel que o empreendedor desempenha em sua relação face a face são aqueles destinados ao gerenciamento de impressão tais como o de demonstrar segurança, inspirar a confiança necessária, demonstrar-se presente, e corajoso, mas com cautela; de forma que nas suas interações receba a recíproca necessária para afirmar a si próprio no papel de empreendedor.

3. Identificar qual é o conceito que o indivíduo forma a respeito de si ao desempenhar o papel de empreendedor, por meio do **Self**.

O conceito que o indivíduo forma a respeito de si ao desempenhar o papel de empreendedor, por meio do **Self** ocorre no sentido de: a) confirmar que os elementos mais arraigados no **Self** do indivíduo, o **I** mantém-se mais estável, de forma a possibilitar ao indivíduo colocar a sua forma de atuar no desempenho do papel; b) nas suas interações o indivíduo gerencia as impressões alheias no sentido de confirmar a sua identidade enquanto empreendedor; c) que ao desempenhar o papel de

empreendedor o indivíduo apropria-se de características que fazem parte da expectativa referente a esse papel de modo que estas passam a ser percebidas pelo próprio empreendedor como parte visível do seu **Self**, o **Me**. Dessa forma, ao desempenhar o papel de empreendedor o indivíduo passa a reconhecer em si próprio características socialmente atribuídas ao empreendedor, como forma de confirmar sua identidade enquanto tal.

Dessa forma, pode-se denotar que a constituição da identidade do empreendedor em educação na perspectiva do Interacionismo Simbólico ocorre a partir dos significados atribuídos pelo indivíduo às interações que vivencia no decorrer de sua carreira de formação e profissional, de forma que conteúdos que compõem o papel de empreendedor em educação passam a constituir o Me compreendido como a parte mais visível do seu Self.

## 5.2 CONTRIBUIÇÕES TEÓRICAS E EMPÍRICAS

A revisão teórica possibilitou a identificação de lacunas teóricas no campo de estudos do empreendedorismo, buscando a compreensão de como os indivíduos constituem sua identidade a partir do desempenho do papel de empreendedor. Neste sentido o grão de areia que que essa dissertação tem a oferecer à montanha de conhecimentos construídos sobre a temática do empreendedorismo é proporcionar a reflexão sobre a possibilidade do uso da lente teórica do Interacionismo Simbólico como uma perspectiva que tem contribuições a oferecer à compreensão de como um indivíduo constitui-se empreendedor; em um setor onde os empreendedores precisam conviver com diferentes lógicas, como é o caso da educação privada.

Ainda refletindo a respeito da lente teórica do Interacionismo Simbólico sendo utilizado para a compreensão do fenômeno do empreendedorismo, apresentamos que apesar da perspectiva ter presença marcante nos estudos acadêmicos a muitos anos, a utilização da perspectiva no campo de estudos do empreendedorismo ainda é iniciante, e demonstra-se com um relevante potencial para a compreensão do indivíduo empreendedor.

Outra contribuição deste trabalho é no sentido de procurar sensibilizar os estudiosos do campo do empreendedorismo para o fato que existem setores de atuação de empreendedores, que por conviverem com lógicas ou particularidades que não comuns aos demais tipos de negócios, podem encontrar restrições pessoais para

se identificarem plenamente com o papel do empreendedor, e portanto menor possibilidade de usufruir das contribuições práticas decorrentes dos avanços dos estudos acadêmicos como forma de refletir suas trajetórias.

### 5.3 RECOMENDAÇÕES DE ESTUDOS FUTUROS

As recomendações de estudos futuros que se seguem são feitas diante da percepção que esta pesquisa apenas ‘arranhou a superfície’ da compreensão da constituição da identidade do empreendedor em educação privada, e apresentar algumas possibilidades que surgiram à pesquisadora durante o período de coleta e análise dos dados.

A primeira recomendação é que o potencial do Interacionismo Simbólico enquanto perspectiva de compreensão do tema empreendedorismo seja melhor explorado nos estudos acadêmicos, sobretudo naqueles que procuram compreender a trajetória empreendedora dos indivíduos, suas motivações e identidade.

A segunda recomendação é este estudo possa ser feito de forma comparativa entre empreendedores novatos e empreendedores *experts*, ou ainda ser realizado de forma longitudinal de modo que se possa denotar como os significados atribuídos pelos indivíduos à atividade empreendedora modificam-se no decorrer da trajetória.

Por último, mas não menos importante, sugerimos que mais estudos acadêmicos sejam realizados focados no empreendedor de educação privada, ou em outros ramos de atuação onde a presença de lógicas diferentes da vigente no mundo empreendedor são evidenciadas no contexto do indivíduo.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, MANOEL. A histórica contribuição do ensino privado no Brasil. **Educação**, v. 32, n. 1, p. 71-78, 2009.
- BANDEIRA-DE-MELLO, R.; SILVA, A. B. Softwares em pesquisa qualitativa. In: GODOI, C. K.; BANDEIRA-DE-MELLO, R.; SILVA, A. B. **Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais: paradigmas, estratégias e métodos**. São Paulo: Saraiva, 2010, p. 429-458.
- BAZILLI, Chirley et.al., **Interacionismo Simbólico e teoria dos papéis uma aproximação para a psicologia social**. São Paulo: EDUC, 1998.
- BECKER, Howard. A escola de Chicago. **Mana**, v. 2, n. 2, p. 177-188, 1996.
- \_\_\_\_\_. **Métodos de pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: Hucitec, 1999.
- \_\_\_\_\_. **Segredos e Truques da Pesquisa**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento**. 36.ed. Petrópolis: Vozes, [1966], 2014.
- BOEIRA, S.L.; VIEIRA, P.F. Estudos organizacionais: dilemas paradigmáticos e abertura interdisciplinar. In: GODOI, C. K.; BANDEIRA-DE-MELLO, R.; SILVA, A. B. **Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais: paradigmas, estratégias e métodos**. São Paulo: Saraiva, 2010, p. 17-50.
- BRAGA, Adriana; GASTALDO, Edison. O legado de Chicago e os estudos de recepção, usos e consumos midiáticos. **Revista FAMECOS**, v. 1, n. 39, 2009.
- BRASIL. Constituição (1998). **Constituição**: República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.
- BUSENITZ, Lowell W. et al. Entrepreneurship research in emergence: Past trends and future directions. **Journal of management**, v. 29, n. 3, p. 285-308, 2003.
- CARLAND, James W. et al. Differentiating entrepreneurs from small business owners: A conceptualization. **Academy of management review**, v. 9, n. 2, p. 354-359, 1984.
- CARTER, Michael J.; FULLER, Celene. **Symbolic interactionism**. Sociopedia.isa, 2015.
- CAMPOS, Héctor Montiel; PARELLADA, Francesc Solé; PALMA, Yarissa. Mapping the Intellectual Structure of Entrepreneurship Research: revisiting the invisible college. **Revista Brasileira de Gestão de Negócios**, v. 14, n. 42, p. 41, 2012.
- CANTILLON, Richard. **Ensaio sobre a natureza do comércio em geral**. Curitiba: Segesta Editora, 2002.

CARDON, Melissa S. et al. Exploring the heart: entrepreneurial emotion is a hot topic. **Entrepreneurship Theory and Practice**, v. 36, n. 1, p. 1-10, 2012.

CARVALHO, Pedro Monteiro de. **O papel do empreendedor na constituição da identidade: uma análise dramática**. 2016. 134 p. Dissertação (Mestrado em Administração) – Setor de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2016.

CHEN, Li-Wei; THOMPSON, Peter. Skill Balance and Entrepreneurship Evidence from Online Career Histories. **Entrepreneurship Theory and Practice**. Article first published online: 14 DEC 2015.

CODO, Wanderley. O papel do psicólogo na organização industrial (notas sobre o “lobo mau” em psicologia) In: ANDERY, Alberto A. et al. **Psicologia Social – o homem em movimento**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1991 [1984].

CORREA, Marcos Vinícius Pereira. **A constituição da identidade dos professores de pós-graduação de IES públicas e privadas: um estudo a partir das relações de poder e papéis em organizações**. Dissertação (Mestrado em Administração) – Setor de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2015.

CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2010.

DENISI, Angelo S. Some further thoughts on the entrepreneurial personality. **Entrepreneurship Theory and Practice**, v. 39, n. 5, p. 997-1003, 2015.

DE GOUVÊA, Anna Beatriz Cautela Trzská; SILVEIRA, Amelia; MACHADO, Hilka Pelizza Vier. Mulheres empreendedoras: compreensões do empreendedorismo e do exercício do papel desempenhado por homens e mulheres em organizações. **REGEPE - Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas**, v. 2, n. 2, 2013.

DOWNING, Stephen. The social construction of entrepreneurship: Narrative and dramatic processes in the coproduction of organizations and identities. **Entrepreneurship theory and Practice**, v. 29, n. 2, p. 185-204, 2005.

DUBAR, Claude. **A crise das Identidades: A interpretação de uma mutação**. São Paulo: Edusp, 2009.

ENNES, Marcelo Alario. Interacionismo Simbólico: Contribuições para se pensar os processos identitários. **Perspectivas**, São Paulo, v.43, p.63-81, jan./jun. 2013.

ENNES, Marcelo; MARCON, Frank. Das identidades aos processos identitários: repensando conexões entre cultura e poder. **Sociologias**, v. 16, n. 35, 2014.

ESMANHOTO, Luís Cesar. Palavras Iniciais in: BAÚ, Alvaro Luiz; GRISARD, Luiz Antonio. **Gestão Escolar Integrada – Uma proposta de diálogo financeiro e jurídico**. Curitiba: Editora Positivo, 2010.

ÉSTHER, A. B.; RODRIGUES, I.S.; FREIRE, E. S. A identidade empreendedora no contexto das empresas de pequeno porte. **REGPEPE - Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas**, v.1, n.2, 2012.

FARMER, Steven M.; YAO, Xin; KUNG-MCINTYRE, Kate. The behavioral impact of entrepreneur identity aspiration and prior entrepreneurial experience. **Entrepreneurship Theory and Practice**, v. 35, n. 2, p. 245-273, 2011.

FERREIRA, Jane Mendes.; GIMENEZ, Fernando Antônio Prado; RAMOS, Simone Cristina. Potencial empreendedor e gênero: estudo com varejistas de materiais de Curitiba/PR. **EGEPE – Encontro de Estudos sobre Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas**, v. 4, p. 313-324, 2005.

FERREIRA, Jane Mendes A **constituição da Identidade do Empreendedor a partir da Expectativa do papel**. Proposta do Projeto de Pesquisa aprovado junto à CAPES. Curitiba, 2014.

FERREIRA, Manuel Portugal et al. Pesquisa em empreendedorismo no principal periódico internacional: Um estudo bibliométrico das publicações no Journal of Business Venturing entre 1987 e 2010. **REGPEPE - Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas** v. 3, n. 1, 2013.

FERREIRA, Manuel Portugal Vasconcelos; PINTO, Cláudia Frias; MIRANDA, Rui Mourato. Três décadas de pesquisa em empreendedorismo: uma revisão dos principais periódicos internacionais de empreendedorismo. **Revista Eletrônica de Administração**, Porto Alegre, v. 21, n. 2, p. 406-436, 2015.

FIGUEIRA, F. G. Apresentação in: CANTILLON, Richard. **Ensaio sobre a natureza do comércio em geral**. Curitiba: Segesta Editora, 2002.

FILARDI, Fernando; BARROS, Filippe Delarissa; FISCHMANN, Adalberto Américo. Do Homo Empreendedor ao Empreendedor Contemporâneo: Evolução das Características Empreendedoras de 1848 a 2014. **Iberoamerican Journal of Strategic Management**, v. 13, n. 3, p. 123-140, 2014.

FILION, Louis Jacques. Empreendedorismo: empreendedores e proprietários-gerentes de pequenos negócios. **Revista de Administração da Universidade de São Paulo**, v. 34, n. 2, p.5-28, 1999.

GEM 2014 **Global Entrepreneurship Monitor - Empreendedorismo no Brasil Relatório Executivo**. IBPQ, SEBRAE, FGV, Curitiba, 2015.

GODOY, Arilda Schmidt. Refletindo sobre critérios de qualidade da pesquisa qualitativa. **GESTÃO. Org - Revista Eletrônica de Gestão Organizacional**, v. 3, n.1, jan. /Abr, 2005.

GOFFMAN, Erving. **A Representação do Eu na Vida Cotidiana**. 20.ed. São Paulo: Perspectiva, [1959], 2014

\_\_\_\_\_ **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. 4. ed. Rio de Janeiro: LTC, [1963], 2013.

\_\_\_\_\_ **Manicômios, Prisões e Conventos**. 9.ed. São Paulo: Perspectiva, [1961], 2015.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HSIEH, Chihmao. Do the Self-Employed More Likely Emerge From Sequential or Parallel Work Experience in Business-Related Functions? **Entrepreneurship Theory and Practice**, Article first published online: 14 DEC 2015.

KERLINGER, Fred Nichols. **Metodologia da Pesquisa em Ciências Sociais – Um tratamento conceitual**. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 1980.

LINDGREN, Monica; PACKENDORFF, Johann. Woman, teacher, entrepreneur: On identity construction in female entrepreneurs of Swedish independent schools. In: KYRÖ, Paula; SUNDIN, Elisabeth. **Women entrepreneurship and social capital: A dialogue and construction**. Copenhagen Business School Press DK, 2008, p. 193-224.

LOURENÇO, Mariane Lemos; VOGT, Sergio; CORREA, Marcos Vinícius Pereira. Identidade em Organizações: Produção Científica no Brasil no Período de 2004-2013. **Revista Cesumar – Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**, v. 19, n. 2, 2014.

MARTINS, José Pio. Prefácio in: BAÚ, Alvaro Luiz; GRISARD, Luiz Antonio. **Gestão Escolar Integrada – Uma proposta de diálogo financeiro e jurídico**. Curitiba: Editora Positivo, 2010.

MEAD, George Herbert. **Mind, self, and society**: From the standpoint of a social behaviorist. Chicago: University of Chicago Press, 1934.

MCCLELLAND, David C. **The achievement motive in economic growth**. 1971.

\_\_\_\_\_. **Human motivation**. CUP Archive, 1987.

MERRIAM, Sharan B. **Qualitative Research: A guide to design and implementation: Revised and expanded from qualitative research and case study applications in education**. San Francisco: Jossey-Bass, 2009.

\_\_\_\_\_. **Qualitative Research and Case Study Applications in Education**. San Francisco: Jossey-Bass Publishers, 1998.

\_\_\_\_\_. **Qualitative Research in practice: examples for discussion and analysis**. San Francisco: Jossey-Bass, 2002.

MILLER, Danny. A downside to the entrepreneurial personality? **Entrepreneurship Theory and Practice**, v. 39, n. 1, p. 1-8, 2015.

NUNES, J. H. **Interacionismo simbólico e dramaturgia – A sociologia de Goffman**. São Paulo: Associação Editorial Humanitas – Editora UFG, 2005.

RAMOS, Simone Cristina. **Macro cognição no processo decisório: um estudo com empreendedores experts**. 2015. 233 p. Tese (Doutorado em Administração) – Setor de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2015.

SCHWANDT, Thomas A. Três posturas epistemológicas para a investigação qualitativa – Interpretativismo, hermenêutica e construcionismo social. In: DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. **O Planejamento da Pesquisa Qualitativa – Teorias e Abordagens**. 2ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

SCHUMPETER, J. A. **Teoria do Desenvolvimento Econômico: Uma investigação sobre lucros, capital, crédito, juro e o ciclo econômico**. São Paulo: Abril Cultural, [1934], 1982.

SEBRAE (Org.) **Anuário do trabalho na micro e pequena empresa: 2013**. Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas; Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos. 6. ed. Brasília: DIEESE, 2013.

SEGAL, Gerry; BORGIA, Dan; SCHOENFELD, Jerry. The motivation to become an entrepreneur. **International journal of Entrepreneurial Behavior & research**, v. 11, n. 1, p. 42-57, 2005.

SENNETT, Richard. **A corrosão do caráter – consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo**. 14 ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 2009.

SERPE, Richard T.; STRYKER, Sheldon. The symbolic interactionist perspective and identity theory. In: **Handbook of identity theory and research**. New York: Springer, 2011. p. 225-248.

SILVA, P. V. B. Goffman, Discípulo de Mead? **InterMeio**: Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, v. 13, n. 25, p. 116-133, jan./jun. 2007.

SILVA, A.B., NETO, J.R. Perspectiva multiparadigmática nos estudos organizacionais. In GODOI, C. K.; BANDEIRA-DE-MELLO, R.; SILVA, A. B. **Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais**: paradigmas, estratégias e métodos. São Paulo: Saraiva, 2010, p. 53-86.

SILVA, Janaina Aparecida dos Santos. **O papel do empreendedor apresentado pela mídia especializada em negócios**. 2016. 111 p. Dissertação (Mestrado em Administração) – Setor de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2016.

SMITH, G; DENNIS, A. Interactionism symbolic. In: **International encyclopedia of the social & behavioral sciences** v. 12, 2 ed. Oxford: Elsevier, 2015. p.352-356.

SNOW, David A. Interactionism: symbolic. In: **International encyclopedia of the social & behavioral sciences**. Oxford: Elsevier p. 7695-7698, 2001.

\_\_\_\_\_ Extending and broadening Blumer's conceptualization of symbolic interactionism. **Symbolic interaction**, v. 24, n. 3, p. 367-377, 2001.

STAKE, Robert E. **A arte da investigação com estudos de caso**. 2 ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2009.

\_\_\_\_\_ Case studies. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y.S. (eds.) **Handbook of qualitative research**. 2 ed. London: Sage, 2000. p. 435-454.

STRAUSS, Anselm L. **Espelhos e Máscaras**. São Paulo: Edusp, [1959], 1999.

STRAUSS, Anselm L.; CORBIN, Juliet. **Pesquisa qualitativa: técnicas e procedimentos para o desenvolvimento de teoria fundamentada**. 2.ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.

STRYKER, Sheldon. From Mead to a structural symbolic interactionism and beyond. **Annu. Rev. Sociol**, v. 34, p. 15-31, 2008.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ, Sistema de Bibliotecas. **Manual de Normalização de Documentos Científicos de acordo com as normas da ABNT**. Curitiba: Editora UFPR, 2015.

VALE, Gláucia Maria Vasconcellos; CORRÊA, Victor Silva; REIS, R. F. D. Motivações para o empreendedorismo: necessidade versus oportunidade. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 18, n. 3, p. 311-327, 2014.

VERGA, Everton; DA SILVA, Luiz Fernando Soares. EMPREENDEDORISMO: EVOLUÇÃO HISTÓRICA, DEFINIÇÕES E ABORDAGENS. **REGEPE - Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas**, Curitiba, v. 3, n. 3, 2015.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, [1905], 2004.

WELPE, Isabell M. et al. Emotions and opportunities: The interplay of opportunity evaluation, fear, joy, and anger as antecedent of entrepreneurial exploitation. **Entrepreneurship Theory and Practice**, v. 36, n. 1, p. 69-96, 2012.

WERNECK, Alexandre. Segredos e truques do pesquisador outsider Entrevista com Howard S. Becker. **Dilemas – Revista de Estudos de Conflito e Controle Social**. v. 1, n. 1, jul/set 2008.

## GLOSSÁRIO

**Cenário:** compreende “ a mobília, a decoração, a disposição física e outros elementos do pano de fundo que vão constituir o cenário e os suportes do palco para o desenrolar da ação humana executada diante, dentro ou acima dele. O cenário tende a permanecer na mesma posição, geograficamente falando, de modo que aqueles que usem determinado cenário como parte de sua representação não possam começar a atuação até que se tenham colocado no lugar adequado e devam terminar a representação ao deixá-lo. ” (GOFFMAN, [1959], 2014. p. 34)

**Definição da situação** é o estabelecimento do que realmente está acontecendo e o estabelecimento do que é esperado dos papéis de cada um naquela situação, como por exemplo a inovação e mudança que são esperados do empreendedor. (GOFFMAN [1961], 2015).

**Desempenho:** “pode ser definido como toda atividade de um determinado participante, em dada ocasião, que sirva para influenciar, de algum modo, qualquer um dos outros participantes. ” (GOFFMAN, [1959], 2014, p. 28)

**Fachada:** “ ...a parte do desempenho do indivíduo que funciona regularmente de forma geral e fixa com o fim de definir a situação para os que observam a representação”. (GOFFMAN, [1959], 2014, p. 34). É composta pelas partes cênicas (cenário) e pela fachada pessoal.

**Fachada Pessoal:** relativo aos “itens de equipamento expressivo, aqueles que de modo mais íntimo identificamos com o próprio ator, e que naturalmente esperamos que o sigam onde quer que vá. Entre as partes da fachada pessoal podemos incluir os distintivos da função ou da categoria, vestuário, sexo, idade e características raciais, altura e aparência. Atitude, padrões de linguagem, expressões faciais, gestos corporais e coisas semelhantes”. (GOFFMAN, [1959], 2014, p. 34).

**Interação face a face:** “ a influência recíproca dos indivíduos sobre as ações uns dos outros, quando em presença física imediata”. (GOFFMAN, [1959], 2014, p. 27)

**Papel Social:** “definindo papel social como a promulgação de direitos e deveres ligados a uma determinada situação social, podemos dizer que um papel social envolverá um ou mais movimentos, e que cada um destes pode ser representado pelo ator numa série de oportunidades para o mesmo tipo de público ou para um público formado pelas mesmas pessoas.” (GOFFMAN, [1959], 2014, p. 28)

**Representação:** “...toda atividade de um indivíduo que se passa num período caracterizado por sua presença contínua diante de um grupo particular de observadores e que tem sobre estes alguma influência.” (GOFFMAN, [1959], 2014, p. 34)

## APÊNDICE 1 – ROTEIRO ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

### 1. Identificação:

Nome:            Idade:

Autorização para gravação: Você permite gravação da entrevista, para posterior transcrição e análise dos dados, para fins de dissertação de mestrado, preservando-se o sigilo e os dados que possam identificar você?

### 2. Confirmação dos dados referentes aos critérios de seleção dos participantes:

- Área e cidade de atuação:
- É formalmente vinculado ao contrato social da empresa?
- Desempenha papéis relacionados à empresa (mantenedora) e à escola?
- A quanto tempo atua como empreendedor?
- Formação e se já exerceu a função de professor:

### 3. Roteiro de entrevista semiestruturada, de acordo com os objetivos específicos da pesquisa:

- a) Quem é você, hoje?
- b) Como foi a sua história, em relação ao início na sua empresa?
- c) Como foram os eventos, ou as pessoas mais marcantes, significativas, nessa trajetória de você iniciar seu negócio?
- d) Antes de ter seu próprio negócio, qual o significado que a palavra “empreendedor” tinha para você? O que significava alguém ser um empreendedor?

- e) Gostaria que você me contasse como foi esse processo de ir se tornando um empreendedor: Como você construiu o seu jeito de empreender, e ao mesmo tempo como ser empreendedor foi se tornando parte da pessoa que você é hoje.
- f) Após estar à frente de seu negócio por tantos anos – como é ‘ser empreendedor’? Que papéis um empreendedor precisa desempenhar?
- g) Como você escolheu este ramo/setor de empreendimento?
- h) Como as pessoas esperam que seja a atuação de um empreendedor? Por exemplo – num primeiro contato – face a face – com alguém que ainda não te conhece – seja um cliente, candidato a um emprego, fornecedor, funcionário de órgão público – como as pessoas esperam que seja a atitude do empreendedor.
- i) Como você se vê hoje, atuando no ramo de educação privada? Você é um educador, um empreendedor, um professor? Como as suas interações enquanto empreendedora foram fazendo parte da pessoa que você é hoje.
- j) Como você foi percebendo as diferentes lógicas de sua formação (professor) e do mercado (empreendedor)? Como você lidou com essa diferença?
- k) Para finalizar, uma questão mais aberta, para você me contar, na sua ótica, como no decorrer dos anos o papel de empreendedor vai fazendo parte da própria maneira de ser enquanto pessoa, da sua própria identidade.
- l) Gostaria que você me contasse, como foi no decorrer dos anos assumir o papel de empreendedor? Como foram ocorrendo alterações no contexto onde você está? Como e em que aspectos você sentiu alterações no modo de interagir com as pessoas ao seu redor, e consigo próprio?
- m) Como se alterou a sua percepção a respeito de si próprio desde que você se tornou um empreendedor?

## APÊNDICE – COMPARATIVO DOS CRONOGRAMAS

Tendo em vista que o cumprimento do cronograma é um dos desafios da realização de uma pesquisa, optamos por reapresentar o cronograma do projeto de pesquisa, e compará-lo ao que efetivamente foi desenvolvido.

### CRONOGRAMA INICIAL APRESENTADO NO PROJETO DE PESQUISA

Etapas/ Quinzenas Ano 2016	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
Revisão Teórica	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	
Redação Projeto		■	■	■								
Marcação da Banca Projeto			■	■								
Defesa do Projeto Dissertação				■								
Revisão Projeto Dissertação				■	■	■						
Realização das Entrevistas					■	■	■					
Análise das Entrevistas						■	■	■	■			
Redação Final Dissertação								■	■	■	■	
Marcação da Banca											■	■
Defesa da Dissertação												■

### CRONOGRAMA DA REALIZAÇÃO DA PESQUISA

Etapas/ Quinzenas Ano 2016	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
Revisão Teórica	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	
Redação Projeto		■	■	■								
Marcação da Banca Projeto			■	■								
Defesa do Projeto Dissertação				■								
Revisão Projeto Dissertação				■	■	■						
Realização das Entrevistas					■	■	■	■	■	■		
Análise das Entrevistas						■	■	■	■	■		
Redação Final Dissertação										■	■	
Marcação da Banca											■	■
Defesa da Dissertação												■

Por tratar-se de uma coleta de dados com empreendedores em educação, o mês de julho, marcado pelo período de recesso escolar, não pode ser aproveitado para a coleta de dados.

A necessidade de melhor conhecimento e aprofundamento da utilização do Software Atlas TI demandou um período de tempo que não estava previsto no cronograma inicial.

A transcrição e análise das entrevistas, em período simultâneo ao da coleta dos dados demonstrou-se uma prática interessante na pesquisa, e possibilitou a compreensão da saturação teórica dos dados.